

ANEXOS

Anexo I – Guião de construção da entrevista: EPE

| FASES | OBJETIVOS | QUESTÕES/AFIRMAÇÕES | TÓPICOS | TEMPO |
|-----------------------------------|--|---|----------------|--------------|
| Acolhimento | Agradecer e criar um ambiente harmonioso. | | | 1' |
| Explicitação da Entrevista | Apresentar o enquadramento da entrevista, expondo as principais finalidades do trabalho a desenvolver. | Este trabalho tem como principal finalidade conhecer e analisar o estado atual da avaliação das aprendizagens, na Educação Pré-Escolar (EPE) e no 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), com vista a melhorar a articulação entre estes dois ciclos de educação básica. | | 1' |

| | | | | |
|--------------------------------------|--|---|---|------------|
| <p>Percepção da Avaliação</p> | <p>Conhecer e analisar representações de avaliação.</p> <p>Compreender as finalidades do processo de avaliação.</p> | <p>O que é, para si, avaliar?</p> <p>Na sua perspetiva, quais as verdadeiras finalidades do processo avaliativo?</p> <p>No 1º ciclo do ensino básico, qual/ais acha que deve/m ser a/s principal/ais finalidades da avaliação?</p> <p>Porquê?</p> | <p>Avaliar</p> <ul style="list-style-type: none"> - Classificar - Controlar - Verificar - Integrar e regular a prática educativa - Sustentar decisões - Formular juízos <p>Finalidades do Processo Avaliativo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apoiar e ajustar o processo educativo - Recolher e analisar situações pedagógicas e dos intervenientes envolvidos - Promover e compreender a aprendizagem | <p>7'</p> |
| <p>Quadros de Referentes</p> | <p>Conhecer estratégias avaliativas.</p> <p>Conhecer critérios de avaliação.</p> <p>Reconhecer indicadores de avaliação.</p> | <p>No 1º ciclo do ensino básico, o que constitui o referente da avaliação? O Programa de Ensino Básico, o Currículo Nacional do Ensino Básico - competências essenciais ou as Metas Curriculares de Ensino Básico? Ou ambas?</p> | <p>Dimensões Alvo de Avaliação (Aprendizagens Multidimensionais)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da criança - Projetos e atividades promovidas - Postura do adulto - Organização de grupos - Pais e comunidade - Organização do espaço | <p>10'</p> |

| | | | | |
|--|---|--|---|--|
| | <p>Identificar instrumentos de avaliação.</p> | <p>Quais deveriam ser as dimensões alvo de avaliação, no 1º ciclo do ensino básico? O que é objecto de avaliação?</p> <p>Quais os instrumentos de avaliação mais utilizados em contexto de 1º ciclo do ensino básico? Que razões o justificam?</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Interações - Espaço e Materiais - Tempo <p>Instrumentos de Avaliação (Situações de Desempenho Autênticas e Realistas)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Registos de observação - Descrições diárias - Registos de incidentes críticos - Registo contínuo - Amostragem por intervalo de tempo - Listas de verificação ou controle - Escalas de estimação - Grelhas de observação - Entrevistas - PIP (Perfil de Implementação de Programa) - EEA (Escala de Empenamento do Adulto) - COR (Child Observation Record) - EEC (Escala de Envolvimento da Criança) - ECERS (Early Childhood Environment Rating Scale) - TARGET (Ficha de Observação das Oportunidades Educativas das Crianças) - Portefólio | |
|--|---|--|---|--|

| | | | | |
|------------------------------------|---|---|---|------------|
| | | | | |
| <p>Funções da Avaliação</p> | <p>Identificar momentos de avaliação.</p> <p>Relacionar as estratégias utilizadas com a sua função avaliativa.</p> <p>Conhecer os agentes do processo avaliativo.</p> <p>Identificar a interatividade existente entre o avaliador e o avaliado.</p> <p>Analisar espaços de avaliação.</p> | <p>No 1º ciclo do ensino básico em que momentos se avalia?</p> <p>Como é que são definidas as estratégias avaliativas a utilizar ao longo do processo de aprendizagem?</p> <p>Considera que no 1º ciclo do ensino básico se privilegia alguma das funções das estratégias avaliativas: diagnóstica, formativa e sumativa, em comparação às restantes? Qual a razão que o justifica?</p> <p>Qual/ais o/s principal/ais agente/s do processo avaliativo? O professor titular? O aluno? A equipa pedagógica? Os encarregados de educação? Ou todos?</p> <p>No 1º ciclo do ensino básico assegura-se que são devolvidos os resultados da avaliação às crianças e às famílias? Qual a importância de o fazer?</p> <p>No 1º ciclo do ensino básico a avaliação ocorre em espaços concretos?</p> | <p>Integração da avaliação no processo de aprendizagem</p> <ul style="list-style-type: none"> - Agir de acordo com os dados recolhidos na avaliação - Promoção de atividades de verificação que garantem feedback aos alunos <p>Funções das estratégias avaliativas (Valorização do processo e do produto)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diagnóstica - Formativa - Sumativa <p>Qualidade do Feedback (Interatividade entre avaliador e avaliado)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apoio às crianças - Reforço positivo - Motivação - Questionamento de ações - Promoção de momentos de clarificação e reflexão sobre a ação | <p>15'</p> |

| | | | | |
|---|--|--|---|----|
| | | Reconhece dificuldades e constrangimentos associados ao processo avaliativo? | | |
| Comparação do processo avaliativo na Educação Pré-Escolar (EPE) e no 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) | Identificar as funções atribuídas à avaliação, de acordo com a valência de EPE e 1ºCEB. Compreender adaptações e mudanças a que o processo avaliativo responde. | Quais as principais diferenças que considera existirem entre a avaliação na educação pré-escolar (EPE) e no 1º ciclo do ensino básico (1ºCEB)? Consegue apresentar alguma sugestão de prática avaliativa que pudesse ser comum às duas valências? | Diferenças e conseqüentes sugestões de práticas avaliativas comuns - Dimensões de Avaliação - Estratégias Avaliativas - Instrumentos de Avaliação | 4º |
| | | Considera relevante acrescentar mais algum testemunho ou informação a esta entrevista? | | 2º |

Anexo II – Guião de construção da entrevista: 1ºCEB

| FASES | OBJETIVOS | QUESTÕES/AFIRMAÇÕES | TÓPICOS | TEMPO |
|-----------------------------------|--|---|---------|-------|
| Acolhimento | Agradecer e criar um ambiente harmonioso. | | | 1' |
| Explicitação da Entrevista | Apresentar o enquadramento da entrevista, expondo as principais finalidades do trabalho a desenvolver. | Este trabalho tem como principal finalidade conhecer e analisar o estado atual da avaliação das aprendizagens, na Educação Pré-Escolar (EPE) e no 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), com vista a melhorar a articulação entre estes dois ciclos de educação básica. | | 1' |

| | | | | |
|--------------------------------------|--|---|---|------------|
| <p>Percepção da Avaliação</p> | <p>Conhecer e analisar representações de avaliação.</p> <p>Compreender as finalidades do processo de avaliação.</p> | <p>O que é, para si, avaliar?</p> <p>Na sua perspetiva, quais as verdadeiras finalidades do processo avaliativo?</p> <p>No 1º ciclo do ensino básico, qual/ais acha que deve/m ser a/s principal/ais finalidades da avaliação?</p> <p>Porquê?</p> | <p>Avaliar</p> <ul style="list-style-type: none"> - Classificar - Controlar - Verificar - Integrar e regular a prática educativa - Sustentar decisões - Formular juízos <p>Finalidades do Processo Avaliativo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apoiar e ajustar o processo educativo - Recolher e analisar situações pedagógicas e dos intervenientes envolvidos - Promover e compreender a aprendizagem | <p>7'</p> |
| <p>Quadros de Referentes</p> | <p>Conhecer estratégias avaliativas.</p> <p>Conhecer critérios de avaliação.</p> <p>Reconhecer indicadores de avaliação.</p> | <p>No 1º ciclo do ensino básico, o que constitui o referente da avaliação? O Programa de Ensino Básico, o Currículo Nacional do Ensino Básico - competências essenciais ou as Metas Curriculares de Ensino Básico? Ou ambas?</p> | <p>Dimensões Alvo de Avaliação (Aprendizagens Multidimensionais)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento do aluno (atitudes e capacidades) - Conteúdos correspondentes a cada disciplina (conhecimentos) | <p>10'</p> |

| | | | | |
|---|--|--|--|-----|
| | <p>Identificar instrumentos de avaliação.</p> | <p>Quais deveriam ser as dimensões alvo de avaliação, no 1º ciclo do ensino básico? O que é objecto de avaliação?</p> <p>Quais os instrumentos de avaliação mais utilizados em contexto de 1º ciclo do ensino básico? Que razões o justificam?</p> | <p>Instrumentos de Avaliação (Situações de Desempenho Autênticas e Realistas)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Registos de observação - Descrições diárias - Registos de incidentes críticos - Registo contínuo - Amostragem por intervalo de tempo - Listas de verificação ou controle - Escalas de estimação - Grelhas de observação - Entrevistas - Notas de Campo - Portefólio - Testes - Cadernos de casa e da escola - Fichas de trabalho | |
| <p>trab</p> <p>Funções da Avaliação</p> | <p>Identificar momentos de avaliação.</p> <p>Relacionar as estratégias utilizadas com a sua função avaliativa.</p> | <p>No 1º ciclo do ensino básico em que momentos se avalia?</p> <p>Como é que são definidas as estratégias avaliativas a utilizar ao longo do processo de aprendizagem?</p> | <p>Integração da avaliação no processo de aprendizagem</p> <ul style="list-style-type: none"> - Agir de acordo com os dados recolhidos na avaliação - Promoção de atividades de verificação que garantem feedback aos alunos | 15' |

| | | | | |
|--|--|--|---|-----------|
| | <p>Conhecer os agentes do processo avaliativo.</p> <p>Identificar a interatividade existente entre o avaliador e o avaliado.</p> <p>Analisar espaços de avaliação.</p> | <p>Considera que no 1º ciclo do ensino básico se privilegia alguma das funções das estratégias avaliativas: diagnóstica, formativa e sumativa, em comparação às restantes? Qual a razão que o justifica?</p> <p>Qual/ais o/s principal/ais agente/s do processo avaliativo? O professor titular? O aluno? A equipa pedagógica? Os encarregados de educação? Ou todos?</p> <p>No 1º ciclo do ensino básico assegura-se que são devolvidos os resultados da avaliação às crianças e às famílias? Qual a importância de o fazer?</p> <p>No 1º ciclo do ensino básico a avaliação ocorre em espaços concretos?</p> <p>Reconhece dificuldades e constrangimentos associados ao processo avaliativo?</p> | <p>Funções das estratégias avaliativas (Valorização do processo e do produto)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diagnóstica - Formativa - Sumativa <p>Qualidade do Feedback (Interatividade entre avaliador e avaliado)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apoio às crianças - Reforço positivo - Motivação - Questionamento de ações - Promoção de momentos de clarificação e reflexão sobre a ação | |
| <p>Comparação do processo avaliativo na Educação Pré-Escolar (EPE) e no 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB)</p> | <p>Identificar as funções atribuídas à avaliação, de acordo com a valência de EPE e 1ºCEB.</p> | <p>Quais as principais diferenças que considera existirem entre a avaliação na educação pré-escolar (EPE) e no 1º ciclo do ensino básico (1ºCEB)?</p> | <p>Diferenças e consequências sugestões de práticas avaliativas comuns</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dimensões de Avaliação - Estratégias Avaliativas - Instrumentos de Avaliação | <p>4'</p> |

| | | | | |
|--|---|--|--|----|
| | Compreender adaptações e mudanças a que o processo avaliativo responde. | Consegue apresentar alguma sugestão de prática avaliativa que pudesse ser comum às duas valências? | | |
| | | Considera relevante acrescentar mais algum testemunho ou informação a esta entrevista? | | 2' |

Anexo III – Pedido de autorização aos Encarregados de Educação (Portfólio do S)

Caros Pais,

Bem-vindos ao portfólio do vosso filho S!

O portfólio é (...) *uma coleção de trabalhos das crianças, que demonstra os progressos, os esforços e as aquisições realizadas ao longo do tempo. A acumulação de trabalhos no Portfólio envolve as crianças e os educadores a compilarem os materiais, a discuti-los e a tomar decisões educacionais.* (Meisels e Steele, 1991 cit. Parente, 2004, p.:56)

Enquanto metodologia de avaliação, o portfólio possibilita conceder voz ao aluno acerca das suas aprendizagens, envolvendo-o de modo ativo e crítico na reflexão do seu próprio trabalho e desempenho, o que evidencia uma pedagogia centrada nele. O desafio de participação e (auto)avaliação do discente, inerente ao processo, terá como principais potencialidades pedagógicas o desenvolvimento de autoconceito positivo, autoconfiança, atitudes de diálogo e de pensamento crítico, responsabilidade, compromisso voluntário e persistência na realização das suas ambições, apoiadas pelo reforço positivo do adulto. O aluno terá ainda uma maior consciencialização do conhecimento que possui, adquirida pela descrição detalhada dos processos de aprendizagem. A última permitirá ao adulto adequar a sua intervenção.

Este portfólio será um reflexo de todo o desenvolvimento protagonizado pelo vosso filho nas diversas áreas curriculares do 1º Ciclo do Ensino Básico – Português, Matemática, Estudo do Meio e Expressões -. Para tal contará com registos de observação, fotografias, amostras de trabalho, vídeos, entre outras evidências. Estas serão o espelho de esforço, dos processos e dos resultados de avaliação e de evolução do vosso filho, tendo este oportunidade de, sempre que considerar oportuno, escolher e comentar os distintos registos elaborados.

Por último, importa referir que este trabalho será apresentado ao Doutor João Gouveia, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, como objeto de avaliação.

Muito obrigada pelo vosso consentimento e colaboração.

Atenciosamente,

A estagiária de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti:

(Mariana Marques Rocha)

Professor da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti:

(João Carlos de Gouveia Faria Lopes)

Autorizado pela professora cooperante:

(...)

Com o seu consentimento:

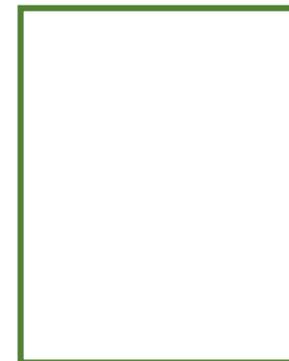
(Encarregado(a) de Educação)

Anexo IV – Registo de conhecimento (Portfólio da C)

COMO EU ME VEJO _____

| EU NO PASSADO | EU NO PRESENTE | EU NO FUTURO |
|---------------|----------------|--------------|
| | | |

Anexo V – Registo de conhecimento (Portfólio do S)



Chamo-me _____, mas prefiro que me
tratam por _____.

Nasci no dia ____ de _____ de _____, por isso tenho ____ anos.

Frequento o ____ °, da turma _____, do _____.

O meu livro preferido é _____.

O meu filme preferido é _____.

A minha cor favorita é _____.

O meu programa televisivo favorito é _____.

O meu grupo musical preferido é _____! O(A) meu(minha) cantor(a) preferido(a) é _____.

O(s) meu(s) passatempo(s)/desporto(s) favorite(s) é(são): _____

_____.

Se eu fosse um animal eu seria um(a) _____, porque _____

_____.

Se eu fosse um objeto eu seria um(a) _____, porque _____

_____.

Os nomes dos meus melhores amigos(as) são: _____

_____.

A(s) minha(s) disciplina(s) favorita(s) é(são) _____.

Para mim a escola é _____

_____.

Este ano letivo gostaria de _____

e tenho receio de _____.

Data: ____ - ____ - _____

Anexo VI – Transcrição da Entrevista: Educadora de Infância

E1 – Educadora de Infância, na Instituição A

Mariana – Bom dia.

E1 – Bom dia.

Mariana – Queria começar por expor que a presente entrevista está a ser realizada no âmbito de um trabalho de investigação que tem como principal finalidade conhecer e analisar o estado atual da avaliação das aprendizagens, tanto na Educação Pré – Escolar como no 1º Ciclo do Ensino Básico, com vista a melhorar a articulação entre estes dois ciclos de Educação Básica. Hm, por isso gostaria de começar por pedir uma breve apresentação de alguns dados pessoais, relativamente, por exemplo a aspetos como o tempo de serviço, o curso de formação inicial, se sempre esteve ligada a esta instituição ou não, enfim o que achar relevante.

E1 – Hum, hum, pronto. Tirei o curso de Educação de Infância na, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, tenho 13 anos de serviço e estou a trabalhar nesta instituição, prontos, desde que, que acabei o curso, há 13 anos.

Mariana – Pronto, obrigada!

E1 – De nada.

Mariana – Então, o que é, para si, avaliar?

E1 – Ah ... avaliar, avaliar a criança em termos de desenvolvimento de aprendizagem, avaliar o ambiente educativo, avaliar as atividades e a planificação e também a minha intervenção.

Mariana – E na sua perspetiva, quais as verdadeiras finalidades do processo avaliativo?

E1 – Ah ... Conhecer cada criança, cada criança e o grupo, ah registar evidências de aprendizagens, refletir e adequar a prática educativa, de forma a responder às necessidades individuais de cada criança.

Mariana – E?

E1 – Acho também importante referir que o educador deve estar atento na avaliação a alguns sinais que a criança possa dar e ... diagnosticar se a criança necessita de algum apoio de necessidades educativas especiais como, por exemplo, terapia da fala ou outros, até mesmo problemas de comportamento para poder adequar um ... um ensino especializado.

Mariana – Então as finalidades da avaliação que enumerou são aquelas que considera específicas para a Educação de Infância?

E1 – Exato.

Mariana – E porque razão?

E1 – Hum ... por essas mesmas que (risos), que acabei de dizer.

Mariana – Em Jardim de Infância o que constitui o referente de avaliação?

E1 – Hum... as Orientações Curriculares e as Metas de Aprendizagem. As metas hm surgiram para complementar as Orientações Curriculares ainda que na minha opinião de uma forma muito especificada, pois resultam numa, numa infindáveis metas (risos) que se pretende atingir antes do, do 1º ciclo.

Mariana – Então, quando planifica as atividades e a promoção de novas aprendizagens rege – se por estes dois documentos?

E1 – Sim, por estes dois documentos. Aliás, o plano curricular está elaborado com base neste, nestes dois documentos.

Mariana – Quais deveriam ser as dimensões alvo da avaliação em Jardim de Infância?

E1 – Ah ... as dimensões a avaliar, como já foi dito em cima, na primeira pergunta, como, sobre o que é avaliar, inclui também essas dimensões que é: avaliar o processo de aprendizagem da criança, ah ... as competências e as aprendizagens hm por áreas de conteúdo, avaliar a criança como sujeito da própria aprendizagem, tendo em conta, claro, as suas idades e também as características desenvolvimentais. Hum... avaliar a organização do ambiente educativo e também a prática do, do educador.

Mariana – Quais os instrumentos de avaliação mais utilizados em contexto de Jardim de Infância?

E1 – As observações, os registos de incidente crítico, hum... trabalhos mais relevantes das crianças, também as fotografias, vídeos que possam, que possam também fazer e, e também o portefólio. Acho que o portefólio que é um instrumento

muito rico tanto na recolha de evidências, como também na participação da criança. Ah, no entanto, não utilizo ainda porque o grupo é muito, muito grande, vinte e cinco crianças, e na minha opinião ou se faz uma coisa, ou se faz um trabalho bem elaborado e consistente ou então mais vale a pena, num, não vale a pena fazer. Hm, também a gestão de tempo não me permite, eu acho que quem consegue fazer um trabalho bem feito (risos) ao nível da construção do portefólio tá a ter, tá a ser mesmo heroico porque ah, hm ... em relação aquilo tudo que tu fizeste na construção do portefólio de uma criança, olha – se e vê – se que está um trabalho muito rico eh ... e, e para os pais ver aquele trabalho é um orgulho, ver a evolução da criança, porque tá ali estampado mesmo esse registo, humm ...

Mariana – O progresso.

E1 – O progresso, não é? Está lá estampado isso tudo, ... mas eu acho que não seria possível para vinte e cinco crianças, sinceramente. Ou então a educadora deixava de ter vida própria (risos) porque eu, eu já tentei, sinceramente, fazer, mas depois não voltei a fazer porque achei que o trabalho não estava devidamente, pronto, não tava bem elaborado. Embora eu considere, sinceramente, que, que era um instrumento de avaliação, que eu adora fazer, igual como tu fizeste, para cada uma das crianças ... As razões que justificam estes instrumentos ahh, prendem – se com a importância de se registarem as necessidades, as evoluções, as conquistas, os interesses, que ajudará o educador a planificar, adaptar e a melhorar a sua prática educativa.

Mariana – Então, os instrumentos de avaliação que focou são aqueles que utiliza na sua prática diária?

E1 – Sim, sim. Aqueles que eu utilizo são basicamente as observações, os registos de incidentes críticos ah, eh e trabalhos mais relevantes ...

Mariana – E quando fala nas observações estas incidem sobre a criança, sobre o quê?

E1 – Hum, principalmente sobre aquilo que eu posso observar ... por exemplo, através da atividade lúdica, ou até mesmo quando tamos num acolhimento e eu verifico algum interesse da criança, para depois ade(...), tentar levar esses interesses para a planificação e adequar a minha intervenção, em função disso.

Mariana – E em Educação de Infância em que momentos é que se avalia?

E1 – Ah ... qualquer momento pode ser alvo de avaliação, seja no acolhimento quando uma criança expõe um relato, nos momentos de atividades livres e orientadas,

ah ... nos momentos de reflexão e de planificação, ou até mesmo nos momentos de higiene ou no refeitório, qualquer momento serve de, permite ao educador a recolha de informação sobre, de cada criança ou, e até mesmo do grupo.

Mariana – Então considera que em Jardim de Infância a avaliação ocorre em espaços concretos?

E1 – Sim, sim... Porque ocorre no contexto, não é? A avaliação ocorre no contexto e em qualquer espaço ...

Mariana – No fundo é contínua e em permanência.

E1 – Exatamente. E em permanente, exatamente, uma vez que não existe assim nenhum momento específico.

Mariana – Nenhum momento chave.

E1 – Exato.

Mariana – Como é que são definidas as estratégias avaliativas a utilizar ao longo do processo de aprendizagem?

E1 – Pronto, são definidas de acordo com as observações e registos efetuados, conforme disse à pouco, no momento da planificação tentando ajustar as estratégias adequadas às características de cada criança ... e do grupo.

Mariana – Considera que em Educação de Infância se privilegia alguma das funções das estratégias avaliativas: diagnóstica, formativa e sumativa, em comparação às restantes?

E1 – Ah ... embora no início do ano se faça uma avaliação diagnóstica de cada criança e do grupo, como forma de conhecer as suas características através das observações e registos e é através destas que eu faço, que elaboro o plano curricular de sala ... hum... ah, a estratégia avaliativa mais usada em Educação de Infância é a formativa, esta estratégia permite avaliar de forma contínua os progressos da criança, reajustando a planificação e a ação educativa com vista à construção de novas aprendizagens.

Mariana – E, nomeadamente a avaliação diagnóstica só é realizada no início do ano?

E1 – Ela pode ser realizada também noutros momentos (risos). Nós costumamos fazer no início do ano como forma de conhecer e para também elaborar a caracterização do grupo, ah... prontos, para termos um bocadinho a noção de como é que está o grupo

em si, principalmente aos três anos é muito, é fundamental, não é? Ah ... mas todos os anos é feita, ah ... mas depois a meio, a meio do ano é possível também fazer – se outra, novamente, para termos outra vez, maior consciência daquilo que eles já sabem e são capazes de fazer, porque às vezes perde – se um bocadinho essa, essa noção.

Mariana – E, em relação à avaliação sumativa costuma recorrer a ela?

E1 – Ah ... sinceramente, não tenho por hábito, mas por exemplo quando, quando é detetado um caso de uma criança em que ah ..., como já aconteceu, não foi comigo, não foi com ... em nenhum dos meus grupos, mas já aconteceu uma criança ter de ficar cá, aliás ainda está cá este ano, não é na minha sala, mas é noutra sala ah... porque não tinha, pronto, ainda não tinha desenvolvido as competências necessárias para ingressar no 1ºciclo. Então acharam, a educadora em conjunto com os pais, e também ... porque essa criança tem necessidades educativas especiais ... e também com a educadora de ensino especial acharam por bem ele, ele ficar retido mais um ano para, prontos, para, para promover as competências ou para tentar melhorar.

Mariana – Então, no fundo considera que a Educação Pré – Escolar ...

E1 – E dessa forma torna – se sumativa porque se viram que a criança não é, ainda não adquiriu as competências necessárias, não foi atribuído o mau ou oh, oh não satisfaz (risos) como, como acontece no 1ºciclo, mas, mas prontos, foi o avaliar de forma sumativa porque viram que não, que a criança não tinha adquirido as competências necessárias.

Mariana – Considera assim que há uma indicação de que ela está apta ou não para transitar para o 1º ciclo.

E1 – (...) para transitar, para ingressar no 1º ciclo. Mas não é muito usual isso acontecer.

Mariana – Hm ... qual o principal agente do processo avaliativo em Educação de Infância?

E1 – Hm ... em Educação ... então é o educador e ... e, e também a criança. O educador tem o papel de observador e de adequar a sua planificação e intervenção, em função da progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. A criança tem um papel ativo na sua aprendizagem e no processo avaliativo, na medida em que ela vai tomando consciência daquilo que já é capaz de fazer e das suas dificuldades.

Mariana – Então promove momentos de autoavaliação à criança? Em que ela reflita sobre a sua própria aprendizagem ...

E1 – Sim, sim por exemplo quando a criança, isto é um exemplo muito prático do que acontece muito, principalmente, neste momento, em que ... na fase dos quatro anos em que eles estão a tentar escrever o nome. Quando eles es(...), conseguem, depois de várias tentativas, escrever o nome: “- Olha, já consegui!” Fazem logo, não é? Isto é apenas um exemplo, mas existem muitas evidências destas. Elas tomarem consciência daquilo que já vão ah ...

Mariana – da evolução.

E1 – Da evolução, exatamente.

Mariana – Hum ... e a equipa pedagógica e os encarregados de educação também são chamados a participar na avaliação?

E1 – Eh ... sim. Pelas conversas frequentes que eu tenho com os pais e isso, eu acho que os pais são, sinceramente, um ... fazem parte, são agentes também do processo avaliativo (risos) porque àquilo que eles nos vão dizendo diariamente, não é? Eles vão acrescentando, vão dando indicações de alguns tipos de comportamento, algumas atitudes que eles vão tendo e depois ajudam – nos muito a conhecer a criança e a, e a pronto, e também a adequar numa perceção avaliativa.

Mariana – E a equipa pedagógica?

E1 – Hum ... da instituição?

Mariana – Sim.

E1 – Sim. Quando temos algum caso mais problemático costumamos mesmo mencionar nas reuniões pedagógicas que temos semanalmente, não é? Expomos, várias vezes, casos de ... pronto, e vão dando as opiniões e de como podemos fazer e também costumam dar a sua opinião.

Mariana – Como disse, vai estabelecendo conversas frequentes com os encarregados de educação.

E1 – Sim.

Mariana – É através delas que devolve os resultados de avaliação à família, das próprias crianças?

E1 – Sim. No final de cada semestre fazemos uma avaliação por escrito que é entregue aos pais assim como, todos os trabalhos que são realizados pelas próprias crianças (tosse) eh, é importante que os pais tenham conhecimento do que a criança já é capaz de fazer, as suas evoluções e também acompanharem no desenvolvimento hm

... dos filhos. Ah, para além disso e, como eu já disse ah, os pais, no meu grupo , falo pelo meu grupo, não é?

Mariana – Claro.

E1 – Eles vão sempre dando conhecimento daquilo que a criança já é, muitas vezes já é capaz de fazer em casa, ah vão justificando algum comportamento que ele vai tendo e, e desse modo também fazem parte deste processo, não é?

Mariana – São também ...

E1 – Agentes ativos.

Mariana – No próximo ano gostaria de mudar alguma coisa na forma como avalia?

E1 – Não, acho que ... (risos) desde sempre avaliei desta forma e penso manter.

Mariana – Reconhece dificuldades e constrangimentos associados ao processo avaliativo? Consegue enumerar alguns?

E1 – Ah ... o principal, o principal, a principal dificuldade que temos encontrado e é comum, na, na instituição, com as minhas ... falamos muitas vezes em grupo, e é a falta de tempo e a gestão de tempo na recolha de registos ... ah ... porque a recolha de registos deve ser de forma siste, sistemática, não é? E muitas vezes nós, por falta de tempo, ou porque temos outras atividades que, ahh ... sei lá, da dinâmica institucional que temos bastante eh, e às vezes perde – se um bocadinho nisso, é o tempo para fazer esta recolha de registos de uma forma mais sistemática.

Mariana – E quais os aspetos positivos que encontra na avaliação? Quais as principais vantagens que conhece?

E1 – Os aspetos ...

Mariana – Positivos.

E1 – Isso é, é ... na base de tudo é conhecer pronto, a característica de cada criança, não é? As aprendizagens que elas vão fazendo, acho que é mais isso que está ... e também em relação ao educador adequar a ... Temos noção daquilo que está a fazer e adequar a nossa intervenção.

Mariana – Quais as principais diferenças que considera existir em entre a avaliação na Educação Pré – Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico?

E1 – Pronto, enquanto na, na avaliação na Educação Pré – Escolar, a avaliação é formativa ah ... na, no 1º ciclo é sumativa ah, ah, ou seja na educação pré – escolar avalia – se o processo da aprendizagem, enquanto que no 1º ciclo é atribuída uma classificação qualitativa e quantitativa avaliando mais o produto daquilo, da aprendizagem.

Mariana – Consegue apresentar alguma sugestão de prática avaliativa que pudesse ser comum às duas valências?

E1 – Daquilo que tenho conhecimento em relação ao 1º ciclo acho que, que seria manter os registos de observação que nós efetuamos no primeiro, no, na, no pré – escolar e, se o professor conseguisse fazer (risos), prontos, conseguisse fazer a construção de um portefólio para cada criança, acho que seria o ideal porque aí a criança, no pré – escolar a criança entusiasma – se muito com a construção do portefólio, por aquilo que eu posso observar ah ... e é contagiante, porque quando uma criança faz, todas os outros também querem fazer ...

Mariana – Sim.

E1 – No 1º ciclo se calhar, ainda não vou dizer, eu acho que isto é quase que utópico, mas seria bom (risos), se calhar ia ser mais fácil, entre aspas, porque a criança já tem muito mais autonomia, já é capaz de selecionar, se calhar sem a ajuda do professor as evidências de aprendizagem e, se calhar, não sei (risos) seria, prontos, apenas uma sugestão, até porque também sei, que existem depois algumas dificuldades conforme no pré – escolar nós temos, não é? Para pudermos responder a todas as necessidades e existe a falta de tempo, que é o grande entrave, no pré ... no 1º ciclo, certamente, também haverá este, este entrave porque o professor também tem um currículo para ... para cumprir, com aqueles objetivos todos e penso que será muito utópico, mas pronto, fica a sugestão (risos).

Mariana – Se um dia tivesse poder político, regulamentava a avaliação na Educação Pré – Escolar?

E1 – Eu sinceramente acho que ... que estamos, estamos a trabalhar bem no, na forma como estamos, penso que estamos a trabalhar bem. Hum ... depois claro que cada educador tem que adequar em função daquele, pronto, do grupo que apresenta, pronto o nosso plano curricular também é flexível ao grupo em que estamos a trabalhar. O educador ... é tudo mais flexível ... o educador tem de saber adaptar ... pronto, é uma forma de adaptação, a avaliação.

Mariana – Então não considera que deveria existir uma forma de avaliar comum, no fundo obrigatória para todos os educadores?

E1 – Sinceramente não. Acho que por instituição cabe ah, na instituição tentarmos, em equipa pedagógica, não é? Tentar que todas avaliamos da mesma forma... cabe depois ao educador tomar esse, ao educador não, à equipa pedagógica tomar essa decisão, opção de avaliação, do tipo de avaliação ...

Mariana – Hm ... E então, se a equipa pedagógica avalia toda da mesma forma como é que chegaram à conclusão de que tipo de instrumentos de avaliação deveriam utilizar, por exemplo?

E1 – Prontos, nós tivemos, nós somos todas formadas na mesma escola (risos), na, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, foi assim que nos foi dada a formação e foi esta a formação, a pedagogia que nós e, e usamos todas o mesmo tipo de pedagogia ... e trabalhos todas no mesmo sentido, por outro lado também temos as estagiárias que recebemos, nós somos educadoras cooperantes e ... e, não fazia sentido tomarmos outro, pronto, outra opção.

Mariana – Mas considera que, que necessita de algum tipo de formação para ter mais conhecimento, por exemplo, de instrumentos de avaliação? Alguma formação complementar?

E1 – Hum. Eu acho que, que é sempre bom termos algum tipo de formação e temos recebido anualmente ah ... algumas ajudas por parte da escola que nos vão dando formação ahh principalmente no fim do ano, poderia ser mais cedo ... (risos), mas a esse nível, em relação à avaliação, sim, podiam-nos dar mais algum, algumas sugestões que nos pudessem favorecer a nossa prática, acho que sim. Mas, ah, a última que nos foi dada foi sobre a construção do portefólio e, e (risos) nós achamos, todas nós achamos, em equipa, que é um bom instrumento de avaliação, embora não seja, prontos, não seja ah fiável, não só em relação ao tempo, mas também mesmo em relação ahh prontos, a nível financeiro, porque se fizermos para cada criança uma folha, até pode ser o próprio trabalho da criança a lá estar mencionado, até podemos escrever à mão, prontos ser manuscrito e não ser por computador, mas se quisermos fazer um trabalho muito bem elaboradinho, como o teu, aquele que tu elaboraste iria ficar muito dispendioso para vinte e cinco crianças, não é? Mas o grande fator é a falta de tempo, é mesmo a falta de tempo. Não conseguimos ... chegar a um ... ah ... chegar assim, não é por falta de vontade, é mesmo por falta de tempo ... não conseguimos mesmo chegar, a um... a uma solução para a construção do portefólio para cada criança.

Mariana – Pronto, e por último considera relevante acrescentar mais algum testemunho ou informação a esta entrevista? Alguma experiência de momento avaliativo?

E1 – Não, acho que já está. Acho que o que tinha a dizer em relação à avaliação que já disse, que não tenho assim muito mais a acrescentar.

Mariana – Pronto. Muito obrigada pela conversa.

E1 – Bom trabalho.

Mariana – Obrigada!

Anexo VII – Transcrição da Entrevista: Coordenadora Pedagógica da EPE

E2 – Coordenadora Pedagógica da EPE, na Instituição A

Mariana – Boa tarde.

E2 – Boa tarde, Mariana.

Mariana – Queria começar por expor que a presente entrevista está a ser realizada no âmbito de um trabalho de investigação, que tem como principal finalidade conhecer e analisar o estado atual da avaliação das aprendizagens tanto na Educação Pré – Escolar como no 1º Ciclo, com vista a melhorar a articulação entre estes dois ciclos de educação básica. Assim, num primeiro momento gostaria que fizesse uma breve apresentação do seu percurso profissional.

E2 – Hum ... é muito longo já, Mariana! (risos) Já tenho, creio, que vinte e oito anos de trabalho como educadora de infância, ah... portanto fiz o meu curso, ah, ah a minha formação profissional na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, na altura Escola de Educadoras Paula Frassinetti, ainda na, no outro edifício, portanto um curso médio, tendo feito depois a equivalência a bacharelato, quando o curso passou a bacharelato e depois a licenciatura, portanto um complemento de formação para ter equivalência à licenciatura, portanto é o meu percurso académico em termos de Educação Pré – Escolar. Como Doroteia, como Irmã Doroteia já tenho passado por várias realidades educativas. O meu primeiro trabalho, ainda não como Irmã Doroteia,

foi no bairro de Aldoar, na cidade do Porto. Ah ... depois tive nas nossas casas, portanto nas nossas obras educativas ou centros educativos: Colégio da Paz ah ... Van Zeller é a segunda vez que aqui estou, estive em Bragança, estive em Pinhel, também com creche e Jardim de Infância, ... estive na nossa Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti durante alguns anos como supervisora de estágios, como professora de Metodologias de Intervenção Educativa e dei formação para os valores. É o meu percurso assim mais ou menos.

Mariana – Muito bem. Então, o que é, para si, avaliar?

E2 – Hm ... boa pergunta, Mariana! Avaliar, para mim, implica melhorar. É sempre ah, ah, creio que é aquilo que eu mais identifico. Avaliar significa melhorar e avaliar significa tomar consciência do feito, do realizado para poder ah, fazer melhor, assim em português mais corrente é, ah, aquilo que eu penso, porque acho que na Educação Pré – Escolar ah, nem sempre é fácil avaliar porque cada criança é uma criança e portanto, ah, ah é preciso ter em conta isto, a individualidade que é cada um na personalidade, o seu contexto, ah ... social, económico, familiar ah ... para depois também conseguirmos avaliar aquilo que são aprendizagens. Porque há crianças que efetivamente hum, uma atividade ou hum, hum, um item de desenvolvimento pode ser fantástico porque naquilo que ela tem de trás, aquilo que ela traz de família pode ser muito pobre e portanto aquilo que ela vai conseguir no pré – escolar pode ser riquíssimo, alguma coisa que ela conseguiu, e para outra pode ser banal, porque os estímulos já são muitos, pronto, mas não sei se há mais ...

Mariana – E, na sua perspetiva, quais são as verdadeiras finalidades do processo avaliativo?

E2 – Ah, processo avaliativo, para mim, tem ... primeira finalidade: conhecer. Conhecer ah ... porque estou a pensar em avaliação do pré-escolar, avaliação da criança e dos comportamentos ou das competências de cada criança no pré-escolar ah ... é conhecer, conhecer em primeiro lugar a criança específica, concreta, ah ... depois avaliar para melhorar, ah ... avaliar para tomar consciência do caminho feito, para ver o que é que é para continuar, o que é para alterar, o que é para fazer efetivamente diferente. É isso que tem em vista a avaliação.

Mariana – E em Jardim de Infância, o que constitui o referente de avaliação?

(Silêncio, movimento com os ombros)

Mariana – É muito simples. Quais os normativos de referência pelos quais as educadoras de infância se regem, no fundo, para avaliar? Orientações Curriculares?

E2 – Ah ... sim, sim ok. Pronto, são aqueles de acordo com o Projeto Curricular, não é? Neste momento as Metas de Aprendizagem ah ... as Orientações Curriculares com as suas áreas de conteúdo, áreas de desenvolvimento na educação pré-escolar são os, os principais referentes para, para a avaliação.

Mariana – E quais deveriam ser as dimensões alvo da avaliação, em Educação Pré – Escolar?

E2 – Hum ...

Mariana – Qual o objeto de avaliação?

E2 – O objeto é a criança, não é. Não percebi o que querias saber com isso ...

Mariana – Sobre o que deve incidir a avaliação. Sobre a criança, as aprendizagens ...

E2 – Sim, sim as competências que ela adquiriu efetivamente, consideramos importante que ela ... de acordo com a idade que tem, a idade, a faixa etária e tudo o que ela é. Eu gosto muito de priorizar, para mim, é extremamente importante, priorizar a criança naquilo que ela é ... porque eu posso querer avaliar a criança ... eu tenho um médico que costuma dar este exemplo. O médico costuma dizer que dá – se o medicamento, olha – se muita vez para o doente de acordo com os manuais hum... e um doente é um doente ... prá aquele doente tem de ser assim daquela maneira e tem de se arranjar estratégias para aquele doente ... eu gosto muito de pensar que para a educação pré – escolar também é um bocadinho assim, hum. É aquela criança concreta que eu tenho que avaliar e é aquele grupo concreto, com as suas aprendizagens, com o que é, tal e qual ... e com as competências que eu considere importantes que ele seja capaz de adquirir, para lhe dar ferramentas para a etapa seguinte, mas com aquilo que ela é, porque eu não gosto de ultrapassar etapas.

Mariana – Hum. Quais os instrumentos de avaliação mais utilizados em contexto de Jardim de Infância?

E2 – Ah, temos o portefólio, não é? Que é um grande instrumento de avaliação, depois os vários registos, os vários tipos de registos de observação, não é? Hum ... eu considero que o portefólio é muito bom, hm com... mas precisa de para ser bem constituído, para ser ah ...bem realizado, um portefólio por criança na educação pré – escolar, necessita de muito pessoal adulto para ah, ah cuidar da criança, para desenvolver com o restante grupo as competências necessárias porque um portefólio individual para ser então portefólio reflexivo mais ainda ... precisa de ser muito bem

trabalhado e é muito difícil ah, ah trabalhá-lo, como deve ser, na educação pré-escolar, por isso às vezes fazemos uns, uma espécie de portefólio onde fazemos ... no meu tempo quando eu era, quando comecei a trabalhar fazíamos um caderno das coisas importantes ... hum ... e aí a criança guardava e nós guardávamos aquilo que considerávamos importante ... ah, depois fazíamos as nossas reflexões, ah ... portanto não tinha ah ... esta, que tem o portefólio, que é a ligação com a criança e a própria criança poder exprimir o que sente, de acordo com as experiências vividas. Mas temos que, penso que temos de caminhar para um meio termo, porque ele da maneira que como está concebido um portefólio reflexivo é ótimo, mas exige como educadores ah... não trabalhem, muitas vezes, com as crianças para realizar avaliações e é um processo, que quem está na educação de infância, a sério, ah ... prefere que dentro de uma sala de Jardim de Infância que num dia há aprendizagens contínuas a fazer, muuuitas aprendizagens a fazer e que implica que o educador esteja permanentemente em ação e em observação ...

Mariana – Exato. Ah. E ao nível da equipa pedagógica quais são os instrumentos de avaliação que a mesma utiliza?

E2 – Pronto, costumam usar, normalmente, grelhas de avaliação, costumam usar registos de avaliação, o que ah, ah, ... o portefólio, normalmente são estagiárias que o conseguem ah, ah utilizar ... ah, uma ou outra vez conseguimos, ah ... mas eu penso que é, essencialmente os registos de observação ah ... normal, registos de observação de incidentes críticos da, que as educadoras vão fazendo não ... e também é muito difícil exigir muito mais que isto. Ah, porque tendo em consideração que na altura de fazer a avaliação de uma criança, avaliação por escrito que nós fazemos também, se não semestralmente, pelo menos anualmente há uma avaliação escrita com, com alguns indicadores para os encarregados de educação, conseguimos perceber que as educadoras têm conhecimento efetivo das suas crianças, nas várias áreas do desenvolvimento e, portanto isso, isso dá – me segurança em termos do que é observado e registado ao longo de um ano.

Mariana – E vocês definem esses instrumentos em reuniões pedagógicas? Falam recorrentemente sobre a avaliação?

E2 – Sim, sim até mesmo para ah, identificar quais as situações mais problemáticas ou ... não só problemáticas, não é? Há o problemático e há aquelas que são, hum... como é que eu te hei – de explicar, foge – me, fugiu – me a palavra ah, ah ... pronto, são crianças com competências acima da média, que nós consideramos a média, não é? porque é sempre muito difícil saber o que é a média ... ah, mas isso é

feito em reuniões semanais hm, toda essa articulação e essa ... diálogo sobre a avaliação efetiva, em reuniões semanais.

Mariana – Em Educação de Infância em que momentos se avalia?

E2 – Todos (risos)! Todos, todos, Mariana. Tudo, ah ... eu acho que há uma permanente avaliação ... estamos a falar em avaliação formal ah ... eu acho que deveria ... e acho que é importante que ... o ano passado tinha uma sala de três anos e muitas vezes me sentava com eles à volta de uma mesa grande, não é? a mesa ah ... há um livro que há que é “Ao redor de uma mesa grande”, é um livro já muito antigo ... mas que eu gostava muitas vezes, tanto para planificar como para avaliar com as crianças, hum ... no que é pronto, com três anos do que é possível avaliar, mas sentar – me à volta da mesa, disser – lhes que íamos fazer uma reunião importante, íamos fazer a nossa para, prepararmos o dia ou para chegar ao fim do dia e avaliar, porque eu acho que a avaliação em pré – escolar é contínua.

Mariana – Hm. E a avaliação ocorre em espaços concretos?

E2 – A avaliação ocorre em espaços concretos ... ocorre no dia a dia, na rotina normal, do dia a dia da criança.

Mariana – Como é que são definidas as estratégias avaliativas a utilizar ao longo do processo de aprendizagem?

E2 – Como é que são definidas? São definidas em equipa, é isso que queres saber? Pronto, são definidas em equipa pedagógica ... ah, usando ... há umas grelhas que nós usamos, usamos, efetivamente, alguma grelha orientativa, uma grelha diagnóstica e depois uma grelha orientativa ah, ah e depois vamos, vamos acertando nas nossas reuniões semanais, vamos acertando isso mesmo.

Mariana – Considera que em Educação de Infância se privilegia alguma das funções das estratégias avaliativas: diagnóstica, formativa e sumativa, em comparação às restantes?

E2 – Hm, hm, hm, hm ... diagnóstica creio que não ... ah, às vezes a formativa acho que, é, é ... eu acho que pensando no geral acho que sim, que às vezes, à tendência ah, ah valorizar uma que seja formativa, muito mais ... como é que eu te hei – de explicar, ah ... imagina, uma grelha de avaliação, uma coisa que seja muito mais incisiva, muito mais objetiva e que às vezes não é exatamente, porque se tu usares uma ... imagina vais usar uma expressão das metas de aprendizagem que é igual para toda

a gente, para por sim, não, tal ... quer dizer? (encolhe os ombros) Portanto não é muito ah ... pode não ser muito direta, pode não ser uma informação muito correta.

Mariana – Será que me pode apresentar um momento de avaliação diagnóstica que já tenha proporcionado?

E2 – Um momento de avaliação ... tenho a ficha de avaliação diagnóstica ...tava a pensar, posso – te apresentar as fichas, porque as fichas preenchidas são as educadoras que as têm nas suas mãos, ah ... esta apanhaste – me de surpresa!

(Visualização da ficha de diagnóstico utilizada pela equipa pedagógica da instituição)

Mariana – Quais os principais agentes do processo avaliativo?

E2 – Todos, a equipa toda! Incluindo auxiliares, educadora, auxiliares e pais. Nós consideramos que é, que são todos os agentes do processo avaliativo, são esses.

Mariana – E de que forma é que os pais participam na avaliação, por exemplo?

E2 – Hm ... boa pergunta (risos)! Normalmente isso é feito em diálogo formal ou informal ... Ah, tanto com as educadoras, mas mais comigo, enquanto coordenadora da instituição ... ah, acontece muitas vezes que os pais pedem para dialogar e, e acabamos, à partida, [...] aquilo que eu chamo conversa informal acabamos, a partir de um determinado assunto por avaliar, um pouco, a educação pré – escolar que esta a ser ah, ah dada ou proporcionada ao seu educando ah ... mais ou menos aos pais ah ... nós fazemos aquela que não é bem feita, não é? Que é damos-lhe uma informação hum ... apesar de nós, nesta instituição concreta, o diálogo e a abertura com os encarregados de educação permite, naturalmente, e de uma forma natural ... naturalmente é natural, pronto, desculpa, permite de uma forma sistemática e até informal ou até hum ... porque às vezes a formal tem tendência a criar uma série de, de conceitos e dizer aquelas coisas bonitas que nós queremos ouvir e às vezes no informal nós conseguimos, no diálogo diário, naquilo, nas perguntas que nos fazem, na maneira como veem, na maneira como apresentam até outro ... nós conseguimos auscultar uma avaliação do encarregado de educação, ah ... eu acho que na avaliação assim, ah ... fiz –la por duas vezes nesta casa e, e às vezes falta de tempo, porque eu acho que esta é a mais verídica e a melhor de todas ah ... que é, que agora estamos a pensar outra porque queremos construir um novo Projeto Educativo e portanto temos que saber em que é que isso nos vai servir de avaliação, não é? No entanto, ah, ah lembro – me que há uns anos atrás eu fiz uma avaliação com os pais que era ah ... não, ninguém se inscrevia para, para o ano letivo seguinte, sem dialogar comigo e eu tinha uns pontos

de avaliação, portanto, tentava dialogar com cada pai, na altura eram cento e tal crianças, foi um ano completamente, muito complicado ... ah, mas muito interessante e depois ah, já tenho feito também, em algumas reuniões de pais, de início de ano, um momento avaliativo, por os pais em diálogo três a três, dois a dois, quatro a quatro ... em diálogo com uma ou duas perguntas, hum ... para se ajudarem mutuamente ah, ah a pensar a educação ... nesta escola pensar a educação que desejam para os seus filhos e ao mesmo tempo, os que já cá andam hm, quais são os aspetos que consideram mais importantes naquilo que os seus filhos já conseguiram ao longo do tempo que estão cá ... portanto têm sido, um bocadinho estas as estratégias, deviam ser outras, mas não temos forças, nem temos tempo ...

Mariana – Então, tenta sempre assegurar que são devolvidos os resultados da aprendizagem, de cada criança, à própria família da criança?

E2 – Sim, sim.

Mariana – E à própria criança? Estes resultados também são devolvidos?

E2 – Não ... Assim claramente ah, ah vou dizer um não muito incisivo. Não porquê? Não há uma forma formal de dizer à criança, agora ah, eu creio que no, em cada sala de educação Pré – Escolar e com cada educadora o estímulo e a avaliação que é feita no momento, quando uma criança ah ... consegue adquirir uma competência diferente, consegue ultrapassar ah ... isso é ah, conseguido. Eu vou dar – te um exemplo desta manhã, concreto, um exemplo desta manhã muito concreto ah ... fui com um grupo de sete crianças ao Palácio de Cristal, aquilo tem um parque e tem alguns obstáculos para andar de escorrega ah, três formas difíceis de subir hum: umas cordas de ferro, uma grelha de ferro, uma rampa com uma corda e um, um, uma ponte ... ah, ah maneável e tens de segurar as duas cordas laterais. Ah ... tinha duas crianças, uma tentou primeira, tentou segunda, terceira ajudamos a conseguir ... e a seguir, ele conseguiu. Eu acho que isto de dizer: - Boa! Conseguiste! E batemos palmas e ele voltou primeira, segunda, terceira, quarta, quinta, sexta e está hm, uma avaliação de uma aprendizagem que a criança conseguiu fazer! Conseguiste, fizeste o esforço e conseguiste e a outra igual! Conseguiu só de uma madeira e depois foi tentando a outras todas e acabou por conseguir todas e dizia: - Olha, olha consegui! Isto é avaliação formativa, não é? E é valorizar de imediato a aprendizagem e estimular para novas aprendizagens. Quando eu digo: - Eu consegui! Ou – Eu vou ser capaz de voar alto, hm.

Mariana – É um feedback imediato.

E2 – É, é.

Mariana – Reconhece dificuldades e constrangimentos associados ao processo avaliativo?

E2 – É o tempo. O tempo é o grande inimigo do processo avaliativo. Não é ... efetivamente é o tempo.

Mariana – É o principal.

E2 – É, é. Porque depois o resto de uma forma ou doutra com, nós ... quem já tem assim tantos anos como eu já passamos por muuuitas formas de registo de observação, por muuuuitas formas de avaliação, ah ... por muitos indicadores, por muita coisa, muita. Quando eu comecei, se pensasse, tínhamos umas grelhas imensas, umas folhas com mil e uma coisas, com os nomes das crianças, bem já passamos por muitos, muitas formas de avaliação e ainda não descobri uma que fosse a melhor e a eficaz ... não há?! Uma mistura de todas ao mesmo tempo e sabe Deus, né? E é o olhar hum ... no olhar de cada educadora, o olhar ah, ah aberto da educadora para ver ... por isso eu acho que é mesmo o tempo, Mariana. O tempo que nós queremos viver com as crianças e parar esse tempo para avaliar, mesmo tendo em conta que essa avaliação vai ser para fazer melhor, eu acho que há educadores que já o fazemos ... na hora ... vamos lá ver assim, isto é horrível dizer – se, eu sei que é horrível dizer – se porque parece um contrassenso, mas é verdade, não é? ... ah, ah há coisas que eu digo hoje consigo perceber que avaliava esta atividade e eu não fiz isto a tempo, eu não fiz aquilo a tempo, que eu já não preciso de escrever, por exemplo avaliar atividades ou estratégias de atividades de realização de uma atividade ou de um objetivo ou ... é tão mediato, não é? Porque quando nós temos interiorizado aquilo que temos e que queremos, quando fazemos, na realidade, uma planificação, não é? Acho que uma planificação é especialmente importante e bem feita, com todos os pontos bem claros e, e, e delineados. Aí é muito fácil depois avaliar e quase na hora logo se consegue avaliar. Escrever é o grande problema de todos os educadores de infância, todos! É escrever ... escrever, escrever, escrever papeis, papeis, papeis é hm ... é a morte dos educadores de infância porque realmente têm muita dificuldade, temos todos, eu incluo-me aí, temos todas muitas dificuldades em passar para o papel as vivências que nós conseguimos fazer com as crianças e as aprendizagens, mas claro.

Mariana – E quais são os aspetos positivos que encontra na avaliação?

E2 – É aquilo que eu dizia na mesma no início, Mariana. Eu acho que a avaliação é uma tomada de consciência do realizado, do conseguido, do ... para fazer melhor,

não é? Ah ... não para derrotar o que está feito, não é? Porque na consciência de que cada vez que eu planifico considero que estou a fazer melhor, não é? Quer eu planifique, quer quando a criança tem ... pronto, quando avalio os comportamentos da criança que têm de ser na hora, não é? Ah, portanto é, é a avaliação serve mesmo para isso, o trampolim para eu também tomar consciência de como estou, o que faço, como faço, ah ... o que digo, as coisas maiores e mais pequenas porque acho que é por isso é que tu quando perguntaste, eu acho que a avaliação no pré-escolar é desde que nós entramos no Jardim de Infância até que saímos, cada um de nós. Portanto é, é um pouco por aí.

Mariana – Então agora, pelo que acabou de afirmar pode – se considerar que o próprio educador é uma dimensão alvo de avaliação na educação Pré – Escolar?

E2 – É, é.

Mariana – E o próprio contexto, talvez?

E2 – É, é. Tudo é avaliação. É. Ah ... ah o próprio educador, não é? Naquela, podemos entrar naquela ideia de que os pais avaliam o educador, o educador também tem de se autoavaliar, a autoavaliação é extremamente importante e se eu não tomar consciência, nem que seja o outro a dizer – me. Pronto eu posso autoavaliar – me sim e outros e, heteroavaliação, não é? ... nós também o fazemos, muitas vezes ... ah com o pessoal todo ah ... até e tomamos consciência das coisas que nos estão ... e fazemo-lo várias vezes no ano, mesmo com todo o pessoal, isso é e se não faço com as educadoras ao mesmo tempo que faço com as auxiliares, faço só com as auxiliares, porque também é muito importante. E é muito importante ... elas são, elas são elementos importantes no processo educativo e se não houver um bom trabalho de equipa dentro de um Jardim de Infância cada um tem o seu papel, mesmo as senhoras dos serviços gerais, as senhoras da cozinha, cada uma tem o seu papel educativo no Jardim de Infância ... portanto, todas têm de ser ouvidas, todas têm de ser avaliadas e autoavaliar-se diante de parâmetros, pequenas coisas, pequenas ah, ah sei lá, pequenas dicas ou, ou parâmetros avaliativos que possamos dar a cada uma e têm, têm isso ah, ah para elas se puderem avaliar e a autoavaliação, eu tenho de ter capacidade de me avaliar e tenho de ter capacidade, também, de ouvir a avaliação do outro ou da outra, não é? Ah ... eu isso faço muitas vezes hm, faço –o muitas vezes a uma educadora, uma auxiliar, seja lá quem for ... sei lá ... se calhar não me pareceu bem ou aquilo é o normal da vida ... no outro dia, só para dar um exemplo, não te vou dizer nomes ... noutra dia uma educadora colocava uma coisa, muito gira que fazia parte de um projeto, mas era uma coisa em cartão que dentro da sala fazia sentido ah,

no recreio para toda a gente deixou de fazer sentido porque ia ser uma forma de destruição de um elemento que tinha sido muito importante para um grupo de crianças e ela não o fez por mal, fê-lo porque era uma coisa para destruir e em vez de deitar fora, olha vamos pô-lo ali ... e eu confrontei-a no recreio com a destruição do, do objeto e disse à educadora: - Olhe... E ela: - Tem razão hum ... tem razão. - Aquilo ali ponha na sala, porque ali vai ser mais do que o respeito pelo trabalho dos colegas e uma brincadeira vai ser ah ... para destruir porque os outros não percebem o que é que está ali, portanto vão-se meter dentro daquilo, vão destruir automaticamente o que não me parece que vá ser uma, um momento educativo, muito pelo contrário. E a pessoa foi capaz de ... -Tem razão! Assumi de imediato, isto nós precisamos de fazer uns aos outros ... dentro de uma instituição, de um Jardim de Infância é importante que a mim me digam, inclusive enquanto coordenadora, porque mo dizem e eu tenha a capacidade de dizer aos outros e tanto me dizem as auxiliares como as educadoras como as, sei lá ... - Ó Irmã, não gostei daquilo que, pronto! É assim que nos ajudamos mutuamente. Eu acho que é por aí!

Mariana – E é importante. Quais as principais diferenças que considera existirem entre a avaliação na educação pré-escolar e no 1º ciclo?

E2 – Oh ... ah ... é aquilo, é tudo o contrário daquilo que eu tava a dizer, o que me parece. Aquilo que eu conheço do 1º ciclo primeiro hm, antes de pensar em questões de avaliação ah ... acho que precisamos de pensar em questões de articulação verdadeira, porquê? Porque ah ... sobretudo desde que saíram as Orientações Curriculares para a Educação Pré – Escolar, já nem estou a pensar em brochuras, nem Metas de Aprendizagem, mas as Orientações Curriculares para a Educação Pré – Escolar foram um instrumento de trabalho de orientação, como o nome indica, ah ... apesar de aparecerem muitas empresas a criar ah ... livros e fichas com orientações curriculares, com as áreas de conteúdo todas, portanto aquilo foi ah ... creio que temos de falar primeiro em articulação ... porquê? Porque à muita aprendizagem que e muitas competências que são adquiridas no pré-escolar, que vão voltar a ser, de novo, a ser trabalhadas no 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico ... o que para algumas crianças, eu ia dizer uma palavra feia, mas não digo ... pronto, é uma seca, é uma seca, é! É mesmo, né? Porque há aprendizagens conseguidas e que realmente a criança quer o novo e nós vemos a exigência que tem o pré-escolar porque a criança quer o novo, o novo, o novo eu se dissesse ah ... antigamente quando eu comecei a trabalhar os grandes projetos era o cabeleireiro, o médico ohoh ... o restaurante, hum. Hoje não é. Os grandes projetos que as crianças têm necessidade de viver tem tudo a ver com uma área científica, tem tudo a ver com áreas de pesquisa muito mais profunda ah pelos

conhecimentos, pelas, pelas novas tecnologias que a criança já tem, portanto isso quer dizer que tudo o que vem a seguir ao pré-escolar tem de ser readaptado para um pré – escolar, para quem vem de um pré-escolar bem trabalhado ou bem vivido hum, hum ... porque essas crianças depois confrontam – se com situações, pronto. Então, para mim a primeira questão antes de falarmos em avaliação, porque avaliação no 1º ciclo ah ... eu costumo dizer muitas vezes aos pais mesmo, costumo dizer que a primeira preocupação dos pais num processo avaliativo do Jardim de Infância ou da escola deve ser da relação dos adultos com as crianças e hum, hum dos pares, criança-criança, essa é a primeira aspeto de avaliação a ser considerado e normalmente o que acontece no Perú, na etapa seguinte é que avaliam se já sabe escrever, se já sabe ler, são as aprendizagens conseguidas e esquecemo-nos que uma criança não é aprendizagem, não consegue esta aprendizagem se não estiver bem integrada, se não tiver uma relação com os seus pares capaz hum, se não estiver bem, socialmente bem, essas aprendizagens vão ser muito deficitárias e às vezes esquecemo-nos disto, né? Portanto ah, ah quando penso e eu fiz isto um ano, eu lembro-me que fiz isto um ano na minha vida, quando saíram as Orientações Curriculares eu estava num colégio nosso e que eu era coordenadora do pré-escolar e coordenadora do 1º Ciclo e, portanto, com as professoras do 1º Ciclo refletimos sobre as Orientações Curriculares que estavam a ... tinham saído à muito pouco tempo e vimos como ... em que elas se articulavam ... que havia aspetos do programa 1º Ciclo, do 1º ano concretamente que iriam colidir com as aprendizagens das Orientações Curriculares se estivessem bem trabalhadas ... e conseguimos um trabalho muito engraçado a partir daí, porque faz falta isto, não é? Sobretudo na área da, do estudo do meio há muuuita coisa que é colidente com as aprendizagens feitas no pré-escolar e depois as crianças desanimam ... é, é e portanto, deixam de não é? Mas eu volto a dizer, eu penso que enquanto que nós avaliamos muito o social, esta dimensão de, da relação hum... e estamos muito preocupadas com isto, ah ... penso que quando passam para o ciclo seguinte perde-se um pouco isto e passamos a avaliar sobretudo conhecimentos hum, hum ...

Mariana – Então, parece – me que considera que a avaliação na Educação Pré –Escolar privilegia sobretudo o próprio processo de aprendizagem da criança.

E2 – Exatamente.

Mariana – Enquanto que no 1º ciclo, talvez, o produto final.

E2 – Exatamente!

Mariana – Que ela consegue atingir.

E2 – Exatamente. Essas palavras disseram tudo.

Mariana – E quando falava em articulação talvez justificasse com a importância da realização de uma avaliação diagnóstica no início do primeiro ano.

E2 – Por exemplo, por exemplo.

Mariana – Poderia ser uma boa medida.

E2 – Poderia ser uma boa medida, para o que é um casamento difícil. Porque eu percebo o que é para um professor do 1º ciclo ah, ah enquanto nós para fazer avaliação ao saber ah, ah ... ou fazer portefólios, não é? É muito difícil estar num grupo com imensas crianças e conseguir dar resposta a cada um ... é muito difícil, não é? Agora, talvez um, um instrumento que, como uma ficha, é um instrumento de avaliação diagnóstica, que pode passar por muitas coisas, não é uma ficha, um desenho, uma brincadeira, uma observação primeira da criança, que no fundo é o que nós fazemos no pré-escolar ... ah, nós cada ano fazemos um tempo de observação para ver as competências adquiridas, fazemos uma caracterização daquele grupo completo e concreto, de crianças específicas conseguimos identificar algumas lacunas ou algumas competências menos trabalhadas em criança A, B e C que nós vamos ter que trabalhar e só depois é que elaboramos um Projeto Curricular de sala ou Plano Curricular para aquele grupo concreto, não é? Portanto, faz falta isto no pré, no 1º Ciclo, que é muito difícil porque depois há um, um programa prá cumprir, nós também o temos, mas não sei ... nós educadores de infância habituamos – nos a ser muito mais flexíveis, não quer dizer que haja maus professores do 1º Ciclo, existem, não é? Os que conseguem fazer esta articulação e que conseguem perceber criança a criança e eu conheço-os, mas num modo, num geral nem sempre isto acontece, não é? Portanto acho muito boa a tua ideia, não tinha pensado nela, mas uma avaliação diagnóstica no início pode ajudar, se o professor o quiser, a criar estratégias de aprendizagem diversificadas para o grupo de crianças que tem dentro da sua sala.

Mariana – E consegue apresentar alguma sugestão de prática avaliativa que pudesse ser comum às duas valências?

E2 – Eu penso que é um bocadinho difícil, porque estamos a falar de um pré-escolar, no pré-escolar que nós fazemos e na metodologia de projeto e na forma como nós trabalhamos, não é? Se eu te for falar de um pré-escolar que vive, trabalhando com, trabalha com fichas sistematicamente, fichas para a aprendizagem, se calhar é muito fácil fazer coincidir uma avaliação de uma coisa ou de outra ... quando temos um trabalho ou uma, um desenvolvimento de competências no pré-escolar que é lúdico,

não é? Quando falamos em 1º Ciclo não temos ... normalmente, normalmente não temos esse aspeto tão lúdico como temos no pré-escolar, portanto é um bocadinho difícil, creio eu, que é um bocadinho difícil conceber, pronto não pensei, mas parece-me difícil fazer coincidir algum instrumento de avaliação para os dois ... para as duas etapas ou para as duas valências.

Mariana – Se um dia tivesse poder político regulamentava a avaliação na educação pré-escolar?

E2 – Hum ... boa pergunta, boa pergunta! Não me apetece, mas acho que era importante. Não me apetece porque é trabalhosa, não é? mas acho que era importante, não cozes veem coisas muito sofisticadas hm ... era importante que ela fosse pensada por educadores de infância, pronto, daqueles que sabem trabalhar no concreto, no terreno e que não têm só sabedoria dos livros ... acho que aí sim, ah pensava na avaliação por educadores de infância ah que sabem o que é trabalhar no terreno, não é? Como foi o caso das orientações curriculares, não é? A Teresa Vasconcelos ah, ah, uma educadora de base, que sabia o que estava a fazer e portanto, uma pessoa do terreno ah... não é? Ah, aí sim. Aí penso que é possível ah regulamentar alguma coisa ou, pelo menos, ter orientações de avaliação hm, que também considero que são importantes.

Mariana – Mas tem alguma proposta a fazer?

E2 – Hum ... não. Não pensei, Mariana (risos) Tu estás – me a levantar um bichinho, estás-me a levantar um bichinho que eu acho importante, acho mesmo. Aliás, levantaste-me várias questões que eu acho extremamente pertinentes para quem pensa educação há muitos anos. Ah ... e de quem gosta muito de educação, de quem é uma apaixonada por educação e educação de infância concreta, ah, ah. Acho que sim, acho que quem sabe! (risos) Fico a pensar ...

Mariana – Considera relevante acrescentar mais algum testemunho ou informação a esta entrevista sobre a avaliação?

E2 – Claro! Acho muito importante alguém debruçar – se sobre esse tema primeiro, acho que foi muito importante tu ah ... elaborares o teu trabalho à volta deste ... porque acho que é um tema pertinente ah, muito falado e pouco trabalhado e, pronto, portanto acho importante ah ... em questões de avaliação hum... não tenho, não tenho mais nada assim de relevante a, a falar, a não ser dizer –te que é importante avaliar para crescer e há uma coisa que eu gosto imenso de dizer sempre que eu falo em educação que é: a avaliação tem que ser um instrumento que ah ... dê há criança duas

coisas: uma assas para voar e ao educador a capacidade de o deixar voar. Hum ... sem medo de se deixar ultrapassar pela criança, hum... porque muitas vezes na educação pré-escolar e hoje mais, ah ... a criança muitas vezes já sabe mais que o próprio educador e é importante que o educador tenha a simplicidade e a humildade de reconhecer ah, e a simplicidade e a humildade de se deixar ultrapassar por ele criança, não é vergonha. E ser companheiro de aprendizagens da própria criança hm, porque às vezes em projetos ... é tudo muito bonito, mas às vezes nós estamos a impor à criança aquilo que nós queremos e não aquilo que ela tem capacidade para fazer, ou para construir ou para aprender. E isso acho que é uma atitude e uma atenção que o educador tem que ter sistematicamente e, volto a dizer, para deixar a criança voar ah, e ao mesmo tempo não ter medo de se deixar ultrapassar por ela, ela criança nas suas aprendizagens, não é? Porque ... é muito fácil.

Mariana – Pronto, muito obrigada pela entrevista.

E2 – De nada, Mariana. Foi um gosto, desculpa porque acho que foi prá aí muita coisa, mas pronto.

Mariana – Ah não à problema!

Anexo VIII – Transcrição da Entrevista: Professora Universitária

E3 – Docente, na ESEPF

Mariana – Boa tarde.

E3 – Boa tarde.

Mariana – Queria começar por expor que a presente entrevista está a ser realizada no âmbito de um trabalho de investigação que tem como principal finalidade conhecer e analisar o estado atual da avaliação das aprendizagens, tanto na Educação Pré – Escolar como no 1º Ciclo do Ensino Básico, com vista a melhorar a articulação entre estes dois ciclos de Educação Básica.

E3 – Hum, muito bem.

Mariana – Então, o que é para si avaliar?

E3 – Pronto, eu calculo que me estás a fazer uma pergunta em termos gerais sobre o que é avaliar.

Mariana – Sim, exatamente.

E3 – E não estamos no específico do pré-escolar. Pronto, avaliar é apurar, é estimar, é apreciar, é fazer uma apreciação sobre algo. No caso das escolas e dos jardins de infância, com certeza, que poderá constituir uma apreciação sobre os resultados de aprendizagem, ao nível do ensino ah, e que, resultados estes que foram conseguidos pelas crianças ou pelos alunos, dependendo se estamos a falar do jardim ou de escola.

Mariana – Exatamente. Na sua perspetiva quais as verdadeiras finalidades do processo avaliativo?

E3 – Pronto, hum...ah, se está a referir-se ao ensino e à aprendizagem as verdadeiras finalidades são: acompanhar de forma sistemática e, com certeza, eficaz o processo ensino-aprendizagem, possibilitando ao aluno constatar a sua própria evolução e controlar a sua própria, e o professor controlar também a aprendizagem. Isso também é importante, o ... nós colocarmo-nos, quer seja no 1º ciclo, mas eu não vou falar tanto do 1º ciclo, vou falar do pré- escolar, é importante que nós usemos instrumentos de avaliação que coloquem as crianças a, a ter consciência, a tomar consciência daquilo que evoluíram, do que aprenderam ao longo do tempo, do que não eram capazes de fazer e são. Pronto, de alguma maneira, constatarem a sua evolução e controlam a sua aprendizagem, porque eles próprios nos podem dizer: “Eu não era capaz de fazer isto e agora já sou e agora vou querer fazer, por exemplo, o meu nome, escrever, conseguir escrever o meu nome inteiro.” Pronto, quando eles se calhar vêm desenhos de quando eram pequeninos e não escreviam, ou escreviam com as letras de pernas para o ar ou em espelho, depois começam a ver que conseguem escrever o nome próprio, depois podem pôr para si próprios uma meta: escrever o nome todo. Pronto, e é este sentido de evolução que, ah...perceber a evolução, mas também controlar a aprendizagem.

Mariana – Em Jardim de Infância, o que constituiu o referente de avaliação?

E3 – Pronto, huum ... as, as, as eu acho que ...aqui quais é que devem ser as (...) tá me a perguntar esta (aponta para o papel) é que eu também tenho o guião (...) Nesse caso é, serão: as orientações curriculares para a educação pré-escolar, eu acho que são um bom referente ah, ah, porque o educador com as orientações pode verificar se trabalhou com as crianças todas as áreas de conteúdo que estão presentes nas

orientações e isso é muito importante, porque às vezes nós até por tendência natural pudemos achar muito mais piada às expressões e deixar um bocadinho de, de trabalhar a formação pessoal e social e, esquecemo-nos desse aspeto e não pode ser, têm de ser todas as áreas trabalhadas, por isso as orientações são, acho que são ... são muito importantes serem um referente para a avaliação. E depois, há a questão das metas, como me colocava na questão, que é embora sejam um documento polémico, que nós sabemos. Há quem ache que eles não deveriam ter sido sequer com... feitas, porque há pessoas que acham que as orientações curriculares seriam suficientes para orientar o educador, enfim, portanto é um documento polémico, mas eu acho que, apesar disso, podem ser também para os educadores uma referência interessante na medida em que sugerem muitas competências essenciais que a criança pode desenvolver e que muitas vezes, no dia a dia, nem passa pela cabeça do educador. Pronto.

Mariana – E agora, quais deveriam ser as dimensões alvo de avaliação em Jardim de Infância?

E3 – Em EPE são muitas as dimensões que podem ser objeto de avaliação, mas ah... basicamente eu diria que são três e que se podem organizar desta maneira, que é: avaliar os contextos, avaliar os processos e avaliar os produtos. Acho que são três dimensões fundamentais, que nós, nós não podemos ficar só pela avaliação dos produtos, nem só pelos processos, ou só pelos contextos, seria, seria uma avaliação incompleta. Hum... então na avaliação dos contextos, porque é que é importante? Porque dos contextos, da riqueza, da variedade, da diversidade, dos estímulos, que os contextos ah... promovem, no fundo, depende da aprendizagem das crianças.

Mariana – Tem influência, não é?

E3 – Tem toda a influência. Se a criança está inserida num contexto, num ambiente pobre ahhh, em termos de estimulação ou em termos de diversidade de propostas, de ...que o educador faça, obviamente que fica a sua aprendizagem e desenvolvimento ficam empobrecidos. Ok? Pronto, então os contextos seriam o primeiro aspeto. Um segundo aspeto são os processos, que é: O que é que, Como é que a criança aprende?, acho que é também importante avaliar, antes de chegarmos ao produto. Como é que a criança aprende?; Que progressos é que a criança faz?. Ah, porque a avaliação destes aspetos permite ao educador refletir, reformular os processos de aprendizagem e depois decidir sobre as experiências de aprendizagem e oportunidades que deve dar ou proporcionar à criança. Ah, ah a avaliação dos processos é fundamental no, se o educador se esquece disso ah, ah perde ao longo do ano oportunidades fabulosas para proporcionar experiências mais desafiantes, mais,

mais ah significativas e também para reformular, obviamente a sua ação. Pronto, Depois um terceiro aspeto seria a questão dos produtos, que aí já é o que é que a criança aprendeu, numa fase final. E pronto, então o que é que a criança aprendeu, numa fase final, o que é que a criança aprendeu é importante porque nos mostra de facto, se as aprendizagens tiveram continuidade, se, se foram ... se, de facto, tendo por referência as orientações curriculares se respondem a todas as áreas de conteúdo, portanto é muito importante esta, esta integração no processo de avaliação destes três aspetos, não ficaria completo se não estivesse. Agora se quiser a minha, a minha experiência diz-me que muitas vezes os educadores esquecem-se, sobretudo das duas primeiras.

Mariana – Quando a professora fala dos contextos fala da avaliação, fala, por exemplo, dos materiais disponíveis, da organização dos espaços ...

E3 – Dos espaços, das atividades que eu estou a proporcionar, muitas vezes eu estou a fazer mais do mesmo ... eu não estou a estimular mais, eu não estou a provocar, eu não estou a desafiar a criança, isso é avaliar o contexto. Porque o contexto é numa perspetiva mais alargada de ambiente ... qual é o ambiente de aprendizagem que eu proporciono à criança?

Mariana – E agora, quais os instrumentos de avaliação mais utilizados em contexto de jardim de infância?

E3 – Pronto, ah ... o principal instrumento de avaliação utilizado no jardim de infância é a observação ... ah, claro que esta observação deverá ser feita de forma sistemática e contínua através de várias técnicas, porque dito assim observação, parece que ficamos ali no geral a olhar, não. A observação é o principal instrumento, mas depois existem várias técnicas: os incidentes críticos, as descrições diárias, as grelhas de observação, pronto, que aqui há uma série de técnicas que ah, disponíveis e também há algumas que, no âmbito das grelhas, muitas podem ser construídas pelo próprio educador até, dependendo daquilo que ele vai avaliar, ou quer avaliar. No entanto, a observação só por si não é completa, é preciso registar e documentar e isto são vias indispensáveis, que no fundo vão complementar aquele procedimento da observação. Isto é fundamental também, os educadores esquecem-se disso. Observam, registam, não documentam. O que é que eu quero dizer com o documentar? Ah ... É mostrar evidências dessas, destas, da observação feita e se a observação é sobre aprendizagem, sobre o desenvolvimento da criança, à que mostrar essas evidências. Portanto, oh ... a questão de registar e de documentar é um procedimento complementar à observação. Depois, eu acho é que neste contexto quando se fala dum instrumento de avaliação privilegiado no jardim de infância, para mim seria o portefólio

de crianças, que é um instrumento que realmente regista e documenta, em simultâneo, as aprendizagens das crianças. Quem conhece os portefólios e eu estou a falar para quem conhece, sabe que ... reúne este processo, ao mesmo tempo.

Mariana – E a própria criança também tem voz no portefólio.

E3 – E aí também tem voz.

Mariana – O que dá para ver, aquilo que a professora falou à bocadinha, a evolução da própria criança, ela ter consciência disso. Mas por exemplo, quando a professora falava das dimensões alvo: dos contextos e assim ... tem algum instrumento que seja mais adequado, para cada uma das fases?

E3 – Nesse caso, no que diz respeito à avaliação ahh, dos contextos, dos processos também ah ... é assim ...ah, existem outros instrumentos e que estão bastante difundidos, eu acho que estão bastante difundidos, mas que, ainda não são suficientemente utilizados pelo educador. Ahhh, deviam ser muito mais, esperava-se que ... e nós na formação temos, esperamos sempre que quando os proporcionamos aos alunos e um dia eles sejam educadores que realmente os utilizem, mas ahh, as expectativas não correspondem à realidade e eu tenho uma aluna que já fez um estudo sobre isso no mestrado académico, que prova isso. Prova, constatou isso e tenho uma segunda aluna a fazer um trabalho de projeto, uma tese, neste momento, sobre isso e os questionários mostram também isso, que conhecem ou dizem que conhecem, mas depois não aplicam. Claro que eu sei porquê, também está nos estudos delas: pelo tempo que demora a aplicar, porque, realmente, os pais não, não valorizam tanto este tipo de avaliação, como ver os portefólios das crianças em que tem ali as aprendizagens do filho, pronto, por muitas razões. Mas, estes instrumentos são muito importantes para também, em termos complementares porque muitas vezes as crianças não realizam aprendizagens porque, determinadas aprendizagens, porque os contextos e os ambientes e os processos que nós proporcionamos não são os mais desafiantes. Aqui há três instrumentos que eu acho que são os mais divulgados que são: o PIP, que é um instrumento de avaliação do modelo High Scope e, que por exemplo, avalia o espaço físico, a rotina, o tipo de interação que as crianças estabelecem com ao adulto, ah entre crianças, é fundamental também ter uma noção este, sobre o que se passa nas nossas salas, sobre isto. A ECERCS que avalia, por exemplo, o espaço, os materiais, também avalia as rotinas, avalia atividades, avalia as interações das crianças, avalia questões relativas ah, ah aos pais, por exemplo à participação dos pais, avalia situações relativas ao pessoal, portanto, lá está, são questões mais ligadas aos contextos e que é pena que não estejam a ser aplicadas eee... que, nós muitas vezes na formação mostramos

estes instrumentos, por exemplo a escala de empenhamento e de envolvimento, que habitualmente fazemos um seminário e depois os alunos ou os profissionais não os utilizam e fazemos esse seminário enquanto são alunos, depende, depende, mas pronto ... faz parte daquilo que, muitas vezes, os educadores valorizam, as instituições também, um conjunto de fatores que influenciam.

Mariana – Em educação de infância, em que momentos se avalia?

E3 – Pronto, e eu não sei se entendo bem esta pergunta, mas é assim, em educação de infância não há um calendário escolar para a avaliação, não é? Não há momentos definidos pelo ministério, não há um calendário para isso. Portanto, o que eu, no geral, o que se faz é avaliar ao longo do ano, porque estes processos, este ... por exemplo, quem faz um portefólio de crianças necessita mesmo de ir recolhendo elementos, quem usa a observação tem de ir recolhendo elementos, ao longo do ano. Agora, embora possa haver momentos trimestrais ou semestrais, depende muito dos educadores e das instituições, em que se faz o ponto da situação ehh, e em que se dá a conhecer até aos pais a situação da criança, não há, não há assim um calendário escolar que defina isso.

Mariana – Então considera que se está permanentemente a avaliar?

E3 – Sim, é continuamente realizado o processo de avaliação.

Mariana – Como é que são definidas as estratégias avaliativas a utilizar ao longo do processo de aprendizagem?

E3 – Bom, os educadores, em princípio, no início do ano fazem uma avaliação diagnóstica. Hum, embora depois voltem a fazer muitas vezes no fim, também um diagnóstico de como estão as crianças para o passarem ou ao professor do 1º ciclo ou ao, ou ao, a um colega, enfim, mas no início do ano fazem uma avaliação diagnóstica ah, acho que na educação pré-escolar ah, mais do que um caráter sumativo, acho que não existe muito esse caráter, há um caráter formativo na avaliação. A avaliação incide muito, tem esta natureza, ah e, portanto a avaliação formativa e diagnóstica para mim são aquelas que têm sido mais privilegiadas na educação pré-escolar.

Mariana – E porque razão é que o serão? Tem alguma justificação possível?

E3 – Ah ... hum, primeiro porque ah, na, a especificidade da educação pré-escolar ah, aponta muito para uma natureza formativa da avaliação BRIGITE aponta muito para esta natureza formativa, porquê? Porque ah, o que se pretende, a finalidade da avaliação é: compreender as aprendizagens das crianças depois, as suas

necessidades e interesses, os educadores funcionam muito pela avaliação das necessidades e dos interesses, para depois partirem para as propostas de atividades e projetos, depois porque fornecer, fornece ao educador elementos também para a reflexão da sua própria prática e para adequar a sua prática à, aos contextos, aos ambientes que proporcionam às crianças e depois, porque a avaliação formativa aprecia a criança na atividade do dia a dia, do jardim de infância, enquanto que uma avaliação sumativa com um teste, no 1º ciclo, aprecia naquele momento ah, no jardim de infância nós estamos à apresentar, a apreciar continuamente na atividade do dia a dia, digamos assim das crianças. E portanto, eu creio que é, que é por isso, que a avaliação formativa será mais, mais privilegiada no jardim de infância e, porque também há aquela perspectiva de fugir um bocadinho à avaliação tradicional que é centrada na medida e nos produtos de aprendizagem, não é? No medir, não se consegue, não é muito possível...

Mariana – Valoriza-se o processo para depois se atingir o resultado, não é?

E3 – É, numa relação com o produto. Valoriza-se o processo, mas numa relação com o produto ah, é importante para os educadores perceberem o produto, mas a continuidade, esta continuidade é que é mais, ahh faz mais, tem mais haver com a identidade e com a especificidade do Jardim de Infância.

Mariana – Hum, quais os principais agentes do processo avaliativo?

E3 – Ah, pronto, eu acho que no, no pré-escolar está muito centrado no educador, de facto, eu reconheço isso. No entanto, há alguns instrumentos, há métodos e instrumentos que convidam a criança a participar no processo de avaliação e, também a tomar consciência das suas próprias aprendizagens, dos progressos que faz, estou-me a referir, concretamente aos portefólios de crianças, que possibilitam isto e têm esta finalidade e estou-me a referir, por exemplo, ah, aos instrumentos usados por outro projeto, Effective Early Learning, que é o Desenvolvendo a Qualidade em Parceria, em português, donde vem a escala de empenhamento e de envolvimento, pronto ele, este projeto sediado em Inglaterra, tem hum, uma série de outros instrumentos que, hum, hum, promovem, precisamente, a participação da criança no, portanto centram a avaliação na criança e não tanto no educador. Só que como este projeto também não está muito divulgado, quem usa portefólios da criança consegue fazer isso, quem não usa e usa observações, registos e documentação, acaba por ter a avaliação sempre muito centrada no adulto e não nas crianças, não é? Que é a maior parte dos casos.

Mariana – Em educação de Infância assegura-se que são devolvidos os resultados de avaliação às crianças e às famílias?

E3 – É assim, não há nada que assegure isto, esta, esta, este devolver às famílias a avaliação, o que, a não ser, a não ser aspetos como: a profissionalidade do educador, pronto que, que sabe que isso é importante e assegura isso, as políticas das próprias instituições e dos agrupamentos, as políticas, hum falo das exigências duma direção, duma coordenação, que às vezes, de facto exigem as instituições e os agrupamentos exigem isto aos educadores hum, depois, as recomendações das orientações curriculares e se os educadores, realmente, seguissem as orientações curriculares vêm que um dos aspetos focados é esse e depois, há a circular número 17, de 2007, do, do departamento de educação básica do ministério da educação, que ah dá esta indicação muito clara aos educadores. É uma circular do ministério, por isso os educadores deviam respeitar, embora saibamos que nem sempre isso acontece. Pronto, embora eu ache que os educadores, de um modo geral, até sabem que é importante comunicar com os pais e envolver os pais, também no processo de avaliação, só que entre o saber e o fazer, não há nada que garanta isto, a não ser estas, estes aspetos, que eu referi.

Mariana – Mas, por exemplo, em relação à própria criança acha que o educador garante feedback aos progressos que ela vai conseguindo atingir?

E3 – Nem, nem tão pouco em relação às crianças. Quem usa portefólios, de facto tem um instrumento privilegiado para por a criança a ver e a avaliar os seus progressos e a consciencializar-se disso, mas quem usa só registos de observação, como eu vejo algumas educadoras que têm dossiers com registos de observação e até os documentam, mas é para, não é para mostrar à criança, é um registo de adulto, um registo para elas próprias saberem: já salta ao pé-coxinho, já não troca o, a palavra não sei quê pela, a palavra X pela palavra Y, como fazia antes, ela é que vai tendo consciência dessa evolução, mas não há nada, não asseguram essa, essa, essa comunicação às crianças, nada disto assegura, é engra, é uma falha. Se calhar por isso é que estas entrevistas e estas investigações são importantes.

Mariana – Em jardim de infância a avaliação ocorre em espaços concretos?

E3 – Eu também não sei se entendo bem esta pergunta ... se é na sala de aula, hum, hum, não. Pronto, como acontece muitas vezes no 1º ciclo, não é? Não, hum, uma educadora pode estar, realmente, a avaliar o desenvolvimento motor de uma criança e poderá estar a fazê-lo no recreio, não é? Portanto não se limita a um espaço físico, pode estar num momento de refeição e estar a perceber que aquela criança que não conseguia pegar nos talheres e agora, portanto não se limita a nenhum espaço físico.

Mariana – Reconhece dificuldades e constrangimentos associados ao processo avaliativo?

E3 – Pois, porque é que fácil, de facto nós criticarmos, os educadores não fazem e deviam fazer, mas não é fácil ah..., na educação pré-escolar avalia-se e atua-se ao mesmo tempo.

Mariana – Não há espaço para refletir.

E3 – Não, não há. Não é: eu agora vou avaliar as crianças e vai parar tudo, vou para uma série de atividades, porque é um momento de avaliação. Não, as educadoras têm esta difícil tarefa de atuar e avaliar em simultâneo e, portanto o que é que eles deveriam fazer e não fazem, não fazem estou a generalizar e se calhar não devia. No geral, o que acontece é que eles deviam combinar com a equipa da sala, os outros adultos da sala, formas de tornar este processo facilitado e então, imagine o programa, podiam programar momentos destinados só à avaliação, em que a educadora estaria atenta à avaliação e os outros adultos estariam em ação com as crianças, responsabilizavam-se pela atuação, enquanto que a educadora, por exemplo, avaliava. Ou noutro dia, ou noutra ocasião podiam programar que a, imagine que a estagiária passava uma grelha de avaliação e a educadora estaria a, a atuar com o grupo, isto facilitava muito e agilizava muita coisa. Infelizmente, não há, a avaliação não é programada, é muito pouco programada e no jardim de infância precisava de ser mais programada, haver mais momentos: eu agora preciso de avaliar e, eu preciso de passar esta grelha. Eu não posso estar a contar a história e a passar a grelha, não é? Preciso que alguém me conte a história e eu passe a grelha sobre avaliação da linguagem, por exemplo ouu, da linguagem seria quando eles recontassem a história, não é? Há essas falhas.

Mariana – Quais as principais diferenças que considera existirem entre a avaliação na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico?

E3 – Pronto, eu acho que já disse um bocadinho o que é ... acho que no pré-escolar a avaliação tem um caráter maioritariamente formativo e no 1º ciclo salienta-se muito o caráter sumativo, acho que sim. Ah, porque, compreendo também que seja a forma mais fácil de, de no 1º ciclo se apurar, enfim, os conhecimentos e certificar até algumas capacidades adquiridas pelas crianças, não é? Pronto, e portanto acho que é basicamente esta diferença maior que existe. Salienta-se o caráter formativo da avaliação na educação pré-escola e no 1º ciclo, se calhar posso, não sei se estou a dizer certo, não conheço tanto o 1º ciclo quanto isso, mas acho que o sumativo para os professores tem muita importância.

Mariana – E, de acordo com essa diferença apontada, considera que existe alguma prática avaliativa que pudesse ser comum às duas valências?

E3 – Eu, eu acho que sim e já tenho às vezes até nas defesas de relatórios de estágio, em que os alunos falam da avaliação no 1º ciclo tenho perguntado e, ou no pré-escolar, sobretudo no perfil 3 que tem as, que vão ser professores e educadores e, por isso têm a visão dos estágios nos dois locais eu pergunto-lhes muitas vezes: Há mais coisas que os separam em termos de avaliação ou que nos, vos aproximam, ou seja há mais coisas que separam a educação pré-escolar do 1º ciclo ou há mais coisas que nos aproximam em termos de avaliação. E, pelo que tenho visto é que realmente muitas coisas que nos separam, mas haveria talvez o equivalente ao portefólio das crianças, que nós fazemos no pré-escolar se fosse feito no 1º ciclo, um portefólio das aprendizagens dos alunos ah, seria possível encontrarmos algo comum nas duas valências.

Mariana – É engraçado a professora estar a dizer isso porque eu estou a fazer um portefólio com um aluno, no 1º ciclo. E os resultados estão a ser bastante positivos, eu que já tinha a experiência do pré-escolar, não é?

E3 – Pois é isso, vocês é que conseguem comparar.

Mariana – Porque a criança já sabe ler e já sabe escrever então facilita muito mais o processo.

E3 – Muito mais ainda.

Mariana – É muito mais autónomo, mas o grande entrave é que é o único na sala e enquanto no pré eu consegui chamar a criança para rapidamente reunirmos, no 1º ciclo é muito mais difícil tirá-lo duma atividade para conseguir.

E3 – Mas depois tem esse lado de dificuldade. Mas é possível, não é?

Mariana – E com a turma toda seria uma enorme vantagem.

E3 – Uma enorme vantagem, são coisas que se têm de ir trabalhando e cada professor e educador terá de ver as possibilidades e ajustar, até porque há muitos educadores que também não fazem portefólios de criança, precisamente porque também dizem que para o grupo todo não é muito fácil, não é? Há outros tantos que conseguem, portanto aqui há uma questão de tempo, de programação ...

Mariana – E mesmo de organização do próprio portefólio. Eu acho que há uma grande tendência para complicar.

E3 – Acho que sim.

Mariana – Considera relevante acrescentar mais algum testemunho ou informação nesta entrevista?

E3 – Acho que não. Acho que já disse tudo. (risos)

Mariana – Também acho que sim! (risos) Mas mais algum exemplo, por exemplo em relação aos relatórios que tem orientado?

E3 – Dos relatórios, em relação à avaliação realmente ah, as pessoas focalizam-se muito mais nas diferenças porque agora vão acabar com os exames, mas a questão do currículo e das aprendizagens até ao final do 1º ano, do 2º ano, por aí fora, tendo em vista a avaliação formal, não é? E externa ah condiciona muita a utilização de alguns instrumentos que são mais demorados. O teste, hum esse tipo de ... mais usual, não é? E portanto, realmente sublinham mais as diferenças, dizem que há mais coisas que nos afastam do que aquelas que nos aproximam. Esperemos que no futuro haja mudança, principalmente agora nesta camada de profissionais que vai sair com as duas habilitações e que pode usar o melhor de cada um, cada uma das valências e tentar ajustar à outra valência, que até agora era realmente uma formação completamente separada e as pessoas nem sequer tinham noção, os professores nem tinham noção daquilo que se fazia no pré-escolar e vice-versa, não é? E agora vai ser bom, pelo menos enche-nos de esperanças.

Mariana – Muito obrigada, professora.

E3 – Pronto, finalmente conseguimos esta entrevista que estava complicada. Agora está e espero que corra tudo bem no seu relatório.

Anexo IX – Transcrição da Entrevista: Professora do 1ºCEB, na Instituição B

E4 – Professora do 1º CEB, na Instituição B.

Mariana – Boa tarde.

E4 – Boa tarde.

Mariana – Queria começar por expor que a presente entrevista está a ser realizada no âmbito de um trabalho de investigação que tem como principal finalidade conhecer e analisar o estado atual da avaliação das aprendizagens, tanto na Educação Pré – Escolar como no 1º Ciclo do Ensino Básico, com vista a melhorar a articulação entre estes dois ciclos de Educação Básica. Mais, uma vez obrigada pela disponibilidade.

E4 – De nada, de nada.

Mariana – Então, o que é para si avaliar?

E4 – O que é para mim avaliar? Para mim avaliar é verificar se os conhecimentos estão adquiridos ou não, não é? Porque por vezes a gente acha que o aluno que até adquiriu e depois assusta-se quando o aluno vai fazer um teste e, depois não sabe. Claro que há muitas variantes que podem influenciar, não é? Mas, eu às vezes assustame quando eu acho que eles sabem e depois não sabem, não é? Fico um bocado assustada, mas eu para mim a avaliação é isso. É verificar se os conteúdos foram adquiridos ou não.

Mariana – Na sua perspetiva, quais as verdadeiras finalidades do processo avaliativo?

E4 – As finalidades? Uma devia ser uma que eu disse, não é? Mas eu acho que a do Ministério da Educação não é bem essa, é mais avaliar, como uma vez eu tive um pai que me disse: avalia os meninos e avalia os professores isto é, se os professores estão a trabalhar bem ou não, não é?. Eu acho que é um bocado isso, também. É que em alguns ministérios tem acontecido, não é? Não é propriamente para avaliar e até, até porque a avaliação devia ser também para avaliar os conteúdos isto é, os conteúdos estão de acordo com aquele ano, não é? Porque os conteúdos vão sendo mudados e nunca há, nunca há avaliação. Nunca ninguém vai para trás ver, por exemplo, na Matemática, hum colocaram mais conteúdos para serem trabalhados, não é? Agora volta a entrar novo governo, o que é que eles vão fazer? Vão tirar os conteúdos vão manter os conteúdos? É que eles dá-lhes assim uma coisa, não é? Lembram-se e tiram os conteúdos, outras vezes colocam os conteúdos, mas não há uma avaliação feita para vermos se o que está para trás está bem, se o que está para a frente, não é? Nós para a frente não sabemos, mas para trás ... é assim, mudam as coisas a seu belo prazer, sem nunca avaliar, isso é a minha ideia, não é?

Mariana – Exato. No 1º CEB o que constitui o referente de avaliação?

E4 – O que é que constitui o referente da avaliação, como assim?

Mariana – Ah, a professora guia-se por que documento do Ministério para avaliar?

E4 – É assim, nós temos os documentos do ah, ah ... internos do agrupamento, não é? Os nossos registos. Agora, nós podemos construir grelhas, não é? De forma a avaliar por exemplo, a autoavaliação, eu faço-a semanalmente, eu sei que há aqui colegas que não fazem. Eu uma vez disse isso a um colega, que já não está cá na escola e ele, a resposta que me deu foi que isso dava muito trabalho. Por exemplo, a tabuada, o teste da tabuada, este ano não dou, mas no 2º ano dei o teste da tabuada e ele dizia: Ah, não sei quê, os meus alunos não sabem a tabuada, foi outra também com esse. Não sabem a tabuada, não sei quê. E eu disse assim: Uma coisa que eu acho que, pronto, que dá resultado é o teste da tabuada. Teste da tabuada? E que é que é isso? O teste da tabuada é: tu fazes uma folha e depois vais trocando as tabuadas, não é? Porque não pode ser sempre a mesma, do mesmo lado. Ah, e ele: mas isso dá muito trabalho. É assim, dá trabalho, mas para eu ter uma avaliação eu tenho de ter fichas ou grelhas que ... temos de ser nós a construir, apesar de que na net há muitas. E depois nós podemos pegar naquilo e adequar à nossa ideia, não é? hum, hum, são coisas que pronto, depois cada um ... Mas é assim, a avaliação normalmente, os documentos que a gente usa, não é? Do Ministério são poucos, nós o que usamos é internamente, os que, muitas das vezes, nos obrigam, por exemplo as grelhas, que ainda agora vamos ter de preencherem uma grelha onde vamos colocar uma nota, que não é como dizem qualitativa, porque quando eu dou muito bom, bom e suficiente eu não estou a dar uma qualidade eu estou a quantificar o trabalho daquele aluno, eu estou a dar uma nota ...

Mariana – E a traduzi-lo ...

E4 – Pois, que não me venham cá com essa. Porque quando me dizem que o 1º ciclo é qualitativo, não é quantitativo, é mentira. Porque se eu construo uma grelha, se eu coloco lá os alunos de um 1º ano ao 3º ano com bom, muito bom isso não é qualitativo... eu não estou a dar, não estou a dizer: o aluno precisa de melhorar aqui e acolá, não. Eu estou a dizer o aluno é muito bom, é bom, é suficiente ou é insuficiente e isso é uma nota. Mas aqui neste agrupamento fazemos isso, eu não estou a dizer que é geral, não é? ... aqui faz-se ...hum, hum não se pode estar a dizer que é geral porque não se faz em todos, não é?

Mariana – E por exemplo, as metas curriculares do ensino básico?

E4 – As metas, nós temos o tal documento que é onde depois estão aqueles os, os conteúdos que depois nós vamos trabalhando ou seja, o 1º ano tem aqueles conteúdos para trabalhar, o 2º, o 3º e o 4º. Às vezes, o que acontece, por exemplo, à

conta das metas há conteúdos, por exemplo, no estudo do meio que aquele documento foi feito, e quando nós vamos depois pegar nas metas, nos tais conteúdos, não é? para colocar no registo de, de avaliação para entregar aos pais, eu digo-lhe uma coisa ... alguns que a gente tem que andar lá a dar voltas e voltas, porque aquilo não ...quer dizer ah, ah ler aquilo, aquilo não tem nada, não é? Não tem nada, temos de ser nós a fazer. Claro que aquilo foi um documento que foi feito, foi aprovado, mas lá está nós agora temos que cumprir o que lá diz, não se pode andar ah, ah ... claro que a gente às vezes vai buscar, não é? Tem de ser ir buscar alguma coisa, se não os pais olham para aquilo e: "O que é isto?", nem os pais percebem, nem depois nós, naquela altura conseguimos explicar ao pai o que é que queremos com aquilo. Foi uma coisa que foi feita ah, ah agora estão a ser mudados, que eles agora estão a ser mudados também por causa das metas e, não sei o que é que mudaram novamente no Português e na Matemática, está a ser ah, e estão a alterar isso. Só que vamos alterando por período para não estarmos a fazer assim logo uma ahhh, mudar tudo, fizemos para o primeiro período, para o outro período vamos fazer e depois para um terceiro período também vamos fazer, porque não valia a pena estarmos a fazer, para quê? Vamos por períodos.

Mariana – Quais deveriam ser as dimensões alvo de avaliação no 1º CEB? O que é objeto de avaliação?

E4 – Para mim o objeto de avaliação é o trabalho deles diário, mas agora, muitas das vezes, não é isso que nós verificamos. Nós indo a um 4º ano vemos isso. Eu já tive 4º ano e os meus alunos tiveram de fazer a prova, muitos deles quer dizer, são miúdos que deles eram nervosos ora se um miúdo é nervoso, este miúdo nunca vai ter a mesma possibilidade de um miúdo que é mais calmo, que até leva aquilo na boa, que vai fazer ... quer dizer, eles até podem ser iguais, não é?, em termos de conhecimentos, mas basta o fator hum, hum os nervos, que para mim que os influenciam ah, ah muito. E eu a outra turma tinha miúdos assim e, tanto é que mesmo agora, estes de 3º ano souberam que a prova ia deixar, alguns deles, alguns deles eu noto, notei mesmo que parece que lhes saiu um peso de cima, porquê? Porque eram miúdos responsáveis e eles queriam ter boa nota e depois a mãe em casa pressiona, o pai em casa pressiona, o próprio Ministério pressiona, porquê? Porque quer hum, nas estatísticas ... os próprios professores sentem-se pressionados porque depois nós temos uma grelha no fim que vamos, não é? E preenchemos, lá está, os bons, muito bons ou suficientes, depois saem uns gráficos, o: a escola ... por exemplo a escola, mas eu lembro-me de as colegas da Foz disserem: Ai, as turmas piores são as da foz. E coiso ... e depois elas dizem: Pois, então como é que pode ser... então Paulo da Gama não é pior do que nós? Quer dizer, não é? Porque depois vem lá escrito e depois, quem fazia a análise dos dados ainda

escrevia: a pior turma do 2º ano foi a turma e dizia o ano e da professora que era. Eu acho isso muito feio, mas fazia-se isso. O ano passado é que se deixou de se fazer porque, deixou-se de fazer porque as colegas de todos os anos, em cada ano fez-se um pequenino texto que foi para ata, da ata foi ao diretor, ao conselho pedagógico e claro, aquilo teve que ficar escrito em ata e não pareceu muito bem, quando um ensino se diz do 1º ciclo, voltamos ao mesmo, qualitativo e aquilo estava a ser quantitativo, não era? E para baixo e não para cima, porque não valorizavam. Não diziam, por exemplo, a melhor turma ou, ou não. Era só: as piores turmas foram estas, estas e esta. Ora, claro que o diretor quando viu aquilo não gostou, mas temos pena porque nós também não gostamos. Eu não tive a minha turma nessa situação, mas outras colegas tiveram com toda a razão porque, por exemplo, tinham duas, três crianças com NEE, uma criança com NEE não devia entrar nessa estatística, entrava e entrava no quê? Na parte dos insuficientes, porquê? Porque as professoras não, não percebiam que as deviam colocar no suficiente. Elas entendiam, ora se tenho 3ºano, se tenho que dar uma nota eles não acompanham, só que é assim: não têm nada que acompanhar porque eles têm um programa, eles, elas têm que ver o programa deles, é como a Joana não, eu não posso colocar a Joana em termos dos conteúdos que eu estou a trabalhar no 3º ano. Os conteúdos sim, que eu trabalho com ela no PEI dela, não pode ser de outra forma, mas pronto as colegas entenderam assim e pronto, não é? Mas o que é certo é que aparecia isso.

Mariana – Quais os instrumentos de avaliação mais utilizados em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico?

E4 – A nível hum, hum sumativo é os testes, não é? A nível formativo uso fichas, como lhe digo, mas ao fim e ao cabo elas também são sumativas, não é? Porquê? Porque quando era testes disto, teste das contas isto é sumativo, não é? Mas ao mesmo tempo é formativo, porque também tenho informação. A nível de, como é que eu hei-de dizer, da avaliação. A avaliação nós tanto fazemos formativa como sumativa, não é? acaba por ser.

Mariana – Hum, hum E porque razões é que opta pelas fichas de trabalho, por estes instrumentos de avaliação?

E4 – Ah, porque eu acho que é muito, muito importante ter testes e mesmo fichas antes de chegarmos às, às trimestrais, porque senão nas trimestrais alguns deles eraaa uma desgraça, não é?. E depois, não é só isso, eles também têm de ter noção, não é? Que consoante nós vamos fazendo a coisas de que tudo é importante, não é? Não é só chegar ao trimestral e ter boa nota. Tudo é importante. O trabalho todo durante o ano

vale para uma nota, não é? Que coisa que alguns deles, que nesta turma nota, que alguns não têm noção. Eles estão num terceiro ano, já deveriam ter essa noção, mas não têm, não têm. Na minha outra turma, eram miúdos mais responsáveis nessa, nessa situação. Eles percebiam que tudo o que faziam desde que entravam na escola, não é? Até que saiam tudo era avaliado, desde comportamento lá fora e tudo, porque ninguém acredita num, numa criança ou num menino que se porta mal, mas ali há muitos que hum, hum isso não entra.

Mariana – E, no 1º Ciclo do Ensino Básico, em que momentos se avalia?

E4 – No, no 1º ciclo em que momentos se avalia? Avaliam quem? Os alunos? É que nós, eu não me sinto avaliada, ao não ser quando me entram pela sala dentro porque me veem observar também as aulas. Os miúdos eu, para mim, eu desde que, como digo, desde que eles entram eu acho que estamos sempre a avaliar, porque nós avaliamos comportamento, nós avaliamos atitudes, nós avaliamos os conhecimentos, porque quando nós fazemos uma pergunta eles ou aplicam ou não aplicam esse conhecimento, não é?. Por isso, eu pelo menos estou sempre a avaliar, porque depois também tenho aqueles alunos que oralmente são muito bons, quando sozinhos a fazer uma parte escrita, ou por nervos, ou por ... que alguns têm ou falta de autoconfiança, os testes, às vezes, não correspondem àquilo que eu sei que eles que sabem. Porque quando um aluno diz oralmente o diz, diz de sua cabeça, logo não está a olhar para lado nenhum para ver se ... se está bem, se esta mal. Quando um aluno vai para um teste e a nota não é assim tão boa, eu às vezes também me pergunto o porquê, não é? Mas isso às vezes, lá está, são pequenos, são crianças e às vezes é difícil de se explicar.

Mariana – Como é que são definidas as estratégias avaliativas a utilizar ao longo do processo de aprendizagem?

E4 – Ai, as estratégias não são definidas. Eu nunca trabalhei num agrupamento como este. Este agrupamento a única, a única estratégia que é, como é que se diz, definida é o teste de, trimestral. Agora, tudo o que seja, por exemplo ahhh testes da tabuada, testes, vamos supor ah,ah estilo expressão escrita, não é? Se quiser avaliar, ditados e tudo, eu nunca trabalhei num agrupamento ou ou, porque é assim eu não posso dizer agrupamento, porque é assim há aqui grupos que trabalham muito bem. Agora, eu desde que aqui estou, não é? Ah, ah o meu grupo tem sido quase sempre o mesmo, porquê? Porque foram as pessoas que entraram comigo, não é?. Na altura eu peguei numa turma de 1º ano, levei do 1º ao 4º, entretanto, claro, que professores contratados (...) saíram, mas o grupo, o grosso que entra quer dizer, parece que entram sempre, entram sempre iguais, ou seja, trabalho de grupo, trabalho de grupo, não é?

Onde, por exemplo, partilha de experiências, eu fiz isto eu fiz aquilo não sei quê, não há, não há porque o que eu sinto é que: não há porque não há tempo, porque as pessoas querem ir para as reuniões e quanto mais depressa a reunião estive feita melhor e depois, a nível de partilha eu não sinto partilha nenhuma. Eu, por exemplo, tenho outras colegas com o meu ano, com o 3º ano, com quem eu mando mails, mando isto, mando aquilo, que estas a fazer o que não estas a fazer e não sei quê, onde eu partilho muito mais do que, do que no próprio agrupamento e aqui na própria escola. Porquê? Porque eu sinto que, que não há abertura para poder existir um trabalhoooo em conjunto, não sinto eu não sinto aqui e eu estou a falar pelo meu grupo, o grupo do meu ano, porque eu vejo, ainda há bocado o 1º ano e tudo, professores que trabalham em conjunto, agora eu no meu grupo, desde que aqui estou tenho tido um azar, porque a culpa também pode ser minha, que eu não digo que não seja, mas é assim eu sou uma pessoa que mando as coisas por mail e se me perguntar quantas vezes me mandaram alguma coisa, nada. Chega ao ponto que a pessoa desiste, se é para trabalhar trabalho sozinha. Eu já estive em escolas em que trabalhava sozinha, porque era uma turma só, trabalho sozinha, porque assim não dá. Esse tipo de estratégia, a única estratégia definida é as fichas do trimestral e, até partimos uma altura em que as fichas eram todas iguais, o que deve ser. Um agrupamento todas as fichas iguais. Depois, chegou-se a uma conclusão que não, porque uma escola tinha determinados meninos a outra tinha outros, diferentes, população alvo, como se costuma dizer, diferente, logo as fichas deveriam ser feitas diferentes. Porquê? Porque as pessoas não queriam era trabalhar em conjunto, há dificuldade em trabalhar em conjunto, e eu nunca senti tanta dificuldade em trabalhar em conjunto, numa escola, como aqui. Há dificuldade em trabalhar em conjunto, às vezes no próprio grupo da escola e depois há dificuldade em trabalhar com outras escolas, quer dizer, quando nós hum, somos todos professores e depois não é só isso, todos nós, hoje em dia não pertencemos a uma escola, que é isto que ainda não entrou na cabeça de algumas pessoas, porque eu tanto posso estar aqui como o diretor me dizer: Olhe, tem que ir para Paulo da Gama. Eu não quero, não quero, não é? Mas teria que ir, não é? É isso que eu não entendo, mas que eu note que não há estratégias definidas para trabalhar em conjunto, não há, não há.

Mariana – Hum, e considera que no 1º Ciclo do Ensino Básico se privilegia alguma das funções das estratégias avaliativas: diagnóstica, formativa e sumativa em comparação com as restantes?

E4 – Ai, ai eu para mim aqui é sumativa. Porque aqui o agrupamento não se preocupa em, em ah, ah e a diagnóstica, mas a diagnóstica, a diagnóstica lá está é feita, mais a sumativa, mas a nível formativo eu não acho. Não acho que o agrupamento em

si se preocupe nem o agrupamento, nem as colegas no geral porque é assim: isso é em todos os anos, né? A escola, quando elas se dão bem, não é?, trabalham bem o 1º ano ou o 2º, ou o 4º muito bem ah, ah o sumativo e o diagnóstico, mas o formativo, o que eu me queixo há aqui outros colegas que dizem o mesmo. Trabalham com um ou dois do mesmo ano, não é? Mas não há um trabalho em conjunto, não há. Eu sinto isso, acho que esta escola não sei, não ... quer dizer pronto, talvez por ser uma escola grande, mas eu isso acho que não é desculpa porque eu já estive sozinha numa escola onde trabalhava com as colegas da Torrinha ... elas eram três e eu era sozinha e eu ia às reuniões e nós reuníamos e coiso ... e eu acho que hoje em dia as pessoas não, não ...estão cansadas, não é? E hum, hum a coisa mesmo é que não têm tempo, já dou tantas horas para a escola que não tenho que dar mais. É o que a gente ouve, pronto.

Mariana – Mas, por exemplo, a avaliação diagnóstica como é que se costuma realizar? Também através de teste?

E4 – Sim, através de teste, é fichas, não é? Vai-se buscar aqui, vai-se buscar ali. Vê-se um exercício daqui, um exercício dali e é feito como, como a sumativa, como a trimestral.

Mariana – E acontece no início do ano letivo?

E4 – Sim, no início do ano letivo.

Mariana – Apenas?

E4 – Sim, apenas, não há mais.

Mariana – Quais os principais agentes do processo avaliativo?

E4 – Ah, somos nós e os alunos porque não há mais ninguém ah, ah a intervir. Quer dizer nós podíamos ter por exemplo, vir alguém não era, de fora, não era, nunca fizemos. Nem nunca fizemos, vamos supor uma prova interna, não é? Que às vezes há agrupamentos que fazem internamente, para saber. Nós não, nunca fizemos. Aqui neste agrupamento nunca fizemos, já estive noutros que fizemos, no Rodrigo de Freitas eu já cheguei a fazer e também na, naaa Gomes Teixeira, mas aqui nunca fiz, nunca fiz.

Mariana – No 1º Ciclo assegurar-se que são devolvidos os resultados da avaliação aos alunos e às famílias?

E4 – São, isso são devolvidos os resultados da avaliação à família.

Mariana – E de que forma?

E4 – Ah, ah Oralmente, não é? Por exemplo quando eu dou as notas e por escrito, quando é o registo, porque o registo vai por exemplo, o somatório, sei lá vamos supor que tem duas ou três fichas trimestrais, não é? Trimestrais não, mas sumativas ah, ah diz-se o que é que o aluno fez, o que é que o aluno não fez e hoje em dia até há uma coisa, o agrupamento exige mesmo que os testes sejam entregues aos pais, ou seja, nós ficamos apenas com o registo, os que fazem, há colegas que não ... mas eu faço isso, uma tabela onde em Português teve tanto hum, hum, hum e coiso, só que depois é muito engraçado, porque é assim: supostamente, nós não devemos dizer a cotação aos, aos alunos, ou seja, nós não devemos dizer a cotação aos alunos, mas se os pais nos perguntarem: ai, não tem mal nenhum dizer, quer dizer, as pessoas às vezes parecem bipolares. Eu às vezes sinto-me aqui, é verdade porque é assim: ainda outro dia estava aí numa reunião e ai não, não se pode dizer porque não sei o quê, não sei que mais. E eu: Não, porque eu com a outra turma tentei dizer a uma mãe que tinha de perguntar no agrupamento, que foi num 1º ano, e eu disse: Desculpe, mas eu não vou dizer porque eu tenho de perguntar e essa mãe era professora de espanhol no agrupamento e foi dizer na direção que eu tinha dito que tinha ordem da direção para não dizer, por isso veja. Isto aqui é hummm, temos um, uns pais, uns encarregados de educação também muito especiais, isto nuuum, não é? Também? Mesmo que a gente não quisesse, a gente tem que ser obrigada a dizer, em alguns casos, não é?. Noutros, não, não levantam problemas, que é isso que eu acho extraordinário.

Mariana – E que importância atribui a esta divulgação da avaliação?

E4 – Eu acho que é importante porque é assim: se eu estou a dar uma nota, não é? Eu acho que é importante o miúdo saber que, por exemplo, o muito bom se ele teve 90 ou se ele teve quase 100%. Um aluno, por exemplo no bom, se ele teve 70 ou se teve 85, não é? Pro miúdo perceber, quer dizer: estou a ir pra baixo ou estou ah, ah subir, não é? Porque os testes vão sendo feitos: estou a melhorar ou eu piorei? Nem sentido, se é que vamos dar uma nota vamos ver se eu subo ou se eu desço as notas e ai, eu aí acho importante.

Mariana – E acha, por exemplo, que quando há esta comunicação ao aluno ele tem maior consciência de como é que está na aprendizagem?

E4 – Sim, tem, tem. Só não têm aqueles meninos que são inconscientes, não é? Que para eles vir à escola, muitos deles ah, por exemplo num 1º ano às vezes os pais dizem: Ai é tão pequenino, como quem e tem razão porque ele é, mas ele começa a ter notas porque nós temos uma tabela para preencher, onde ele é muito bom, bom, suficiente ou insuficiente, não é? Só que às vezes para os pais é muito pequenino, não

é? E depois vai ser muito pequenino no 2º, muito pequenino no 3º e muito pequenino no 4º e nós vamos nisto, não é? E depois, muitas das vezes, esses meninos, realmente, não têm consciência. Agora, aqueles meninos que em casa se, como eu tenho alguns, que é como a mãe diz: se ele pode ter muito bom ele tem de ter muito bom, não tem de ter bom. E eles próprios sabem, quando vêm uma nota, não é? Ficam um bocado aflitos, como quem! Então, ah, ah é bom, vou chegar a casa e a minha mãe vai-me dizer isto e vai-me dizer aquilo, qué, qué a consciência deles a trabalhar, mas também esta a consciência de que os pais atrás lhe colocam e a pressão. Sim, é as duas coisas, porque eles sabem que o pai ou a mãe não vai gostar. Quando é bom, ainda não é muito mau, mas quando é suficiente alguns até choram, como se fosse uma coisa, também do outro mundo, não é? Porque isso aí eu acho que já é pressão porque no bom, muito bom é normal, agora quando é suficiente e começa a chorar, aí gente começa a ver a pressão ah, a funcionar.

Mariana – E tenta assegurar feedback, ao longo do tempo, para que o aluno tenha também consciência dos resultados?

E4 – Isso no fundo são as fichas que nós vamos fazendo, eu pelo menos acho assim, porque é assim: o aluno se vai fazendo fichas, não é? Até que sejam formativas, claro que nós damos-lhe uma nota, mas elas são formativas, mas é assim: aí parte (...) o, o próprio professor é que pode, em parte, por exemplo eu quando era os testes da tabuada, claro que aquilo não tinha carácter propriamente sumativo, não é? Mas euu pressionava-os também, não é? Têm que saber a tabuada porque isto é uma vergonha e não sei o quê, quer dizer, nós os, no fundo, também é assim: damos também às formativas um carater um bocadinho mais ah, ah não é sumativo, mas para eles perceberem, quer dizer, que tudo o que fazem na escola, não andamos propriamente a brincar, não é? Brincar é no recreio, como se costuma dizer. Tudo é importante: as Expressões, o Português, tudo porque eles depois vão para um 5º ano têm expressões com outro nome, têm o Português, têm a lin, uh, uh por exemplo ah, ah desporto, não é? Tudo isso eles ahh no fundo, eles têm cá, se nós não começamos a dar importância eles chegam lá, como muitas das vezes as professoras dizem: não percebo, eles fazem e eles acontecem e nós dizemos: pois, mas eles connosco não faziam e, não faziam, não é? Porque eles também começam a crescer, começam a tentar, não é? Só que às vezes os professores, os outros, alguns acham que nós aqui permitimos tudo até ah, ah eu já tive uma reunião uma vez de articulação vertical que a colega que era de Matemática até achava que nós cá no 1º ciclo que até os deixávamos estar com o boné e nós ficamos a olhar para ela, como quem! Se eramos nós que estávamos mal ou se era a senhora que já não estava no seu perfeito juízo, porque só podia! Porque alguém

que não estivesse no seu perfeito juízo é que iria achar que nós no 1º ciclo que os deixaríamos estar numa sala de boné e, e de boné e ainda com a pala para trás, que é uma coisa que, que? Já é surreal estar com o boné e ainda estar com o boné com a pala para trás, não é? que é estilo os gunas estão, como se costuma dizer, que não lembra a ninguém.

Mariana – No 1º Ciclo do Ensino Básico a avaliação ocorre em espaço concretos?

E4 – Sim, o espaço acaba por ser sempre a sala de aula, não é? Nós espaço é espaço sala de aula.

Mariana – Mas por exemplo, quando está a vigiar o recreio e está com eles considera que isso é avaliar?

E4 – Sim, eu isso faço sempre, todas as semanas à quarta-feira é o meu dia, só que é assim: aí estamos a avaliar atitudes, não é? Comportamentos, não estamos a avaliar conhecimentos, não é? Agora, acabam por ser, às vezes, também conhecimentos porque se eu perco, por exemplo meia hora, dez minutos com um aluno a dizer: Não fazes, não bates, não isto, não aquilo (...)

[...]

Mariana – Pronto, quando está no recreio.

E4 – Lá está, porque é assim, por exemplo, não querendo, como o outro diz, particularizar, mas por exemplo o meu aluno, o Sebastião, se eles, eu perco às vezes meia hora, ou mais de meia hora por dia a dizer: não bates, não isto, não aquilo, não acoloutro eu vou para o recreio, como ainda há bocado eu vinha a descer, eu tenho uma professora que me diz: ele acabou de dar um pontapé a um coiso ... Eu questionei-o e ele diz que foi o outro, quando eu ando, desde o 1º ano a dizer: se tu fazes uma coisa tens que assumir e ele continua a não assumir ou seja, aqui a gente quer, não é a avaliação de conteúdos, mas é a avaliação de atitudes e de comportamentos, não é? Porque acaba por ser, porque há miúdos que também quando entraram no 1º ano, não tinham propriamente uma atitude ah, ah como é que eu hei-de explicar, adequada, não é? Mas com o tempo, com a mudança, também entram uns, saem outros miúdos, eles perceberam que também tinham que mudar, mas este ainda não percebeu isso. Ele só vai perceber quando for para um 5º ano e começar a ter faltas disciplinares. Ai ele e a mãe vão, vão mudar só que ai, quem cá está, os professores, as auxiliares e os colegas que cá estão já não vão beneficiar dessa mudança, não é? Pois.

Mariana – Então, quando fala das dimensões alvo de avaliação podemos falar dos conhecimentos dos alunos e também das próprias atitudes?

E4 – Ai sim, eu acho que sim, eu acho que sim, porque nós por muito que se lhe diga que não, nós avaliamos sempre os conhecimentos está sempre e ainda bem, porque a própria avaliação dos professores tem a ver com isso, por exemplo, eu lembro-me que quando tive a minha turma que a Mariana, pronto agora vendo ah, ah a situação, sabe que sai a pauta de Português e a pauta de Matemática e sai a nota interna que eu lhe dei e sai a nota da ficha e depois tem a média isso ou seja, hum, hum nós tivemos aqui pais, pais e professores que se deram ao trabalho de estar a verificar, porque cada turma tinha vinte e seis alunos, não é? Não é como eu tenho agora vinte, está a perceber. Três turmas com vinte e seis alunos verificar que nota é que o professor lhe deu internamente, que nota é que ele teve na, na coisa e a própria comparação, pronto, já estava feita, mas os próprios não foram à última nota ou seja, eles foram à nota que o professor deu, foram à nota que o, oh e depois começaram a analisar e então, consequência e conclusão lógica: as professoras, por acaso eu fui uma delas que demos a nota mais próxima da nota que eles tiveram no teste, porque por exemplo, um aluno de 5 eu não consigo perceber como é que ele teve um 2, eu não consigo compreender e claro que, nos nos como é que eu hei-de dizer, não é? Na cabeça ou no pensamento daquele pai até daquele aluno. Como é que é possível uma professora dar, por exemplo, um 5 a Português ou um 5 a Matemática e ele vai fazer teste e tira 2. Quer dizer, hum, hum algo não está bem, por muito tirava 3, porque eu também os tive, alunos de 5 que, por exemplo a Português tirou 3. Agora um aluno de 5 não tira 2. E aqui tivemos mais do que um e os pais foram comparar e depois, nós chegou-nos aos ouvidos uns zuns, zuns, zuns que e depois, comparavam-nos, não é? A professora tal é que era boa porque quando na comparação das notas, a nota que a professora deu e a nota que eles foram ter no teste correspondia e, os pais deram-se a esse trabalho e depois o que é que deu? Deu a que as outras duas colegas, que eu não tenho culpa nenhuma, eu digo-lhe mesmo foi o meu caso a nota que eu dei correspondia à nota que eles tiveram no teste as outras não, andaram a dar cinco, quatro e tudo a miúdos que tiraram 1 e tiraram 2. Ora os pais compararam entre eles, está a perceber? Começaram os pais: Ah, porque não sei o quê, ah porque não sei que mais, ah porque isto, ah porque aquilo, ah porque acoloutro, não é? E então, isto chegou aos ouvidos das outras duas colegas. Em vez de, pronto foram os pais que disseram hum, hum, não senhor, no fundo ah, ah direcionaram para mim ah, ah, a frustração da nota delas ou seja, ou seja, a ver se eu me explico, hum a atitude delas depois para comigo mudou, quer dizer eu não tenho culpa nenhuma, não é? Porque eu não, não tive culpa nenhuma e, e, e tanto a

atitude. Porque lá está esta coisa da avaliação tem um bocado realmente ... eu o ano passado, quer dizer, da outra turma para esta turma notei isso, porquê? Porque nunca tinham existido este tipo de provas, não é? Depois, nunca me tinha acontecido de deixar uma turma e pegar noutra, ou seja a turma que eu fui pegar, a turma estava feita já para mim, porquê? Porque fiquei eu e ficou outra colega e como eu tive melhores resultados do que ela, como eu tenho na turma filhos de professores que são do Garcia da Orta, filhos de ... que são conhecidos de e não sei o quê? Ora o que acontece eu fiquei com a turma, porque das duas, porque a outra era contratada, das duas eu era a que tinha tido os resultados melhores, eu tive uma mãe que me disse mesmo isso!

Mariana – Houve influência da avaliação.

E4 – Eu pedi que fosse a professora porque a professora com os resultados que teve o ano passado, não é? Para mim pareceu-me uma boa professora, por isso veja, realmente, ao ponto que nós chegamos porque, por exemplo, a outra colega que ficou aqui, que ainda está, ela tinha uma turma só de rapazes, mas isso ninguém se questionou, não é? Ninguém questionou porque é que os meus resultados, que eu tinha uma turma equilibrada meninos/ meninas, ela não, ela tinha muitos rapazes, mais de metade da turma eram rapazes, mais de metade da turma, ela tinha para aí dezoito rapazes e o resto eram meninas para completar os vinte e seis, ou dezoito ou até dezanove rapazes, quer dizer, tudo isto influencia, vários fatores, só que quer dizer, depois na avaliação ninguém questionou isso, não é? E depois também é assim, na própria avaliação dos alunos eu fiz sempre e, depois também é os pais que nós temos, tanto na outra turma como nesta turma eu tive sempre pais que são pessoas muito atentas, muito preocupadas e tudo isso e, e por exemplo eu não tenho pais a virem-me sempre chatear, não é chatear pronto, mas sempre questionar as coisas porquê? Porque eles vão fazendo semanalmente as avaliações, o registo e os pais assinam, os pais só, por exemplo, quando aquilo vai tudo amarelo ou muitos laranjas e não sei o quê, o pai vem cá e alto lá que aqui passa-se alguma coisa e eu quero ir falar com a tua professora para saber o que é que se passa, não é? Para se saber o que é que se passa e então, o que é que acontece? Essas colegas, não é? Eu digo sempre, eu não escondo, eu faço isto, só que às vezes vê da outra parte má vontade e a pessoa também deixa de dizer. Ela sabe, elas sabiam que eu fazia, agora andar todas as vezes: Olha eu fiz isto, olha, não, não, não ... isso não faço, não faço, não faço. Até porque uma vez, aqui o coordenador me disse: Já fez o seu trabalho, que foi tentar uma aproximação. Quando as pessoas não querem aproximação, não vale a pena porque insistir é, é burrice e é estupidez. E eu: Realmente, tem razão, tem razão, não dá, não dá.

Mariana – Mas, por exemplo as grelhas de avaliação também são uma forma de comunicação com a própria família?

E4 – Sim, sim. Eu chamo-lhe autoavaliação porque é assim: cada um deles diz, só que é uma autoavaliação um bocado (risos) um bocado heteroavaliação, não, não ... é uma auto - heteroavaliação, porque ao mesmo tempo que o aluno diz o que fez e a nota, quer dizer a cor, porque aquilo no fundo é um semáforo, tem as carinhas com as cores, os outros colegas questionam e eu própria: verde? Nós dizemos: verde? Mas como é que tu mereces verde? E eles começam ... porque eles têm também de ter um espírito autocrítico, eles têm de saber: eu fiz isto, isto e isto. Eu neste momento eu tenho a turma quase toda o único que eu não tenho continua a ser o mesmo aluno do primeiro e eu acho que ele vai até ao quarto ano sem perceber, efetivamente, o mau comportamento que tem. Teria que ter ajuda? Teria, mas aí a mãe também se tinha de mentalizar disso, não é? Os pais não se mentalizando que a criança sozinha não consegue, não estamos a falar de medicação porque hoje em dia quando se fala os pais são logo: Ai, não vai tomar nada, não precisa de tomar nada, que nem eu, nem o pai somos, somos ah, ah, não é? Pessoas para saber se precisa ou se não precisa. Existem psicólogos, existem pedopsiquiatras para tratar, para trabalhar com eles e a medicação pode ser um recurso, mas para mim, quanto a mim é o último, não é? Só que aqui ainda há um bocadinho o estigma do psicólogo, ou seja, retira-se o menino ou deixa de ir às consultas, que foi o que lhe aconteceu a ele, porque o menino não gostava e, como o menino não gostava, quer dizer o comportamento dele até pode continuar o mesmo, porque ele até vai crescer e quando crescer muda o comportamento, foi a resposta que eu obtive.

Mariana – Reconhece dificuldades e constrangimentos associados ao processo avaliativo?

E4 – Constrangimentos existem, existem porque por vezes, a tal coisa por exemplo, nós achamos que o aluno adquiriu conhecimento, não é? Damos a ficha, constatamos que não, só que às vezes é assim: o aluno está desatento, o aluno às vezes até sabe, mas não responde, hum, hum alguns eu não sei explicar porquê. Quando um aluno, por exemplo, leva um quarenta, um cinquenta, quando o pai, não é? Acha que ele que é muito bom e ele aparece-lhe e, quando ele nem é muito bom, é bom, é natural, por exemplo, que seja um sessenta, um sessenta e cinco, não é? Aparece-lhe com um cinquenta ou com um cinquenta e um e alguns pais vêm à escola perguntar: Então como é que o meu filho ... e a gente o que dizemos é: Se a senhora verificar a ficha ele tem imensa coisa errada, que ele até, com certeza até saberia, mas

naquele momento ele não respondeu, agora o porquê de não responder eu às vezes também me questiono, mas sou-lhe sincera, nunca consegui descobrir porque às vezes diz-se assim: falta de confiança, eu acredito que seja falta de confiança, mas a falta de confiança nuu, nuuu, não justifica ah, ah não justifica tudo ah, ah, às vezes, as sensação que eu tenho é que eles, por exemplo, eu mando os conteúdos para estudar e tudo e uma sensação que eu tenho é que alguns, aquilo anda colado no caderno, os pais andam muito contentes e felizes na sua vida e esquecem-se que hoje em dia as crianças não são como eu quando andei na escola e como a Mariana que tinha a sua responsabilidade de ir estudar, eu acho que hoje em dia os miúdos têm tanta coisa que os pais ainda não perceberam que o miúdos têm de ter tempo para estudar, para estudar, há aqui meninos que têm tantas atividades que é impossível ter tempo para estudar, porque eles também precisam de ter tempo para brincar e para descansar, porque o dia só tem vinte e quatro horas, mas há aqui pessoas que ainda não entenderam isso, mas pronto.

Mariana – Quais as principais diferenças que considera existirem entre a avaliação da educação pré-escolar e a avaliação do 1º Ciclo do Ensino Básico?

E4 – Eu sou-lhe sincera, eu acho que hoje que não há diferenças, porquê? Porque eu continuo a ouvir que o ensino do 1º ciclo é e, eu insisto com isto porque é como o outro diz: quero lá saber, porque até me explicarem o contrário, eu não, não consigo perceber ... qualitativo, a pré também é qualitativa ou seja, nós passamos a ser quantitativos, porque damos uma nota e não me venham cá, quando dizem que é qualitativo é mentira, é quantitativo, o 1º ciclo é quantitativo se eu dou uma nota é quantitativo porque eu estou a dar, eu estou a quantificar o aluno, estou a dizer se ele é muito bom, se ele é bom, se ele é insuficiente, o que seja. E eu agora, dá-me a sensação, pelo que eu ouço das educadoras porque é assim: só falando com as educadoras é que ... é que nós não temos reuniões com a pré, que é uma coisa que eu não entendo, como é que vamos reunir com as colegas do 2º ciclo, não é? As tais reuniões verticais e, não reunimos com a pré, eu não consigo perceber como é que se faz uma reunião com, as tais reuniões que temos de ter uma por período, por vezes até não fazemos a primeira e fazem-se duas, só segundo e terceiro período e nunca há reuniões de articulação com a pré. Ou seja, muitas das vezes, nós nem sabemos o que, ohh, a pré, o que, o que ... é obrigatório, não é, o que é que elas trabalham ... eu não sei. Eu só sei porque tenho amigas que são educadoras e às vezes digo-lhes assim: Olha, por exemplo, um aluno chega-me aqui e não sabe pegar no lápis ou, não sabe orientar o espaço, ou isto ou aquilo e eu pergunto: Olha, então ... e elas dizem: Ah, realmente é normal, porque há miúdos que não conseguem, isto e aquilo e ainda vão

num primeiro ano e não sei o quê e só num segundo é que conseguem e eu digo: Pronto, está bem, não é?. Mas lá está, eu acho que é uma coisa que nós deveríamos ter, nós neste agrupamento não temos, mas há outros agrupamentos que têm. Não há reuniões. Lá está, já temos muitas reuniões, já viu, mais uma? Deus me livre, havia aqui colegas que até iam ao ar se disséssemos que íamos ter mais uma reunião, quer dizer quando eu não estou a dizer, mas já viu, por exemplo em setembro estamos do dia 1 ao dia 15, do dia 1 ao dia 15, em vez de vir muitas das vezes, como nós vimos fazer nada, porque está tudo feito ... porque depois é muito engraçado ... até ao dia 15, por exemplo 20 e eee, e 20 não, que 20 já é muito tarde, mas ... sim, às vezes é até ao dia 25, 26 de, de julho porque depois aqui o agrupamento as férias são sempre em agosto ou seja, nós começamos a contar de agosto para trás, não é? Por exemplo, a média é dia 15, dia 17 consoante os professores em julho começam a ir de férias. Quer dizer, nós estamos quase um mês, porque de junho a julho, é quase um mês que temos de fazer tudo: temos de deixar o Plano Anual de Atividades, temos de ... todos os documentos têm de ficar prontos, não é preparados é prontos, mesmo. Claro que depois o Plano Anual de Atividades é o único que vai sofrer alterações, mas todos os outros tem que ficar tudo pronto e depois, chegamos aqui do dia 1 de setembro ao dia 14, 13 ou o que seja e estamos aqui sem fazer nada. Porque não há nada para fazer e devíamos aproveitar esses dias para fazer reuniões de articulação como fazemos sempre com o 2ºCiclo, mas com a pré, que nunca fizemos nenhuma.

Mariana – Nem mesmo no 1º ano que é quando eles vêm para da Educação Pré – Escolar?

E4 – Nem no 1º ano. Temos aqui uma colega que veio dos Açores e que perguntou, disse ela: Então eu não tenho nenhuma grelha de avaliação, eu não tenho o processo dos meus alunos? Veja que aqui os alunos não têm processos. Não há processos dos alunos. Eu acho que o processo devia começar logo no primeiro, na pré, ou seja ele entrou com três anos neste agrupamento ou noutra agrupamento qualquer. Ele devia ter começado um processo. O problema é que a pré não é um ensino obrigatório, é o que eles dizem e não é. Porque no processo dos alunos começa com o 1º Ciclo e vai para o 2º Ciclo, não é? E depois são guardados no 2ºCiclo e para o terceiro já só passam as folhas mas, como é que eu hei-de dizer, deveria existir o, a pré deveria ser obrigatória. A pré não é obrigatória como não é obrigatória não, por isso é que eu também acho que não há a articulação. Está mal, está mal porque nós precisávamos de muitas vezes saber o que é que elas fazem e informações. Eu, por exemplo, quando recebi esta minha turma eu, sei lá, metade? Metade não, mas uma terça parte da turma vinha de uma educadora, onde diziam que ela não trabalhava nada com eles, que ela o

que fazia era ... e isso eu vi-a, agora o que eu não vou dizer é que ela não trabalhava com eles, porque eu nunca estive dentro da sala, lá com ela e as pessoas também não podem afirmar isso, mas que ela vinha muitas vezes com eles lá para cima para o recreio, vinha porque eu sou, era uma sala do canto e eu via. Eles passavam-me a vida a passar por trás e eu nas horas, porque a janela abria para fora e eu estava sempre a ver quando é que eles iam levar com aquilo na cabeça. Agora aquilo está diferente, nem se pode passar por trás, mas ela sabia que não podia passar por ali e insistia. Insistia, até que um dia eu não fui falar com ela porque ela era meia ... assim ... e disse ao coordenador, disse assim: Parece impossível, mas é assim nós já a chamamos à atenção e não era só eu. Era eu e as outras duas colegas que estávamos em cima. Já lhe dissemos para não passar por trás, porque os miúdos podem-se aleixar. Qualquer dia um vai-se aleixar a sério e como facto um aleixou-se. E ela a partir daí deixou de passar, mas lá está a tal coisa: pais e, e, e alguns educadores, lá está, que há sempre, é como nós 1º ciclo, também há rivalidades, não é? Diziam ah, ah a turma, por exemplo os quatro ou cinco que recebeu daquela educadora não devem vir muito bem preparados porque ela passava a vida a brincar com eles e não sei o quê, não sei que mais. E eu fiquei ... a resposta que disse foi: Pois, mas eu não sei quais é que são os conteúdos que vocês têm para trabalhar. Eu sei quais os que eu vou ter de trabalhar com eles, agora o que vocês trabalharam com eles eu não sei se é brincar, se é pontar, se é se é por exemplo, orientação espacial, eu não sei o que vocês trabalham com eles, porque nunca se faz, nunca se fez, é que aqui nunca se fez uma reunião de articulação, nunca vi um processo de um aluno, mas isso é em todas as escolas. Eu desde que trabalho nunca tive, eu estava a pensar, eu acho que só tive uma vez e foi no Alentejo, não ... tive uma vez e foi no Alentejo. Aqui no Porto eu nunca recebi um documento com uma avaliação da pré. Nunca recebi, eu sei que elas que entregam. Elas entregam, mas onde é que isso está? Eu nunca recebi. Nunca, nunca vi, nem nunca recebi.

Mariana – Todas as informações são obtidas em conversa informal?

E4 – Sim, com os pais. Nós nem temos reuniões, por exemplo, vamos supor que recebemos um grupo deee, de por exemplo o Centro, que nós temos aqui ah ... por vezes, vem uma, uma educadora de lá e reúne com o nosso coordenador. O nosso coordenador é que reúne com as nossas educadoras para depois fazer as turmas, mas agora se elas lhe entregam, por exemplo algum documento ou isso eu não me acredito que entreguem, porque se entregassem ele entregava-nos a nós. Por isso, ele próprio nunca recebeu nada. Ele é que ouve o que elas dizem e escreve: este aluno precisa, por exemplo, de ficar mais ah, precisam de ficar longo, estes podem ficar juntos ... no fundo, é o que se faz. Não há ... claro que depois sabe-se por exemplo, uma aluna como

a minha, que vinha e precisava do Ensino Especial e tudo, mas mesmo a Joana quando veio a Joana não trazia processo nenhum. A professora que lhe dava apoio da, da pré, da pré não, a do Ensino Especial, que era do CRI, que tem a ver com o Ensino Especial a professora, chego eu à conclusão para não ter, lá está, que lhe fazer o processo deu alta, está a perceber? Deu-lhe alta e ela deixou de poder pertencer ao Ensino Especial. A professora Graça e a mãe da Margarida, que é vice-diretora sabendo elas quem a Joana era, não é? O que é que elas fizeram? Meteram-na no Ensino Especial, sem ter papel nenhum. Veja a Mariana o que as pessoas são de inconscientes? Elas as duas assumiram a responsabilidade, começaram a tratar do processo, não é? Claro que toda a gente entra lá dentro e vê perfeitamente que aquela menina, que é do Ensino Especial, só que a professora que a apoiava, que não era do Centro, era lá do tal CRI, era uma pessoa que ia lá dar o apoio, no fundo fazer o que a professora Graça aqui faz, acho que é o Ensino Especial, essa pessoa dá-lhe alta. Pra quê? Nós não tínhamos absolutamente processo nenhum e depois a professora Graça é que pressionou e conseguiu alguns documentos, mas os documentos que até a maior parte deles veio pela mãe. Porque a mãe tinha os tais documentos na posse dela. Porque a professora não facultou qualquer documento de que lhe tinha dado alta, disse que não tinha que dar os documentos. A mãe tinha os documentos e como era, está a perceber, para uso, lá está hum, da escola e não para andar a divulgar, a mãe percebeu que se não, ela que perderia, por exemplo a redução de turma, ia perder se ninguém tivesse feito nada por aquela criança. Estaria numa turma de 26 alunos, só que as duas pessoas sabiam e, e seguraram e comunicaram ao Ministério o que estava a acontecer, porque foram as duas muito pressionadas para que a turma fosse para os 26, quando sabiam perfeitamente que tinham uma menina como aquela na turma, por isso faz-se muita coisa que às vezes é difícil de se explicar.

Mariana – E consegue apresentar alguma sugestão de prática avaliativa que pudesse ser comum às duas valências?

E4 – Eu sou-lhe sincera, uma das coisas é importante reunir, a reunião é muito importante, porque é assim: eu preciso de saber o que é que elas trabalham porque às vezes é assim: eu posso estar com a ideia de que elas até trabalham isto, não é? e elas não trabalham e elas próprias, eu acho que, eu noto às vezes nelas porque elas perguntam-nos muitas vezes, aqui o grupo que está, por acaso são pessoas que, foram-se embora umas, mas quem entra, por acaso, eu, a experiência que eu tenho das educadoras, aqui neste agrupamento é excelente, neste agrupamento, nesta escola. Porque elas perguntam sempre: Acham que é importante trabalharem os grafismos? Na, ainda com o outro grupo nós dissemos que sim, que alguns vinham muito mal

preparados e tudo e é, uma pronto, hum, uma área, hum um tema onde elas têm insistido com os miúdos para que eles peguem num lápis direitinho e tudo, para não chegarem aqui e nós então ... porque muitos deles entram com três anos, pronto, três, quatro, cinco e alguns depois só entram aos seis, não é? às vezes são três anos na pré porque os pais daqueles meninos que são matrículas condicionais, os pais como correm o risco de ir para a outra escola, que não a esta aqui, o que é que fazem: deixam-nos e eles quando vêm já vêm seis a fazer sete, não é? Preferem hum, atrasar um ano a matrícula ou seja, quer dizer, só três anos, ou até dois que sejam a pegar mal no lápis depois é uma coisa que fica para a vida toda porque eles é com a educadora que aprendem a pegar no lápis, por muito que se diga que em casa podem corrigir, não é. Porque estão cinco horas com a educadora, se cumprirem o horário, não é? A mãe e o pai são duas horas hum, hum não é nada. Eu, para mim, acho que as reuniões e outra coisa, reuniões de escola, eu acho que elas deviam participar, não é? Claro que a reunião ia demorar mais tempo, mas voltamos ao mesmo assunto, não se faz as coisas porque uns e outros já, a nossa carga horária aumentou, aumentando a nossa carga horária as pessoas não querem ter mais reuniões do que aquelas que têm, não querem. As pessoas estão saturadas e não querem mais reuniões e depois, por exemplo, formação é uma das coisas que faz falta ... há formação que deveria ser dada em que estivessem presentes professores e educadores do 1º ciclo, onde a partilha da, da ... eu fiz agora uma agora não, nas férias, que era o método das 28 palavras, onde eu tinha educadoras, existiam professores do 1º ciclo e depois outros, que eram do 2º ciclo, mas que eram professores que estavam a dar apoio, ou seja tinham a colocação no apoio e aquela partilha de, os educadores até diziam: Ai nós com os meninos ... pronto, pela experiência que tinham diziam: Ai quando eu tive na pré nós fazíamos assim, a outra dizia: nós no primeiro ciclo fazemos assim e as outras, pronto, que alguns era o primeiro ano que estavam no apoio ou qualquer coisa diziam: eu, realmente, vim fazer esta formação porque eu senti-me um bocado e eu também, e nunca tinha tido uma aluna que precisasse este tipo de método, que realmente o método fez a aluna ler, fê-la avançar no Português, não é? tudo isso. É assim, mas lá está ou formação ou ... tem de haver uma partilha se não há partilha ninguém, ninguém sabe trabalhar, ninguém sabe trabalhar. Que é assim: pegar em livros e ler não é a mesma coisa, não é. Para mim não é, eu acho que é importante oh, ah a convivência, o falar, um diz, o outro diz que é também o que eu acho que, por exemplo, falta no meu grupo, que é o primeiro hum, hum a pessoa dizer: Ai eu tenho um aluno que tem dificuldades e assim, muito bem e a outra: Eu também tinha um aluno assim, assim, assim, assim que eu às vezes sabe, a gente vem de outras escolas e quando as coisas correm mal, a gente, não é? Diz ai, o problema é quando a gente vem de sítios onde corre bem e há trabalho e há

partilha e a gente chega a um sítio onde não há. E a gente começa a ver, e a gente começa a ver um ano, dois anos, três anos e a gente começa ah, ah quer dizer, a não ter interesse, por exemplo, dou-lhe um exemplo, quando eu fui avaliada, não esta vez, a outra eu, como toda a gente, como a Mariana fez, como toda a gente faz, a gente prepara-se muito bem, não é? Para dar uma aula isto e aquilo, porque sabemos que vem gente de fora, isto e aquilo. Ah, a formadora, a avaliadora veio e deu-me uma nota, uma nota, agora não me recordo, mas era 8 virgula não sei quanto, como nós estamos por cotas eu fui ao diretor para assinar e para o diretor me dizer que tinha de baixar a nota, para mim isto é palhaçada, para mim isto é uma palhaçada porquê? Porque se me baixava a nota eu fui lá para ele me disser isso para quê? Eu digo-lhe uma coisa, para mim a partir desse momento eu andei um ano ou dois a fazer o estritamente necessário, por isso é que a avaliação, o ensino é que está como está porque os professores estão desmotivados. Primeiro, porque vão para escolas onde depois não se trabalha em conjunto, depois vai-se. é-se avaliado, a pessoa esforça-se e depois há outras que porque são coordenadores, porque isto, porque aquilo, não é? E, e, e por causa das cotas e continuamos com as cotas porque agora eu tive nota ah, ah tive muito bom, porque fui com outro e o outro que fui a orientadora dele só lhe ah, ah a avaliadora dele só lhe deu bom e como ela só lhe deu bom porque a avaliadora externa, que no caso é a nossa coordenadora do 1º ciclo olhou para aquilo e disse: Não, se ela deu muito bom e a outra bom eu mantenho as notas. Ela não esteve lá, ela não esteve lá para ver, não é? Eu não estou a dizer coisa, mas quem me garante a mim que a outra que esteve lá tenha a mesma sensibilidade, por exemplo, que fosse outra pessoa eu não sei porque é que ele teve bom, ele teve bom porque a aula dele não foi, não foi bem apresentada, ele teve bom porque os miúdos, por exemplo são miúdos complicados, é numa zona complicada, eu para mim a avaliação é realmente, mas a avaliação é muito importante, mas tem de ter todos os fatores a ter em conta, não se pode, não pode ser restrita, não pode ser é isto, é isto, é isto, não dá. Para mim, não dá.

Mariana – Então considera que mais importante do que, se calhar olhar para os resultados era importante olhar para todo o processo?

E4 – Para tudo. Coisa que não se faz, não se faz. Porque por exemplo, eu vejo pelo meu 4ºano o outro, como eu tinha uma turma, que eu digo, equilibrada porque eram meninas e eram meninos, porque eu tinha pais preocupados, eu não vou dizer que pronto, que aquela parte da autoavaliação, eu sou-lhe sincera por experiência e mesmo, por os pais me disserem: Oh professora, porque os pais dizem-nos, eu olho para ali e está tudo verde, está tudo bem, quando aquilo começa a ver um bocado já

[...]

E assim com um ar como quem, que eu devia ser o ET, não é? E como quem: Ah, mas isso dá imenso trabalho e eu cá para mim: Tu queres ter bons alunos sem ter trabalho olha, dá-me a fórmula, foi o que eu lhe disse. É impossível. Ai é só pela avaliação trimestral que tu avalias os teus alunos que ele avalia os alunos, olhe eu não. Não consigo, e até noto este ano que costumava fazer testes de contas e tudo, só que este ano eu noto que temos imensa coisa para trabalhar e este período não me deu para isso, não deu, não deu. Agora, no segundo período quero ver se volto, outra vez a esse tipo de fichinhas para eles sentirem que também é importante. Importante não é, não é só ...

Mariana – E, por exemplo, em termos de grelhas de observação? Costuma utilizar?

E4 – Não temos. Eu tenho as que eu faço, as minhas. E vamos supor. Uma colega manda-me uma, ou eu pego em duas, em três e faço. Há algumas que me foram dadas pelos professores da faculdade, que de vez em quando eu uso, eu uso. Mas agora, dizermos assim: construir grelhas para observação, eu digo-lhe o único sítio em que eu trabalhei e que se fazia realmente esse tipo de instrumentos, tudo, foi quando eu estive no agrupamento, no Gomes Teixeira e no Rodrigo de Freitas, foram os únicos agrupamentos em que eu trabalhei e que realmente se fazia trabalho em conjunto. A partir daí, por onde eu tenho andado, mesmo no Alentejo e tudo, o ano, só lá estive um ano, nunca trabalhei numa escola em que se fizesse nada em conjunto, porquê? Porque as pessoas estão desmotivadas. Eu noto isso, as respostas que nos dão quando nós dizemos qualquer coisa: Aí eu tenho esta grelha, isto e aquilo. Olham para a pessoa como quem ... parece que é uma coisa do outro mundo. Aquilo muitas das vezes são coisas que nos passaram, não é? Alguém que fez e não sei o quê. E nós pela net vamos utilizando e vamos passando uns aos outros e todo. Mas parece que é uma coisa assim ... do outro mundo. Pronto, não quer fazer, não faz. Porque eu já tive a experiência, na outra turma, em que o meu 1º ano não tem nada a ver com este 1º ano, porque eu vinha de um agrupamento onde ah, eu estava sozinha, logo tinha outra liberdade do que quando cheguei aqui. Eu cheguei aqui e, e, e eu estive três anos numa escola, mas no ano anterior também, entre nós, nós partilhávamos, não é? O ano em que eu estava estive com outras duas colegas, em que por exemplo, no 1º e no 2º ano, porque estivemos as duas lá, mais as outras duas e depois nós dizíamos assim: Olha, eu estou a fazer isto, assim ... eu no caderno eu coleí isto, aquilo e acoloutro e não sei quê e íamos dizendo umas às outras. E o mais engraçado, é que duas eram: eu e outra de

tarde e a outra era de manhã. E fazíamos isto e, e não tínhamos o mail umas das outras. Ou seja, não era uma altura em que se usava muito o mails ... Era: ela estava a sair e nós estávamos a entrar e íamos falando: Olha, eu estou a fazer isto e estou a fazer aquilo, como a outra colega era da mesma sala. Uma trabalhava de manhã e a outra deixava papeis escritos, falávamos eu e a outra à hora do lanche e ela deixava um papel a dizer: Olha, Joana estamos a fazer isto, isto, isto e isto ... e ela respondia. Ficava um papel escrito na sala, na gaveta. Elas já tinham a combinação, uma com a outra e às vezes fazíamos reuniões e elas diziam: também estou a fazer assim, assim e assim. Mas, existia outro ... Quando vou para a outra escola, fui sozinha, porquê? Porque era uma turma só do ano, 1º ano, quer dizer: ai deu-me liberdade para fazer o que eu quis, não é? O que eu quis dentro de ... mas tinha as outras colegas da torrinha que eram mais três e, e íamos por mail, aí sim porque não era o mesmo espaço físico. Por mail dizíamos: Olha, eu estou a trabalhar isto, eu estou a fazer assim, eu estou a colar assim no caderno, por exemplo uma atividade qualquer, não sei quê. E fomos trabalhando sempre. Quando eu chego aqui, donde vinha tinha a liberdade de fazer o que eu queria, apesar de lhes dizer e nunca ter tido da parte ... e eram, porque isto às vezes, também mexe connosco, não é? Que eram, todas elas, ainda mantenho contacto com elas ... facebook, mails e não sei o quê, porque fiquei amiga delas e gostei imenso de trabalhar com elas ... porque eram tudo pessoas com muitos anos de serviço e a tal experiência. São tudo pessoas que hoje em dia são senhoras co cinquenta e tal anos, naquela altura em que eu trabalhei com elas já tinham vinte e tais anos de serviço, não é? Porque já tinham muitos anos de serviço, uma delas até depois era a nossa coordenadora, até já se reformou. Por isso, já naquela altura ela devia ter 27, 28 anos de serviço, porque ela já foi à algum tempo que foi reformada. E, eu chego aqui e tenho para trabalhar uma colega como eu do quadro e outra contratada. E eu expliquei: Eu estou habituada a trabalhar, ah mas não porque isso dá imenso trabalho, porque não sei o quê, não sei que mais e então eu vi-me um pouco limitada, quer dizer fui fazer o que elas faziam. Só que é assim, se me perguntar, verdadeiramente, no 1º ano se eu fiz ou se eu trabalhei o que eu gostava de fazer não. Vou dizer que não.

[...]

e a gente até pode estar a ouvir e tá bem tá, mas pronto não diz à pessoa que está a dizer mal, porque isso também é uma questão de educação, mas da parte das outras pessoas eu comecei a notar, como é que eu hei-de explicar que parecia que: achavam que eu me estava a armar e de facto, se há coisa que eu não gosto é isso, de todo olhe, se realmente sentem isso mais vale, não, não, não partilhar. Ou seja, quer dizer, o que sinto e digo-lhe mesmo, desde que aqui entrei é que no meu ano, eu nunca

tive ninguém que pudesse disser, só estive cá uma professora, foi a professora Antónia, essa sim, foi a que saiu o ano passado, que era uma pessoa que, ela como era do 2º ciclo, ela dizia, tudo o que tinha partilhava connosco, também com, com, com a coisa, eu acho que sim, partilhássemos com ela o que tínhamos. No fundo, havia uma troca e aí sim, eu senti com ela que havia uma partilha, foi a única com quem eu senti porque de resto nunca senti, colega que ainda continua cá, quando se falou de fichas disto, daquilo tinha tudo em papel, como é que cabe na cabeça de alguém um professor, hoje em dia, tem tudo em papel, quer dizer nós às vezes podemos fazer-nos de tolos, porque à muita gente, professores na psiquiatria e por aí fora, mas não somos tolos, não é? Hoje em dia, se me disser assim: as fichas que tem, tenho, tenho algumas, mas até as que tenho estão desatualizadas, porque hoje em dia o que faço é ir à net. A gente, hoje em dia, trabalha no momento, precisa de uma ficha e faz, precisa disto faz, e muitas das vezes o que acontece é que nem guarda e devia guardar, mas a gente vai guardar para quê? Daqui a uns dias o programa já está diferente, muitas vezes oh, oh ah, eles, por exemplo, eles são vinte a gente engana-se e tira só dezoito, não é? Só dezoito cópias, quando quer fazer já não tem, porque já não guardou e isto já, isto está sempre. O que eu noto é que as fichas, hoje em dia não se guarda, porquê? Porque está tudo já desatualizado, quer-se fazer e vai-se fazendo dia a dia, dia a dia, dia a dia, pronto e issoo leva, dá o seu trabalho, só que claro, há muita gente que, que não está para aí virada, não é? E depois teria que existir partilha eee, e as pessoas não, dá trabalho. É o que eu noto, a sério que é o que eu noto, noto que as pessoas estão cansadas, se é mau se é bom, não sei, mas o que eu noto é que as pessoas estão cansadas. Vê-se pessoas com pouco tempo de serviço eee, e a gente está a falar para elas e tudo e nota que estão cansadas, porque depois sabe como é: é a vida familiar, é os próprios ... pessoas com, que nós temos aqui colegas que vêm de Aveiro. Quer dizer, isto não mata, costuma-se disser: não mata, mas moi. Porque as pessoas chegam aqui saturadas, cansadas quando chegam para dar aulas, por exemplo se a viagem corre mal, claro que o dia já não lhes pode correr bem, claro. E tudo isto dá cabo do sistema, do sistema nervoso das pessoas.

Mariana – Ah, considera relevante acrescentar mais algum testemunho ou informação sobre a avaliação?

E4 – Eu não, eu acho que a Mariana o que ... a minha, no caso nós chamávamos-lhe de monografia, não era? Foi sobre a avaliação, os aspetos da avaliação, a avaliação descrever a formativa, sumativa, pormenores para tudo isso e verificar, no fundo como é que ela era aplicada, se ela não era aplicada, se os professores todos aplicavam e tudo. É quase o género da sua. Eu fiz no terceiro ano e

depois no quarto ano, com outra professora fui criar instrumentos de trabalho isso tudo, mas já lá vai muito. Já vai dezoito anos.

Mariana – Mas reconhece alterações, mudanças que entretanto tenham surgido?

E4 – É assim, eu acho que os professores continuam a fazer a avaliação diagnóstica no início apenas. A formativa vão fazendo, só que é assim: a formativa, eu acho que ela é formativa e é sumativa. Eu não consigo diferenciar e às vezes diz-se assim: Ah, mas a formativa faz-se. Faz-se, só que é assim: ela é formativa e sumativa, porque se eu tenho um aluno que participa, não é? Porque se eu tenho alunos que participam bastante nas aulas isto e aquilo. Eu tenho, por exemplo duas miúdas que são bastante participativas nas aulas, quando vão para o teste eu até as considero oralmente muito boas, mas por exemplo a nível escrito e individual se tiverem de fazer o seu trabalho, não é? Se for em ficha formativa elas ainda até tiram uma nota melhor, mas se já for com aquele caráter da sumativa elas em vez de terem muito bom têm bom. São capazes de ... uma delas, que é a Benedita é capaz de me deixar o teste por fazer. Porquê? Aquilo, ela deve bloquear e não, num, não avança. Por isso é que eu digo, quando me dizem formativa eu para mim, digo que para mim é formativa e sumativa. Claro que o caráter maior é formativo, mas ao mesmo tempo é sumativo, porque é assim: que eu estou a avalia, eu estou a verificar se ela aprendeu ou não aprendeu. Claro que não é com o caráter que deve ser.

[...]

Mariana – Pronto professora, muito obrigada.

E4 – De nada.

Anexo X – Transcrição da Entrevista: Coordenadora Pedagógica do 1ºCEB, na Instituição B

E5 – Coordenadora Pedagógica do 1º CEB, na Instituição B

Mariana – Professora, queria começar por agradecer a sua disponibilidade e pedia – lhe que fizesse uma breve apresentação do seu percurso profissional.

E5 – Hum ... eu já trabalho, este é o trigésimo segundo ano, tirei o curso em Lamego e ah, e sempre trabalhei no 1ºciclo, este ano é o primeiro ano que não tenho turma, por causa da coordenação, mas tenho a componente letiva a dar na, na em duas escolas: aqui e em São João da Foz.

Mariana – Hum, hum. Obrigada! O que é para si avaliar?

E5 – Hum, avaliar é, é, é realizar verificações periódicas para aferir, para aferir o, o grau de aprendizagem nos vários domínio do saber, do saber – estar, do saber – ser, do saber –estar, acho que já disse, mas ... do saber-fazer, das crianças, estudantes ou formandos, para garantir aos alunos bases sólidas em todos os vários domínios que lhes permitam prosseguir estudos com os pré-requisitos necessários, para facili ... que facilitem aprendizagens futuras.

Mariana – E, na sua perspetiva, quais as verdadeiras finalidades do processo avaliativo?

E5 – A finalidade do processo avaliativo é procurar melhorar as aprendizagens dos alunos, nos domínios em que referi anteriormente e nesse sentido, avaliamos para detetar as dificuldades dos alunos, para implementar estratégias e atividades diferenciadas de remediação, com vista ao sucesso escolar dos alunos. O processo de avaliação implica também que o professor reflita sobre a sua prática pedagógica e que adeque as necessidades dos alunos ao que leciona.

Mariana – E, no caso concreto do 1ºCEB, quais acha que devem ser as principais finalidades da avaliação?

E5 – A principal finalidade da avaliação é contribuir para a melhoria das aprendizagens dos alunos.

Mariana – Porque afirma isso?

E5 – Porque a avaliação só faz sentido se reverter em benefício do sucesso educativo do aluno.

Mariana – Do aluno. E em relação ao professor, qual é que acha que é a finalidade da avaliação?

E5 – Também para nos aferirmos a nós, se nós estamos ah, ah a dar os conhecimentos que ... se eles perceberam aquilo, para nós arranjarmos outras estratégias pa, para, para o melhor sucesso.

Mariana – No 1º Ciclo do Ensino Básico o que constitui o referente de avaliação?

E5 – São as, as metas curriculares.

Mariana – No caso concreto da escola vocês constroem algum tipo de documento de apoio, tendo por base as metas curriculares?

E5 – Sim, nós trabalhamos em função das metas. Por isso, temos que no final do ano conseguir atingir as metas que estão definidas para cada ano de escolaridade, para o ano que estamos a lecionar.

Mariana – E quais deveriam ser as dimensões alvo a avaliar no 1º Ciclo do Ensino Básico?

E5 – As dimensões hum, é o saber-fazer, não é? Hum, hum nas diferentes áreas curriculares e do saber-ser e estar no domínio da formação e também no domínio para a formação de um bom cidadão, para a cidadania.

Mariana – E qual é que é a percentagem que cada uma destas dimensões ocupa na avaliação? Privilegia-se qual?

E5 – Eu, eu, eu acho que se deve dar o conhecimento, mas também formar um bom cidadão, que isso é muito importante, para mim.

Mariana – Ou seja, acha que há um equilíbrio ou que deveria existir?

E5 – Sim, sim. As dimensões comportamentais acabam por ser transversais aos conhecimentos.

Mariana – Quais os instrumentos de avaliação mais utilizados em contexto de 1º ciclo?

E5 – Hum, testes escritos, interrogatórios orais, trabalhos individualizados e trabalhos em pequeno grupo são, não é só isso, mas também temos outras vertentes na sala de aula, mas para depois fazer uma avaliação quantitativa, que agora fazemos, também temos de ter esses, esses instrumentos.

Mariana – E quais são as razões que o justificam?

E5 – (silêncio)

Mariana – É a tal vertente quantitativa?

E5 – Não. Hum, hum agora falo por mim. Até porque, para mim num 1ºano acho que é, não faz sentido (risos) pronto, porque eles ainda não têm a noção, pronto, vão crescendo e quando chegam a um 4ºano ou isso, agora os pequeninos, os do 1ºano, que alguns chegam com cinco anos, acho que hum, hum para mim não é.

Mariana – E então quais é que acha que são as razões que justificam estes instrumentos?

E5 – Porque tem de ser, no fundo tem de ser, porque tem de haver uma avaliação, principalmente, desde que entraram os exames, que agora pelos vistos vão ... tem que ser quantitativa, apesar de os professores fazerem as suas grelhas qualitativas, mas não é só isso, não é? Mas agora mais que nunca, se isto acabar (risos) ... mais que tudo tem de ser mesmo.

Mariana – No 1º Ciclo do Ensino Básico em que momentos é que se avalia?

E5 – Diariamente, estamos sempre a avaliar porque a avaliação é, é, é contínua, não é? Eeee acaba por ser numa vertente de avaliação formativa, só que chegamos aos testes e acabamos por fazer quantitativa, pronto. Agora, ah, ah sumativa, mas é diariamente, é uma avaliação contínua.

Mariana – Como é que são definidas as estratégias avaliativas a utilizar ao longo do processo de aprendizagem?

[...]

E5 – Hum, como é que são ... desculpe.

Mariana – Como é que são definidas as estratégias avaliativas a utilizar ao longo do processo de aprendizagem?

E5 – As estratégias avaliativas são definidas em sede de departamento do 1º ciclo e, e em cada grupo de ano hum, hum e os grupos de ano fazem isso e são revistas anualmente hum pelo diretriz do pedagógico. Ainda ontem estive em reunião e ficou decidido, por exemplo, que como não vai haver exame este ano no 4ºano, não é? Vai haver uma prova global para todos os 4ºs anos igual, para aferir, no 4º e no 6º. No caso concreto deste agrupamento vai haver um teste igual para todos os 4ºs anos de todas as escolas e para 6ºs anos igual, para aferir por ser mudança de ciclo. Apesar de não haver exame, vai haver este modelo este ano.

Mariana – Mas, por exemplo, é por ano que é estipulado o momento de avaliação diagnóstica, o momento de avaliação sumativa ... e definem em reunião?

E5 – Sim, sim, sim. As fichas é assim: as fichas de avaliação sumativa são iguais. Se por acaso, a nível de escola, estiverem um bocadinho desfasadas por darem primeiro uma coisa ou outra, podem fazer outro tipo de ficha, mas a matriz tem que ser igual e a cotação também, na, na em todas as escolas.

Mariana – Considera que no 1º Ciclo do Ensino Básico se privilegia algumas das estratégias avaliativas: diagnóstica, formativa e sumativa em comparação às restantes?

E5 – Pronto, de acordo, com o que já disse anteriormente penso que (silêncio) não restam dúvidas que a abrangência da avaliação do 1º ciclo é sempre a mesma: diagnóstica, formativa, sumativa e depois há a aferida, que é a que vai ser, era o exame e este ano no 4º ano, provavelmente para o próximo ano vão ser em todos os anos, mas vamos começar este ano só com o 4º e com o 6º a usar o exame, o exame, não é exame, a prova de aferição de 2º ano.

Mariana – Mas por exemplo, a avaliação diagnóstica ocorre em que momentos e com que objetivo?

E5 – É no, no, no a que todos os professores é no início do ano, não é no primeiro dia, mas cada professor pode fazer um teste diagnóstico para ver como é que o aluno está, mas depois depende de cada professor.

Mariana – Para ver se existem os pré-requisitos para uma aprendizagem?

E5 – Sim, sim.

Mariana – E, por exemplo, considera que existem mais momentos de avaliação formativa ou sumativa?

E5 – Formativa. Formativa, porque no fundo a sumativa acaba por ser o teste final de, de período. Que é esses que são iguais porque cada professor, depois dentro de cada sala faz, faz mas essa ah, ah é que é igual. Mas este ano também foi implementado um intermédio em cada período. Por exemplo, no segundo período que é grande fazem um no carnaval, também igual.

Mariana – Mas, isso era uma coisa que não acontecia antes?

E5 – Não. Acontecia, mas não era, não estava. Cada professor fazia, mas não estava uniformizada no, no agrupamento. Este ano, a partir deste ano passou a estar.

Mariana – Quais os principais agentes do processo avaliativo?

E5 – Ah, ah (silêncio) Os principais agentes do processo avaliativo todos têm papel específico relevante: aluno que deve fazer prova das competências, que agora é mais ... e saberes adquiridos, os professores que devem tirar as devidas ilações dos resultados obtidos pelos seus alunos e devem estar disponíveis a reformular a sua prática e não atribuir a responsabilidade do sucesso ou insucesso dos alunos apenas a estes ou aos encarregados de educação inventando desculpas para que ah, para que tudo seja des, desresponsabilizado e, e às famílias que devem assumir o papel que lhes compete no acompanhamento do percurso escolar dos seus educandos.

Mariana – Ah, a professora falou de competência. Acha que se avalia por competência?

E5 – Agora é objetivos, mas há determinadas competências do saber-estar que acabam para mim estar, agora não é competência, é objetivos.

Mariana – No 1º Ciclo do Ensino Básico assegura – se que são devolvidos os resultados da avaliação aos alunos e às famílias?

E5 – Sim. Os resultados são partilhados e discutidos com as famílias não apenas trimestralmente, através da elaboração do boletim com as classificações dos alunos e da publicação das pautas, mas também através de reuniões formais e encontros informais em que os professores discutem com os pais sobre a evolução escolar e socio-afetiva dos seus filhos e aqui, estou a falar nomeadamente aqui e, por mim quando tinha turma, há sempre o atendimento semanal com hora marcada, mas, mas muitas vezes os pais não podem e nós atendemos hum, hum por exemplo, às oito e um quarto, entramos às nove e eles vêm mais cedo trazer os filhos e fazemos esses encontros, em que falamos com os pais acerca do aluno.

Mariana – Então acha que nessas reuniões e nesses momentos há no fundo, a transmissão de feedback sobre o desenvolvimento do aluno.

E5 – Sim, sim, sim.

Mariana – E ao aluno assegura – se a transmissão deste feedback sobre o seu progresso e concretização de aprendizagens?

E5 – Sim, sim. Mas isso nós fazemos ah, ah em aula, diariamente, até porque muitas vezes para um incentivo positivo, não é? Dizemos: Olha que bem que fizeste, não é? até porque isso é diariamente, que é o normal.

Mariana – No 1º Ciclo do Ensino Básico a avaliação ocorre em espaços concretos?

E5 – Ah, é assim: nesses encontros pode ser em sala com os alunos. Mas ocorre nas salas de aula, quando estão disponíveis e nos gabinetes, lá em cima, quando é o atendimento aos pais, ou na biblioteca, ou no, no, no ensino especial, quando está disponível, há sempre esses espaços.

Mariana – À pouco quando falamos sobre os tempos de avaliação a professora disse que a avaliação era contínua, acha que então a avaliação relativamente aos espaços, quando estão a fazer uma atividade na biblioteca ou se deslocam para outros espaços, o professor pode também estar a avaliar?

E5 – Claro, claro. O espaço em que se avalia é onde ocorre a intervenção educativa.

Mariana – Reconhece dificuldades e constrangimentos associados ao processo avaliativo?

E5 – Há muitas dificuldades e constrangimentos associados ao processo avaliativo que recorrem desde logo pela constante mudança de modelos, não é? Hum, hum vem um e é de uma maneira, nomeadamente o que aconteceu agora, não é? Ah, ah exames, já não há exames, há provas de aferição. Havia testes intermédios agora já não há testes intermédios, isto acaba por desde que eu comecei a trabalhar, nomeadamente quando eu comecei a trabalhar o primeiro ano não tinha avaliação no primeiro período, ninguém fazia avaliação porque eram muito pequeninos. E agora, chegamos ao extremo de termos de quantificar, pronto. Eu acho que há constrangimentos nestas mudanças todas. Agora, o nosso processo de avaliação como professores, falo por mim acaba por ser o, o mesmo, digamos, porque não é por mudar que temos de fazer isto que nos mandam., mas por exemplo, estou a falar nomeadamente do primeiro ano, que acho que é horrível estar a quantificar, pronto, isto é a minha opinião.

Mariana – Mas, por exemplo, acha que também podem existir limites como o tempo, como estes fatores, podem influenciar?

E5 – Podem, podem, podem. Eu também não acho, depende, porque é assim: há meninos muito despachados e há meninos muito lentos. Eu geralmente dou mais tempo porque é deles. Porque muitas vezes é lento, mas é mesmo, é mesmo deles. E, claro que não vai estar um dia inteiro com uma ficha, mas geralmente dou sempre mais tempo a esses alunos. Os outros começam a pintar a capa das fichas e acabo por dar mais tempo a esses, nomeadamente nos primeiros anos, nomeadamente nos primeiros anos acho que é, que é no primeiro ano é terrível. Teve no primeiro ano?

Mariana – Não, não. Tive no terceiro. Quais as principais diferenças que considera existirem entre a avaliação na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico?

E5 – Pronto, a educação pré-escolar avalia competências de uma forma contínua e não ... e qualitativa e não quantitativa, não é? No 1º Ciclo faz-se uma avaliação através do cumprimento de objetivos, não sei se no pré, porque não conheço ... devem ter objetivos, não é? Eeee e é assim, nós temos um currículo mesmo para, para, para lecionar e para cumprir e eles é mais, eu por acaso falei com a Amélia que é a coordenadora do pré- escolar, não têm, não têm, quer dizer têm, mas não é tão objetivo como o nosso, percebe? Pronto, eu acho que é essa a diferença. Enquanto nós temos um programa para cumprir eles também têm, mas não é tanto como o nosso (risos).

Mariana – Sim, mas por exemplo em relação a instrumentos de avaliação quais acha que um educador de infância utiliza? Existe algum tipo de instrumento que possa ser comum, por exemplo?

E5 – Eles utilizam grelhas de comportamento, grelhas de observação semelhantes, claro que com os indicadores que querem avaliar.

Mariana – Consegue apresentar alguma sugestão de prática avaliativa que pudesse ser comum às duas valências?

E5 – Não, só se for esse tipo de, de instrumento.

Mariana – E considera relevante acrescentar mais algum testemunho ou informação a esta entrevista? Algum caso da prática.

E5 – Não, é assim: a única coisa que eu, que eu tenho a dizer é relativamente ao primeiro ano, que muitas vezes os alunos são muito imaturos e que o salto, como nós costumamos dizer, só dá no segundo ano, só dá no segundo ano. Eu já tive um caso numa escola, que tinha dois meninos propostos para apoio e depois fiquei com eles até ao quarto ano e uma que tinha apoio foi a melhor, uma das melhores alunas da sala. Ela só deu, no segundo ano, é que ela deu o salto e acompanhou perfeitamente. E já aconteceu muitos, mas essa foi uma das melhores alunas até ao quarto ano. É, é por isso que eu digo que num primeiro ano é muito difícil ah, ah porque muitas vezes eles ainda são ...só dá o salto de maturidade no segundo ano, por isso é que é bom o professor ser o mesmo, porque acompanha e percebe o processo. Isso já me aconteceu imensas vezes, mas nesse caso foi um caso engraçado porque estava proposta para apoio e, e no Natal estava extraordinária. E acabou por não ter e foi uma das melhores alunas.

Mariana – É curioso. Obrigada professora.

Anexo XI – Transcrição da Entrevista: Diretora Pedagógica de um colégio privado, na área metropolitana do Porto

E6 – Diretora Pedagógica de uma Instituição, na área metropolitana do Porto

Mariana – Boa tarde. Eu queria começar por agradecer a sua disponibilidade para realizar esta entrevista e dizer que o trabalho que estou a desenvolver tem como principal intuito conhecer e analisar o estado atual da avaliação das aprendizagens tanto na Educação Pré-Escolar como no 1º Ciclo do Ensino Básico, com vista a identificar semelhanças, diferenças e possíveis complementaridades que contribuam para melhorar as práticas avaliativas nestas duas valências da educação básica. Por isso, gostaria de começar por lhe pedir uma breve apresentação do seu percurso profissional.

E6 – Ora bem (risos), o meu percurso profissional ah passou-se todo aqui nesta, nesta casa portanto, já trabalho aqui há vinte e nove anos, é o vigésimo nono no momento. Ah, sou professora do 1º ciclo, exerci durante vinte anos, agora basta fazer as contas (risos). E há alguns anos que não estou a lecionar porque fui convidada para integrar com, na altura com a direção pedagógica quando passou a ser colegial, passei a ser subdiretora pedagógica e entretanto de há três anos para cá assumi a direção pedagógica mesmo aqui do colégio. De modo que estou um bocadinho afastada daquelas tarefas de avaliação, de todo este trabalho, pronto há outro tipo de avaliação, há outro tipo de trabalho, mas não trabalho com, não tenho turma já há uns anitos, é.

Mariana – Obrigada! O que é para si avaliar?

E6 – Ora, avaliar é antes de tudo o, o processo, um processo dinâmico, um processo de, de construção. Eu tenho uma perspetiva um bocadinho diferente de algum tempo para cá daquilo que, daquilo que é a avaliação, daquilo que é a conceção de, de avaliar. Ah, porque considero que a avaliação é muito mais do que uma apreciação de conhecimento que se faz ao fim de um determinado período ah, tanto há, há todo um outro trabalho que se deve que, que se deve ter em conta. A avaliação é antes de mais

um processo que tem informação útil para o percurso do aluno e tem muita informação útil para o percurso do professor. Ah, portanto para mim a avaliação será um, um processo em que, um processo contínuo em que vamos reajustando a, a nossa colheita de dados, digamos assim e vamos adequando ao, ao grupo de alunos que temos. Ah, e tudo isto assenta em várias, assenta em vários outros pilares que serão, pronto, desde a: ah, ah a recolha de dados, a atribuição do feedback adequado em função das aprendizagens que se vão fazendo, a própria readequação da, da aprendizagem quer por parte do professor, quer por parte do aluno, compete ao professor o reajustar, o ter de direccionar ou conceber novas estratégias para chegar ah, ah ao aluno, mas também é, é importante que o aluno se habitue a ser parte ativa deste percurso de avaliação. É importante que ele perceba que através de informação de feedback que o professor lhe vai transmitindo, eu próprio se pode ir ajustando ah, para isso, claro que isto é um processo muito complexo, estamos a falar de situações ideais, ah, mas é muito importante que ele vá percebendo, desde logo pequenino, a importância da autoavaliação também, é preciso que o professor também lhe dê margem para isso, para depois ah fazer o seu ajuste, em função depois da faixa etária, obviamente, com um grau de implicação diferente, mas é de facto muito, muito importante essa reorientação, movimentação, o facto de ele conseguir perceber quais são as expectativas do professor tem para determinado, aquilo que se espera dele, ah quase que: qual é o nível adequado a atingir ah, quando é que está já muito bem, quando é que está bem, ah, por exemplo no caso da leitura, eu falo muito no caso do 1º ciclo que é a minha experiência em termos de docência, é importante que a criança perceba quando é que efetivamente está a ler bem, será que ler bem é só ler vinte palavras, sem se enganar em nenhuma, será que dez já é suficiente? Portanto, é importante que os professores também transmitam ah, ah o nível de exigência, vão estabelecendo quase que fasquias ah, que é das metas para, para que depois o aluno também se possa ajustar.

Mariana – Na sua perspectiva, quais as verdadeiras finalidades do processo avaliativo?

E6 – Ora, o processo avaliativo ah deverá servir para ajudar o professor a ensinar ah, mas também ajudar o aluno a aprender ah, isto não é um mecanismo simples ... envolve muitas variáveis ah, mas de facto ah, pronto considero que mais do que certificar que o aluno é competente em determinada disciplina ou que tem determinado nível de, de, desempenho mais importante do que atribuir uma classificação, de chegarmos à parte da avaliação sumativa, há todo o outro percurso que é extremamente importante, de modo que ah, ah eu tenho sempre uma perspectiva muito orientada na

base de, daquilo que é a avaliação formativa, aquilo que deve ser. Ah, nós todos achamos que sabemos o que é a avaliação formativa e, efetivamente, quando nos pomos em causa, a nós próprios e refletimos sobre as nossas práticas avaliativas ah, e falamos com colegas, claro que todos consideram que a avaliação mais importante é a avaliação informativa, mas depois as conceções variam um bocadinho e há aqui muitos mal entendidos que ah, e cada um tenta fazer o melhor de si, claro que sim. Cada profissional, acredito que é um profissional empenhado que tenta fazer o melhor de si, mas ah nem sempre estamos a utilizar aquilo que é uma verdadeira avaliação formativa que é centrada, uma vez mais, obviamente na transmissão de conhecimentos, mas muito nesta regulação, não é? O procurar estratégias, o dar estratégias, o refletir com o aluno sobre o seu desempenho, o que não está bem, ter tempo para falar sobre o percurso de cada um ah porque muitas vezes aquilo que acontece ah se a criança faz uma ficha de avaliação, faz-se a correção, mas depois é pouco em termos de feedback ... só a nota ou só os erros assinalados ... é preciso mais, fundamentalmente que estratégias é que o aluno pode utilizar para melhorar em determinada, em determinada área ... eu entretanto já me esqueci da pergunta ...

Mariana – Eram as finalidades da avaliação.

E6 – Eram as finalidades do processo avaliativo! Muito mais abrangente do que medir, do que classificar, do que atribuir uma, uma nota ah uma quantificação é envolver o aluno na construção de uma aprendizagem segura.

Mariana – Integrar no processo de aprendizagem.

E6 – Sim, sim.

Mariana – E essas são as finalidades que considera existirem para o 1º Ciclo do Ensino Básico?

E6 – Sim, são as finalidades que idealmente consideramos existirem para o 1º Ciclo do Ensino Básico. Claro que nós no caso do 1º Ciclo temos o privilégio, considero eu, a responsabilidade acrescida também porque passamos muitas horas com o aluno, portanto para além das áreas coadjuvadas: a expressão musical, a educação física, agora no caso do Inglês que passou a integrar há a monodocência portanto, permitenos um grau de conhecimento muito bom do aluno e do seu desempenho e das suas capacidades, mas depois é preciso traduzir isto num planeamento estratégico da avaliação para uma turma e para cada um. Não é um processo nada fácil, lógico não é? Há muitas, muitas, muitas, muitos obstáculos a ultrapassar, muito trabalho a realizar, mas considero que é de facto o importante da avaliação é tentar ah ajudar que seja o

mecanismo de construção da aprendizagem que regule, que reoriente, isso sim acho que faz sentido em todos os anos, mas nestas faixas etárias, no 1º Ciclo, muito mais, sim.

Mariana – No 1º Ciclo do Ensino Básico o que constitui o referente de avaliação?

E6 – (risos) Ora, aqui temos uma situação um bocadinho, um bocadinho ah surreal talvez, não é? Porque estamos aqui a utilizar várias, várias ... vários documentos, não é? Se por um lado ah, ah para algumas disciplinas deixaram de estar em vigor, deixou de estar em vigor os programas que existiam e, nomeadamente ah, ah a definição de competências e se estabeleceram metas curriculares, primeiro metas de aprendizagem, depois metas curriculares. Há áreas em que isso, realmente, não aconteceu, como é o caso de Estudo do Meio ah, na, na o programa de Expressões ainda estamos presos ou não, para o bem e para o mal, porque pronto, haverá aspetos positivos nas duas abordagens, mas estamos um bocadinho aqui hummm, num território um bocadinho confuso, porque para algumas coisas existem metas curriculares com descritores de desempenho, que eu considero que até poderá ser o, algo muito positivo e a definição de metas, mas depois as metas já nos suscitam outras situações ... efetivamente não estamos a ser demasiado ambiciosos nas metas? Ah, não estamos a exigir determinadas metas a crianças que, até pelo grau de imaturidade que ainda têm, à partida não estamos a, a exigir algo que elas ainda não nos conseguem, na totalidade, atingir, ah mas isso, pronto, já é de facto outra questão ... mas existe esta, esta situação, sim.

Mariana – E quais deveriam ser as dimensões alvo da avaliação no 1º Ciclo do Ensino Básico?

E6 – Ora, aqui ah, ah na altura em que eu fiz o trabalho sobre, sobre avaliação ah, pronto andei ... foi uma questão que estudei, que me preocupei em tentar perceber ah e optei sempre, lá está, por uma perspetiva ah ... perspetivar, tentar perceber quais as dimensões que estariam aqui envolvidas na questão da avaliação formativa, ah. Uma das primeiras dimensões que logo assim me ocorreu, eu até trouxe assim o meu esquemazinho, para ver se eu não me esqueço de nada ah, pronto efetivamente há, há, definimos cinco dimensões. A primeira delas seria: avaliação de desempenho de situações autênticas e realistas, muito ah relacionada com o modelo de Scallon, se bem que aí um bocadinho orientado para a competência, mas nós não deixamos de ter, no 1º ciclo, pronto que é a área que me diz respeito, ah a necessidade de ajustar as aprendizagens em função daquilo que é a vivência quotidiana dos alunos, ah e aproximá-las, o mais possível, de experiências significativas e situações, e situações ah

reais, portanto tentar ah, não é uma tarefa fácil, transpor a realidade do quotidiano ah para dentro da sala de aula e, em situações de avaliação, ainda por cima. Portanto esta dimensão seria, seria, seria ah a primeira, a primeira dimensão, claro que isto mediante a faixa etária, o ano de escolaridade ah será o nível de complexidade diferente, poderá exigir situações de avaliação de resposta elaborada ah, e aí, obviamente, a preocupação da avaliação também tem que ser diferente. Ah, depois é a questão de, uma segunda dimensão será a questão das aprendizagens ah multi, multidimensionais ah, porque nós não pedimos à escola apenas que transmita conhecimento de determinada área científica, seja: a Matemática, as Ciências, a História, o Português ... nós pedimos que também, ao aluno que, que aprenda a ser ah e aprenda a fazer, portanto estamos a integrar aqui aspetos que, com algum grau de subjetividade, mas que também tem de estar contemplado em termos de, em termos de, de avaliação e mesmo o facto de conseguirmos observar o aluno sobre diferentes perspetivas. Não apenas com a perspetiva de o avaliar e dar determinada nota, mas há aqui todo um trabalho que, muito mais desenvolvido, muito mais abrangente, que não implica só o conhecimento ou a reprodução de conhecimento, mas implica a mobilização na dimensão anterior das suas experiências, das suas vivências e trazer esses conhecimentos para a realidade, da realidade para a sala de aula, mas aqui também estamos a integrar outras situações que não dependem só da escola. O saber ser, a questão dos valores, o respeito pelo outro, tudo isso não depende só da escola, mas tem de ser integrado, tem de ser parte integrante ah, na, na avaliação. Ah, como terceira, como terceira função, da, da avaliação é, é a, a trazer para o interior da avaliação esta perspetiva formativa, não é? Fazer com que a avaliação seja uma componente mais, seja parte integrante da, da própria avaliação e que o aluno se sinta envolvido, se sinta participante, se sinta ativo, que possa perceber o que é que está a correr bem, o que é que está a correr menos bem ou que ... o que é que está a correr mal, claro que isto depois adaptado, obviamente, ao nível, ao nível etário dele, das crianças. Aqui é muito importante, lá está, e entrando um bocadinho na dimensão seguinte ah, ah a importância da relação entre o professor e o aluno, o grau de proximidade, ah também é uma parte muito importante, conseguirmos dar, que é uma tarefa muito exigente, muito difícil e obviamente ah, nada fácil de cumprir, mas que são desafios que se vão colocando num quotidiano de um professor e acredito que farão a diferença seguramente ... encontrar o momento certo ou a hora certa de ah, de dar a informação, de ver o que é que está ali a falar, só é possível se houver uma boa relação, se a relação estiver consolidada, ah se existir uma relação de confiança também ah portanto a parte da comunicação tem de ser fluida, o aluno tem de estar à vontade para colocar dúvidas, para interrogar, para questionar, para pedir esclarecimentos, porque é que isto aconteceu, porque é que não

consegui fazer ah, ou porque é que consegui, o que é que eu posso melhorar a seguir ah é importante, pronto lá está, esta fase da, da do acompanhamento, ah ... uma expressão, ouvia até do professor João Gouveia, muito inspirada naquelas leituras que nós fazemos quando estamos a construir ah, a fazer a construção do modelo teórico que ... para os trabalhos que era o assessment, o sentar-se com...o ter tempo, disponibilidade, claro que conhece estas expressões todas (risos) ... o ter tempo, disponibilidade para ouvir, para e para construir, porque fundamentalmente o professor tem de ser também o orientador, o orientador de percurso ah e cada um fará o seu percurso à sua maneira, mas esta ah este guião, esta interajuda que, que o professor dá e de facto, é de facto fundamental e claro, é preciso ter em conta a sensibilidade do professor ah, se está atento, se percebe porquê ou quando não percebe leva isso como um desafio, vai tentar perceber porque é que as coisas não estão a correr bem ... eu estou a falar de exemplos negativos, mas de facto são esses que depois fazem, que nos preocupam mais, nos causam, nos causam maior angústia e é importante que o aluno sinta que o professor tem consideração pela perspetiva que ele dá ah ele pode dar a sua opinião e que o professor e de definir, por exemplo na resolução de um problema, um desafio matemático, encontro outro caminho e ainda que o professor, isso acontecia-me muitas vezes como professora, eu se calhar não tinha ido por aí, mas se calhar até faz sentido ... ora vamos perceber como é que tu lá chegaste e vão discutir e se calhar até vamos apresentar aos colegas e vamos partilhar ah e uma forma, para já de o motivar, porque ele sente-se interessado ah se detetarmos que houve ali alguma falha vamos reorientar e explicar porquê ah o reforço positivo é extremamente importante, para todos, para toda a gente e sobretudo quando falamos de crianças e o facto de sentir motivada, de estimular, de se sentirem envolvidas e, e sentirem que têm uma voz ativa na construção desse percurso acho que todo o processo de aprendizagem sai muito beneficiado, sem dúvida. E por último, a dimensão da autoavaliação é extremamente importante, quer dizer, eu quase que não consigo falar de uma dimensão ser ir explicando, ser ir tocando em pequenos pontos das outras, porque quer dizer é um processo ah complexo ah é apenas um processo, mas que integra todas estas componentes e eu acho que ah, ah a autoavaliação ah será um, uma das dimensões que tem sido menos trabalhada, acho que não lhe damos a importância que ela efetivamente pode ter. Ah, pronto, às vezes, é vista quase que como um cumprimento da tarefa ah, aparece pontualmente no caso manuais, se calhar nem podemos chamar aquilo autoavaliação, aparecem duas ou três questões para dizer: consegui, não consegui ah, mas isto mereceria aqui uma reflexão maior por parte dos professores e acho que em termos de formação dos professores ah acho que seria uma boa aposta, para já a temática da avaliação, na abrangência, que é um processo

que pronto, dá “pano para mangas”, não é? Mas aqui ah acho que exigiria um trabalho muito maior, pelo menos de sensibilização, porque eu acho ... não é que as pessoas não saibam o que é a autoavaliação, eu acho é que utilizam muito pouco e quase que é assim uma ferramenta que, pronto, para cumprir, eu sei que os meus alunos se têm de autoavaliar então vou fazer uma fichinha com uma série de itens ah, mas eu, o processo de autoavaliação é muito mais do que isso, portanto tem de haver consequência a seguir, porque se não é mais o cumprimento de um registo ah e quem, o aluno que diz lá que escreve com muitos erros se não, se isso não servir para desencadear uma atividade, um projeto, uma tarefa, uma estratégia para superar ah pronto, fica o registo de que o aluno tem consciência de que dá muitos erros ortográficos e acho que ... não é isso que se pretende, é.

Mariana – Quais os instrumentos de avaliação mais utilizados em contexto de 1ºCiclo?

E6 – Bom, há uma panóplia deles ah, muitos deles até muito ligados à avaliação sumativa ... ah começando logo pelas, pelas fichas de trabalho, os questionários, as fichas de avaliação, as provas finais que parece, que agora já não vão ser realizadas ah ... pronto ah desde listas de verificação, o questionário, preenchimento de, de grelhas, muito também fruto desde logo da existência de descrição de descritores nas metas curriculares ah descritores de desempenho ah, nota-se um movimento um bocadinho maior na construção de alguns instrumentos de avaliação, nem que seja para aferir se um aluno consegue ler as tais vinte palavras ou se ficou um bocadinho abaixo ou se pronto, ah para dar, para dar assim um exemplo concreto claro que depois há os registos de avaliação, há relatórios de avaliação ah individuais, mas nós temos tendência de fazer apenas os relatórios de avaliação quando alguma coisa no percurso não está bem, não é? Parece que quem tem um bom desempenho ah não necessita desta, desta reflexão. Não é que eu seja adepta do preenchimento de grandes burocracias aliás, eu acho que o papel do professor ah ou melhor, a qualidade de trabalho do professor tem vindo a ser um bocadinho prejudicada pelo acréscimo de tarefas burocráticas, ouve aqui uma tentativa de diminuir um bocadinho ao nível de, de produção desse tipo de documentos, mas eu acho que ainda não é o suficiente. Eu acho que devíamos tentar centrar o trabalho do professor na definição de estratégias, no planeamento de atividades ah e na avaliação das atividades quer dos alunos, quer da sua própria atividade, também é algo que nós temos alguma dificuldade de fazer ah refletir sobre o trabalho realizado, ver os aspetos positivos, os negativos, porque eles estão lá, todos falhamos, não é? Todos falhamos, mas também não podemos estar a, a pensar, pronto: errar é humano, pronto vamos desculpabilizar, pronto, não. Ah, acho

que há aqui um, que os professores deviam ser um bocadinho mais libertados ah para estas, para aquilo que é ser professor no fundo e, muito daquela carga de componente não letiva que temos devia ser canalizada para este tipo de trabalho, para refletir, para orientar o percurso de trabalho de turma, do aluno que tem mais dificuldade ah pronto e acho que perdemos efetivamente muito tempo à volta de discussão de muita coisa que não, na prática não se traduz em benefício, nem para a escola, nem para a turma, nem para o trabalho do professor. Sim, mas há uma grande diversidade de, de destes, destes mecanismos, sim, destes instrumentos de trabalho.

Mariana – No 1º Ciclo do Ensino Básico em que momentos se avalia?

E6 – Ora, em vários momentos hum pronto, se, lá está, a minha perspetiva é um bocadinho diferente ... agora, também tenho que ter, tenho que ter essa ... isso em consideração, obviamente a minha perspetiva mudou bastante, mas ainda bem, é por isso que nos informamos, que lemos, que estudamos, que fazemos trabalhos de projeto, pronto, de facto a minha perspetiva ah mudou, mudou bastante ah, ah efetivamente, até tendo em conta as diferentes modalidades de avaliação há, pronto, temos a avaliação diagnóstica que ocorre em momentos diferentes, obviamente, da avaliação formativa ou da avaliação sumativa, claro que seguramente a avaliação diagnóstica é muito contemplada no início do ano letivo, no início de um trimestre, ah antes deee começar a abordar uma temática nova, para perceber quais os conhecimentos que os alunos já têm, quando pegamos numa turma nova, quando estamos pela primeira vez com, com e que que precisamos de conhecer a, a população escolar que passa a ser da nossa responsabilidade. Portanto, há essa, há essa preocupação ah ... se efetivamente isso depois, ah, ah se essa situação, os resultados hum dessa, dessa primeira avaliação diagnóstica ou dessas várias avaliações diagnósticas se se têm em conta, depois a delinear um percurso ah porque às vezes eu acho que a avaliação diagnóstica, sim senhora preparamos até fichas ou temos tendência a utilizar registos escritos, não é? E não são os únicos e se calhar há uma diversidade de instrumentos que podíamos, podíamos utilizar. Agora, não sei é se conseguíamos utilizar ah, ah na totalidade a abrangência de informação que vamos recolher, claro que também depende um bocadinho se essa avaliação diagnostica é um bocadinho mais ambiciosa ou menos ambiciosa, não é? Pronto. De tudo isso dependerá, dependerá o trabalho que o professor vai realizar. Portanto temos essa situação, depois temos ao longo de cada trimestre, até chegar ao final do ano vários momentos que são, para mim avaliação sumativa, não é? Ah, hum, ah quando realizamos as fichas de, de avaliação ah, no fundo, aquilo que pretendo é recolher alguns dados que me permitam depois no final do trimestre ou no final do ano ah, fazer uma apreciação descritiva do desempenho do

aluno, tarefa bem difícil, ah quando trabalhamos tantas áreas e, e, e temos turmas grandes, turmas de vinte e cinco alunos, mesmo com vinte, entre vinte e vinte e cinco alunos são turmas grandes e para conhecermos a fundo cada um dos alunos, de facto não, não é fácil ah, pronto, obviamente, há estes momentos, digamos assim, mais de avaliação formal. Claro que depois há todos os outros que têm de ser planeados para que ocorram, diariamente, dentro da sala de aula, portanto ah há a avaliação informal, aquelas ah, aquelas informações que nós vamos recolhendo, algumas intencionalmente, mas há outras que nos chegam ah, ah nos chegam quase sem querermos. Agora é preciso: eu vou registar estes dados?; eu fazer algo de concreto com eles? ... porque isso é muito importante, mas é preciso que se construa, que sirvam para algo, não é? Que seja ... que não fiquemos apenas com a impressão de que a turma esta a aderir bem e até está a ter facilidade nesta, nesta ou naquela aprendizagem. É preciso depois verificar se efetivamente está. Ah, pronto, ah aqui a reflexão está sempre muito, muito associada. Enfim, há aquele momento mais de, de avaliação como as provas finais, que agora deixou de existir haverá as provas de aferição que ainda não sabemos qual o modelo, mas a equipa ministerial acho que está a trabalhar nisso e nós vamos acreditar quês estão efetivamente empenhados em, em, em trabalhar nesta questão. E depois há aquela avaliação que é um bocadinho certificadora. Nós temos de chegar ao final do 1º ciclo e dizer que sim senhora, os meninos estão ah completaram o 1º ciclo, portanto ah é um momento também, é momento de final de percurso se bem que aqui depois ah à uma grande, enorme carga de subjetividade associada quer seja em termos de ... utilizando elementos quantitativos é diferente. A minha perspetiva do que será o aluno de cinco, para já nós ainda só estamos a atribuir classificação no final ah ainda não temos nada que nos diga que afinal não é necessário ah, a minha perspetiva do que será um aluno de cinco poderá ser completamente oh, oh não digo completamente, mas ser diferente do colega que está na, na sala ao lado e aqui, pronto lá está, acho que o professor se sente muito sozinho nesta, nesta grande, ah responsabilidade que é avaliar. Tem que avaliar sozinho, há um conselho escolar que pode aconselhar, há enfim os professores coadjuvantes, lá está daí ah, o integramos o aluno como parte ativa na sua própria avaliação também poderá ser um passo importante, poderá ser útil.

Mariana – Como é que são definidas as estratégias avaliativas a utilizar ao longo do processo de aprendizagem?

E6 – Ora, como deveriam ser (risos) ... como deveriam ser. Há, obviamente, um trabalho de planeamento ah e eu vejo os professores muito preocupados e faço parte, agora não, há muitos anos que não estou com turma, com muita pena minha, mas pronto

vivemos muito preocupados em distribuir os diferentes conteúdos a lecionar, as diferentes matérias, as diferentes ... pronto, todos os conhecimentos ah e se calhar não vejo ah igual preocupação na definição de: como é que eu vou conseguir avaliar ah e quando?. Ah, quando é que é suposto que o aluno consiga fazer determinado, determinado problema ou escrever determinado texto ah e aqui eu acho que, uma vez mais, falha um bocadinho ah, ah formação ou o trabalho, aqui no caso eu acho que funcionaria bem ah, ah a questão da supervisão no colégio. A supervisão não no sentido de ter um supervisor, que nos vai supervisionar o trabalho, mas no sentido de haver uma supervisão colaborativa, em que nós discutimos efetivamente estas questões ah e uma vez mais, pelo menos no caso do 1º ciclo a até pela, muito pela monodocência, apesar das áreas coadjuvadas, eu acho que o professor enfrenta ali sempre o, o todas as tarefas avaliativas muito solitariamente e, e, e isto merecia uma reflexão um bocadinho, um bocadinho maior ... ah e um bocadinho mais empenhada e com o objetivo de construir algo. Agora, é preciso, efetivamente, planear as estratégias, planear a avaliação só, só partir, eu acho que temos de começar por aí, temos de começar por aí, porque só partir daí é que eu consigo depois perceber ah se efetivamente estamos no percurso certo, se aquele aluno está a conseguir ou se não está a conseguir atingir determinada ah, ah meta ah é portante se eu não planear os momentos de avaliação e muito concretamente o que é que eu vou avaliar (eu pego numa ficha avulso de onde tiro meia dúzia de questões e dou mais importância ... sem me preocupar ah pronto, o resultado não poderá ser muito favorável, não é?). Obviamente se eu orientar logo o meu trabalho ou planear logo, ao longo do ano terá que sofrer ajustes, não é?, muito fruto desta recolha de dados, de reflexão, de interrogatório do professor, mas também em construção com os seus alunos ah, eu tenho que definir indicadores de desempenho, tenho de ver quais ... para já, tenho de definir claramente quais é que são os objetivos, apesar de nem sempre se falar de objetivos e houve aí uma fase em que quase que não era bem visto falar de objetivos, passamos de objetivos depois já não podíamos falar de objetivos, depois era competências, agora afinal já não são competências, agora são as metas ah ... mas tem que haver objetivos efetivamente, é importante sabermos para onde caminhamos e o que é que queremos alcançar. Depois é definir critérios de avaliação, níveis de desempenho, descritores de desempenho ah e tudo isso ir ah servir, ajustando, irmos lendo os pequeninos sinais, tendo em conta os dados que vamos recolhendo e reajustando o, o processo, portanto acho que sim senhor, ter em consideração os programas, as metas curriculares hum, ah tudo isso ah, mas sim senhor vamos partir da avaliação e partir da avaliação, daí é que se traça o percurso. Eu falo imenso!

Mariana – Mas é muito interessante, por isso não se preocupe. Considera que no 1º Ciclo do Ensino Básico se privilegia alguma das funções das estratégias avaliativas: diagnóstica, formativa e sumativa, em comparação às restantes?

E6 – Eu acho que qualquer professor gostaria muito de responder ah que privilegia a avaliação formativa ah de facto, mas, (risos) mas se efetivamente formos conversar e refletirmos um bocadinho ah a sumativa tem aqui um peso muito grande. Ah, caro que qualquer professor diz: pronto eu sei que na avaliação sumativa avaliamos um aluno num momento muito específico, em determinada aprendizagem, sobre determinados conteúdos ou determinados objetivos, mas é assim eu acho que os professores respondem que sim senhor a avaliação formativa, mas é uma avaliação um bocadinho formativa, fruto de algumas conceções, que claro que obviamente cada docente tenta fazer o melhor que sabe e o melhor que pode e tenta empenhar-se, disso não tenho dúvidas. Quem gosta da profissão que escolheu ah e se envolve e se preocupa com, com os alunos ah proto tenta fazer o melhor trabalho possível, disso não tenho a menor dúvida e acho que os professores são muitas vezes desvalorizados ah, ah e fazem um trabalho extremamente importante e há muito, muito, muito investimento pessoal, muitas horas de trabalho, muito esforço desenvolvido, muita preocupação com os alunos, com as famílias ah, ah não é fácil gerir, gerir tudo isto ah, ah, mas há aqui, efetivamente, algumas conceções de avaliação formativa ou pretensamente formativa que nos vão ah, contaminando um bocadinho este percurso da avaliação formativa. Há aqui algumas ah muita associação a uma expressão que se utilizava que se utilizava há bastante tempo atrás já, pronto quando falamos de duas décadas, três décadas já é muito tempo atrás (risos) que se falava muito da avaliação continua e então ah, ah associa-se muito a avaliação formativa àquela que acontece em qualquer momento, dentro da sala de aula, mas se depois formos perguntar, pronto: tem autoavaliação, há, há, há transmissão de feedback, há ... todas essas características, algumas delas depois não estão lá e se calhar são essas mesmo que estão a faltar que, que, que fazem a diferença, que fazem a diferença, sim.

Mariana – Quais os principais agentes do processo avaliativo?

E6 – Hum, hum ... Olhe, aqui eu, eu na minha perspetiva considero que o professor, obviamente, que o professor e os alunos são parte indispensável da avaliação ah, ah a equipa pedagógica também, mas é preciso que a equipa pedagógica ou se quisermos o conselho escolar, pronto ah, ah se envolva mais nestas tarefas de, de, de avaliação, de perceber o que é a avaliação, de perceber como é que podemos melhorar a avaliação e o desempenho dos alunos da escola e que se preocupe um bocadinho

menos com tarefas que se calhar para este trabalho ah são um bocadinho acessórias ou às vezes um bocadinho folclóricas ou um bocadinho de produção ah, ah produção de informação, mas que depois efetivamente se depois ela é útil ou não é ah, ah e falo muito concretamente nós empenhamo-nos muito em termos de construção do projeto educativo, da até mesmo do regulamento interno que a avaliação também tem de ser reguladas ah, em termos do, do, da construção do projeto e de trabalho dos grupos ou das turmas, seja de pré-escolar ou seja de 1º Ciclo, mas depois e fazem-se trabalhos muito interessantes, mas depois eu acho que nos falta a todos o, o, o grau de tempo, a dedicação, o espaço para as desenvolver efetivamente e às vezes assumimos ah que fica tudo muito bonito na versão de papel, em documentos oficiais e as pessoas esforçam-se e perdem-se muitas horas e consultam-se muitos autores, mas depois trazer ah, ah todo esse conhecimento produzido e utilizá-lo concretamente ah, no dia a dia e na sala é um processo um bocadinho complicado e não sei se tará, se estará a acontecer em todas as escolas, se é que está a acontecer assim na sua plenitude em todas as escolas. Claro que não há modelos perfeitos, todas as escolas terão as suas falhas ah, mas de facto acho que todos são importantes: a família é importante, o professor titular de turma, o aluno e a equipa que ajuda a construir a escola, obviamente, sim.

Mariana – A professor já foi falando da importância de devolver os resultados da avaliação aos alunos e em relação às famílias?

E6 – Ora, em relação às famílias aqui, posso-lhe falar da experiência concreta que tenho, não é? Aqui a, as ... também depende de que resultados de avaliação é que estamos a falar em devolver, porque se falamos em termos da realização das fichas de avaliação, obviamente que depois o, as fichas são assinadas pelo encarregado de educação, pelos pais ah, nós procuramos que eles se envolvam e que vejam ah o resultado do trabalho do filho, numa perspetiva sempre de ah ajudar a construir algo, porque não é o resultado que ... não é a nota, chamemos assim que será o mais importante, mas perceber como é que está, como é que as coisas estão a correr, como é que é o percurso da criança, ou se o filho está a evoluir nesse percurso. Temos momentos em que, obviamente, partilhamos com os pais qual é a nossa perspetiva, algumas informações ah em termos de resultado de avaliação, depois claro que há as formalidades, há as pautas afixadas no caso do 4ºano. No caso do 1º ao 3º ano e, no 4º ano também, há o preenchimento dos registos trimestrais de avaliação, que tentamos fazer de forma mais completa possível, ah pronto e efetivamente são essas, são esses os, os mecanismos que se utilizam. Agora, há muito trabalho a fazer, para além disto ah também é preciso que os pais tenham disponibilidade para, para, não pretendo que os

pais sejam professores em casa, aquilo que eu considero importante é que acompanhem o percurso e vão dando palavras de estímulo, ah de ... às vezes basta o interesse, o facto de valorizarmos algo que o aluno conseguiu, algo que um filho conseguiu ah motiva, motiva. E se virmos que os pais também fizeram um percurso, também trabalharam, também se esforçaram ... podem não ter uma escolaridade muito avançada: uma licenciatura, um mestrado, um doutoramento mas ah, mas o que é facto se partilharem também e se, se ah ah ajudarem efetivamente o filho, é preciso ter tempo para isso, também e aos pais também falta tempo, muito fruto das exigências laborais que são cada vez maiores e os horários atribulados desta vida assim um bocadinho agitada que todos temos, também lhes falta tempo, também lhes falta tempo para isso. Mas preocupamo-nos, pelo menos aqui na escola e as colegas que estão cá também, que em termos de comunicação não seja, dos resultados de avaliação, não seja apenas aquilo que vai escrito no registo de avaliação ou no teste e o que o teste mostra, mas também marcar alguns momentos para se poder conversar, para se poder refletir sobre o percurso. Claro que se calhar são chamados muitas mais vezes ou são marcadas muito mais reuniões ou muitos mais encontros com os pais dos meninos que estão a ter um bocadinho mais de dificuldade, porque também nos merecem um bocadinho mais de preocupação, obviamente, nós queremos ajudar a melhorar. Ah, claro que também é importante valorizar quem tem o desempenho muito bom, mas é importante haver essa aproximação. Claro que a avaliação é tarefa da escola, é para o professor. Os professores são responsáveis pela tarefa da avaliação, agora temos de integrar no percurso com o, o quer dos alunos, quer das famílias também.

Mariana – No 1º Ciclo do Ensino Básico a avaliação ocorre em espaços concretos?

E6 – Sim, no, no, no 1º Ciclo, maioritariamente, acontece dentro da sala de aula. Ah, se seja a sala de aula na escola onde está ou no caso das provas finais tínhamos nos deslocar, mas efetivamente a avaliação ah limita-se ao espaço. Haverá algumas, algumas ah, ah atividades de avaliação que podem saltar o muro da escola (risos), saltar as paredes e podemos fazer um trabalho de pesquisa ou ... algo que transcenda um bocadinho a escola, porque se não também estamos aqui muito fechados sobre nós mesmos e os programas, os conteúdos programáticos e depois esquecemo-nos ... não conseguimos entregar a realidade do aluno, as vivências do aluno, as experiências vividas e isso também é muito importante.

Mariana – Reconhece dificuldades e constrangimentos associados ao processo avaliativo?

E6 – Ui, muitos (risos)! Muitos ...

Mariana – Alguns exemplos, por favor.

E6 – Alguns exemplos ... Olhe, já falei há bocadinho hum da, da percepção que cada um tem do seu, da sua própria avaliação ah e um bocadinho, voltando àquela ideia, das ideias um bocadinho pré-concebidas em torno da avaliação, há aqui mal entendidos que foram sendo, pronto ... arrastam pelo tempo hum ah e era necessário haver aqui uma reflexão um bocadinho, um bocadinho séria, um bocadinho não, bastante séria sobre, sobre esta questão porque sempre que falamos em avaliação estamos a ... salta logo a certificação, a classificação e não é essa a perspetiva ... acho que esta associação, esta associação diminui o poder da avaliação, aquele poder que efetivamente se poderia construir isso seguramente. Depois também considero que há uma inadequação de alguns instrumentos de, de, de avaliação. Eu sei que um professor tem efetivamente muito trabalho e não +e fácil estar a construir esses instrumentos com a reflexão que seria necessário, ah e com o tempo que seria necessário dedicar á turma, portanto aquelas tarefas todas associadas à tarefa do professor há aqui umas quantas que se poderiam eliminar, em prol de haver um maior investimento na construção destes instrumentos de, de avaliação e de reflexão sobre hum, sobre a avaliação. Porque às vezes vamos fazendo registos, mas a informalidade dos registos, a informalidade das observações que fazemos ah depois também não nos permite uma avaliação um bocadinho mais rigorosa, ah ficamos ... às vezes as pessoas guardam registos que são mais impressões: eu fiquei com a sensação que ele sabia fazer isto (claro que não se utiliza a palavra sensação), mas ah e era preciso esmiuçar, pensar, refletir e apostar um bocadinho mais na, na, na construção. Uma questão que falha bastante é o feedback que eu dou ao aluno, ah eu sei que isto é uma tarefa um bocadinho complicada quando temos dentro de nós vinte ou vinte e cinco alunos e temos que nos preocupar com cada um deles se dissermos aquilo que era adequado, certo, no momento certo ... isto era uma carga de trabalhos enorme, uma responsabilidade gigante para cada professor, porque dá a sensação que o nosso trabalho nunca está plenamente realizado ah, mas sim é importante, é importante refletir sobre isso porque reforçar sobretudo a comunicação, porque está a falhar. Tentar ajudar a perceber, mas para isto é preciso tempo, é preciso investir quer na relação, quer no planeamento que falava há bocadinho ... das estratégias e de todo o trabalho de sala de aula. Agora, isto aqui exige uma revolução dentro da sala de aula, exige um bocadinho repensar ... pôr-se em causa ah, será que efetivamente ah eu faço tudo isto?; ah pronto, claro que cada professor dará o melhor de si ou ah e fá-lo e faz com certeza um grande esforço para fazer o melhor de si ah, mas se calhar nós estamos a gastar energia em situações que não necessitavam

tanto e podíamos canalizar e orientar o nosso ah para estas, para estas questões. Ah ... depois ah, pronto, lá está, se formos trabalhar para uma escola e tentarmos perceber que tipo de avaliação faz, quer seja através de entrevistas, quer seja por questionários aos alunos, quer seja também através de análise documental, análise dos documentos próprias da instituição ou da escola, nós percebemos, vamo-nos apercebendo que há ah, ah falta de planeamento estratégico eficaz. Ah às vezes ficamos com muita boa vontade, as coisas estão lá, estão lá escritas, mas depois efetivamente não se conseguem concretizar, esse é um dos constrangimentos que, que de facto aponto também ah, lá está a falta de aposta na formação sobre o que é efetivamente a avaliação formativa ah falta aqui não será aquela formação avulso, mas aqui já implica um trabalho no seio da própria escola. Cada escola pôr-se a refletir, a ouvir especialistas na área e pretender sobretudo mudar, porque ah, ah vivemos muito naquela perspetiva sim senhora, é muito importante, todos valorizamos imenso, mas depois é preciso alguém dar o primeiro passo e é preciso que toda a equipa acompanhe porque não é fácil, às vezes modificar anos de prática ah instalada ah temos a coragem de mudar, de perceber que é necessário mudar ah e, e, e depois também de quem é mais jovem, nós achamos sempre que vamos mudar o mundo quando iniciamos uma profissão e ainda bem que assim é e estamos convencidos que vamos fazer a diferença e seguramente que fazemos para muitos dos alunos que se vão cruzar, se vão cruzar connosco, mas é preciso pôr-se em causa e nós nem sempre conseguimos pôr-nos em causa. Ah é mais fácil eu refletir sobre o trabalho de outro, do que sobre o meu próprio ah e acho que, não sei se isto é uma característica do ser português, ou da nossa própria educação ou do sistema que temos ah porque trinta anos de avaliação formativa já, não é? Hum, pronto já são três décadas de construção, de reflexão, de reflexão se calhar não ... nem entanto! Já devíamos ter apropriado, a escola já devia ter apropriado ah, muito mais do que aquilo que apropriou, acho que ficou assim um bocadinho pela rama. Fazemos todos avaliação formativa, mas é assim um bocadinho, um bocadinho pela rama. A ausência de planeamento, de uma autoavaliação séria isso também é um constrangimento importante ah e pronto acho que é fundamental ah reorientarmos aqui o percurso, o percurso da escola e o percurso da avaliação, sobretudo ah perceber qual é o que é que já fizemos, em que ponto, ponto é que estamos e para onde é que queremos caminhar e não estarmos constantemente ah ah a mudar, por mudar, ah porque muda o governo, porque muda o ministro, porque ah há muito trabalho positivo em, em reformas que estão para trás, haverá aspetos negativos seguramente, se calhar lembro-me assim logo de vários exemplos para dar ah, mas não podemos continuar ah quer em termos de avaliação, quer em termos de educação a continuar sistematicamente a deitar fora sem perceber para que é que aquilo serviu, de certeza

que houve aspetos positivos, outros negativos, mas vamos contruir a partir daí. E, e, pronto infelizmente, nós ainda não conseguimos chegar a esse nível (risos), a esse nível, pode ser que no futuro, temos sempre de ter sempre uma perspetiva otimista, de que as coisas vão melhorar.

Mariana – Quais as principais diferenças que considera existirem entre a avaliação na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico?

E6 – Ora aí eu já tenho um bocadinho mais de dificuldade, porque eu ... a minha formação é 1º ciclo, a minha experiência é de 1º ciclo ah hum já tenho um bocadinho mais de dificuldade em responder ah é obviamente diferente, é obviamente diferente porque ah as idades são diferentes, a dinâmica de trabalho é obviamente diferente, independentemente de até temos um pré – escolar mais escolarizado ou menos escolarizado, que agora também parece que virou um bocadinho moda escolarizar logo os miúdos aos cinco anos, terem de aprender a ler e a escrever, não é essa a perspetiva que nós temos, nem é esse o trabalho que fazemos aqui. Ah, obviamente diferente tem que haver muito espaço para desenvolvimento da criatividade, da, da toda a parte lúdica, todas as pré-competências para a leitura, escrita, matemática ah, mas o pré-escolar está liberto de uma série de formalismos de avaliação que no fundo, no caso do 1º ciclo, por vezes só vem atrapalhar um bocadinho o processo. Ah também não podemos ah cair no extremos ah oposto que é a ausência de avaliação, ausência de reflexão ah pronto, e aí acho que é muito trabalho ah, ah a desenvolver. Pronto, porque eu sei que as educadoras fazem muitos registos, muita observação ah se calhar, a utilização dos portefólios será o ou um dos principais instrumentos de avaliação no pré-escolar e que poderá ser comum ao 1º Ciclo também e eu agora já estou aqui a saltar um bocadinho. Porque quando eu li o guião eu percebi, lembro-me que havia esta, esta questão ah e acho que o portefólio poderá ser uma ferramenta ou é seguramente uma ferramenta extremamente importante tanto em termos de pré-escolar, como em termos de 1º ciclo e que nos permite a recolha de dados ah uma recolha de dados extremamente rica acerca do percurso que cada criança está, está a fazer. Agora, lá está, uma vez mais, implica tempo, implica envolvimento, ah a construção do portefólio e a análise do portefólio e o dar feedback, claro que ah adequado à idade, quer ao aluno, quer à criança que temos no grupo de pré-escolar. Posteriormente no 1º Ciclo, eu aqui acho que apesar de tudo há uma maior adesão no pré-escolar aos portefólios, do que no 1º ciclo porque, às vezes, tenho tido ah o contacto com algumas colegas que dizem: Ah nós fazemos o portefólio e depois se formos a ver aquilo é um arquivo, um dossiê com duas ou quatro argolas e nós vamos metendo os trabalhos todos e eles ali ficam, guardadinhos até ao final do ano e, se calhar no final do ano leva-se para casa e vai-se

folheando e até vamos percebendo que há uma evolução, mas tem que ser um trabalho muito, muito mais, mais rico que isso. Portanto acho que ah tem que se ... é possível ser comum e, e se calhar podíamos tirar daí muito informação útil, se calhar não, seguramente ah, ah pronto, em termos de construção de uma avaliação verdadeiramente formativa, acredito que sim. Ah também hum em termos de pré-escolar também acho que tem que haver, lá está, ah um grande envolvimento da educadora neste processo avaliativo, um planeamento estratégico também da avaliação, da definição de estratégias ah e aí não sei se em toda a rede pré-escolar teremos, mas seguramente no 1º Ciclo também se tem perspetivas diferentes e formas de trabalhar diferentes e graus de envolvimento também diferentes. Ah às vezes é difícil falarmos de avaliação em, no pré-escolar ah que não seja apenas aquela síntese que fazemos trimestralmente para o encarregado de educação ou que partilhamos com, nos momentos de atendimento com a família ah. É preciso ah eu sei que há muito trabalho útil e muito interessante, mas que é ah feito quase que informalmente e é preciso darmos-lhe importância, darmos-lhe visibilidade para ganharmos novos adeptos também, não é? Porque senão ah fazemos um trabalho muito bom, mas fica entre as nossas quatro paredes ou entre determinada instituição ... é preciso partilhar e irmos partilhando ah e só assim é que podemos evoluir e ganhar outros adeptos e dar maior importância também ao pré-escolar porque, infelizmente, ainda prevalece no horizonte de muitas famílias, que o pré-escolar é assim uma espécie de transição entre o contexto familiar e a escola, que é a verdadeira etapa, não é? Todos investimos quando, as famílias, os amigos ... vais para o 1º ano vais aprender isto, vais aprender a escrever e às vezes o pré-escolar é deixado um bocadinho oh, oh não lhe é dada a importância que efetivamente tem no desenvolvimento de uma criança e há tanto para trabalhar, tanto para desenvolver no pré-escolar e, mas eu acho que as educadoras têm de fazer finca-pé e prostrar, fazer valer a importância do pré-escolar porque hum o menino não sabe ainda pintar muito bem, não faz mal, depois aprende ... mas o que é que, se as pré-competências não tiverem bem, bem adquiridas, bem consolidadas essa criança vai ter problemas no percurso seguinte, não é? Portanto aqui eu defendo muito uma grande articulação entre o trabalho que há no pré-escolar e depois no 1ºCiclo.

[...]

Mariana – Acha importante mais algum testemunho sobre estas diferenças e possíveis complementaridades entre estas duas valências?

E6 – Eu já falei tanto ... Eu acho que temos de valorizar mais o pré-escolar, também passa um bocadinho pela definição das políticas educativas, não é? Eu acho

que devia haver pré-escolar para todos os meninos, para todos os meninos, ser obrigatório porque o pré-escolar faz um trabalho importantíssimo, não é? Que tem que ser valorizado, tem que ser partilhado, tem que ser para a escola, temos que promover mais encontros de educadoras para partilha de experiências, ah partilha de projetos, mesmo estes projetos de investigação é importante que se divulguem junto dos profissionais, ou que neles participam ou que neles vão mantendo contacto, informações ou em seminários ah e se estimule cada um a participar e a empenhar-se, a envolver-se e a fazer realmente a diferença. Hum, eu sei que os educadores estão assim um bocadinho, há assim um bocadinho de desmotivação porque há uma série de coisas que estão, que incomodaram, que melindraram, que puseram em causa o trabalho dos professores, isto não é novidade para ninguém, mas eu acho que nós temos de fazer exatamente o contrário, mostrar que efetivamente podemos fazer a diferença, ah e que temos um trabalho difícil ah, mas que o fazemos com consciência, mas para isso temos que fazer o nosso trabalho de casa, porque eu só posso defender que o trabalho desenvolvido, em determinada escola ou na minha turma foi, efetivamente, um bom trabalho se eu tiver evidências disso, se eu conseguir explicar porque é que os alunos tiveram este ou aquele desempenho ah qual foi o percurso que cada criança desenvolveu isso, isso de facto é o mais importante é pôr a avaliação seja no pré-escolar, seja no 1ºCiclo ao serviço do desenvolvimento de cada, de cada criança, não é? E isso é que é o, o grande desafio para todos nós, isso sim. Agora, há muito trabalho a fazer em termos de, de desenvolvimento de práticas, de partilha, sim. Há um mundo de coisas novas a descobrir, é a descobrir e a partilhar, porque nós fechamo-nos muito e ah por vezes por insegurança, também, não é? As pessoas não gostam de ser postas em causa, não gostam de se sentir à prova, também temos de ter em consideração na forma como é que as pomos à prova, temos de respeitar a pessoa, temos de a motivar, temos que lhe, às vezes, é preciso reavivar um bocadinho ou relembrar porque é que escolheu ser professora, porque é que escolheu ser educadora ... indo lá atrás conseguimos depois recuperar o entusiasmo e, e a vontade de trabalhar e sobretudo a vontade de, de ajudar ah a que cada criança faça o percurso, o melhor possível. Pronto eu acho que já não tenho mais nada a dizer, já falei imenso (risos).

Mariana – Obrigada professor Isabel. Foi, verdadeiramente, muito interessante ouvir a sua perspetiva da avaliação.

Anexo XII – Quadro das categorias e sub-categorias das entrevistas

1.1.Representações da Avaliação

E1: (...) avaliar, avaliar a criança em termos de desenvolvimento de aprendizagem, avaliar o ambiente educativo, avaliar as atividades e a planificação e também a minha intervenção.

E2: Avaliar significa melhorar e avaliar significa tomar consciência do feito, do realizado para poder ah, fazer melhor (...)

E3: (...) avaliar é apurar, é estimar, é apreciar, é fazer uma apreciação sobre algo. No caso das escolas e dos jardins de infância, com certeza, que poderá constituir uma apreciação sobre os resultados de aprendizagem (...), estes que foram conseguidos pelas crianças ou pelos alunos.

E4: Para mim avaliar é verificar se os conhecimentos estão adquiridos ou não (...)

E5: Avaliar é realizar verificações periódicas para aferir (...) o grau de aprendizagem nos vários domínios do saber, do saber – estar, do saber – ser, (...) do saber-fazer, das crianças, estudantes ou formandos, para garantir aos alunos bases sólidas em todos os vários domínios, que lhes permitam prosseguir estudos com os pré-requisitos necessários, (...) que facilitem aprendizagens futuras.

E6: Ora, avaliar é antes de tudo (...) um processo dinâmico, um processo (...) de construção. (...) A avaliação é antes de mais um processo que tem informação útil para o percurso do aluno e tem muita informação útil para o percurso do professor. (...) um processo contínuo em que vamos reajustando a, a nossa colheita de dados, digamos assim e vamos adequando ao, ao grupo de alunos que temos. (...) tudo isto assenta (...) em vários outros pilares que serão, pronto, desde a: ah, ah a recolha de dados, a atribuição do feedback adequado em função das aprendizagens que se vão fazendo, a própria readequação da, da aprendizagem quer por parte do professor, quer por parte do aluno, compete ao professor o reajustar, o ter de direcionar ou conceber novas estratégias para chegar ah, ah ao aluno, mas também é, é importante que o aluno se habitue a ser parte ativa deste percurso de avaliação. (...)

| | |
|--|--|
| <p>1.2.Finalidades do Processo Avaliativo</p> | <p>E1: <i>Conhecer cada criança (...) e o grupo, ah registrar evidências de aprendizagens, refletir e adequar a prática educativa, de forma a responder às necessidades individuais (...) diagnosticar se a criança necessita de algum apoio de necessidades educativas especiais (...) para poder adequar um ensino especializado.</i></p> <p>E2: <i>(...) estou a pensar em avaliação do pré-escolar, avaliação da criança e dos comportamentos ou das competências de cada criança no pré-escolar ah ... é conhecer, conhecer em primeiro lugar a criança específica, concreta, ah ... depois avaliar para melhorar, ah ... avaliar para tomar consciência do caminho feito, para ver o que é (...) para continuar, o que é para alterar, o que é para fazer efetivamente diferente.</i></p> <p>E3: <i>(...) acompanhar de forma sistemática e, com certeza, eficaz o processo ensino-aprendizagem, possibilitando ao aluno constatar a sua própria evolução e controlar a sua própria, e o professor controlar também a aprendizagem. (...)é importante que nós usemos instrumentos de avaliação que coloquem as crianças a, a ter consciência, a tomar consciência daquilo que evoluíram, do que aprenderam ao longo do tempo, do que não eram capazes de fazer e são. (...)perceber a evolução, mas também controlar a aprendizagem.</i></p> <p>E4: <i>É verificar se os conteúdos foram adquiridos ou não. (...) avalia os professores isto é, se os professores estão a trabalhar bem ou não, não é? (...) devia ser também para avaliar os conteúdos isto é, os conteúdos estão de acordo com aquele ano, não é? Porque os conteúdos vão sendo mudados e nunca há (...) avaliação.</i></p> <p>E5: <i>(...) é procurar melhorar as aprendizagens dos alunos (...) detetar as dificuldades dos alunos, para implementar estratégias e atividades diferenciadas de remediação, com vista ao sucesso escolar dos alunos. (...) implica também que o professor reflita sobre a sua prática pedagógica e que adeque as necessidades dos alunos ao que leciona.</i></p> <p>E6: <i>(...) considero que mais do que certificar que o aluno é competente em determinada disciplina ou que tem determinado nível de, desempenho mais importante do que atribuir uma classificação, de chegarmos à parte da avaliação sumativa, há todo o outro percurso que é extremamente importante, de modo que ah, ah eu tenho sempre uma perspetiva muito orientada na base de, daquilo que é a avaliação formativa, aquilo que deve ser. (...) O procurar estratégias, o dar estratégias, o refletir com o aluno sobre o seu desempenho, o que não está bem, ter tempo para falar sobre o percurso de cada um ah porque muitas vezes aquilo que acontece ah se a criança faz uma ficha de avaliação, faz-se a correção, mas depois é</i></p> |
|--|--|

| | |
|---|---|
| | <p>pouco em termos de feedback (...) é preciso mais, fundamentalmente que estratégias é que o aluno pode utilizar para melhorar em determinada área (...) Muito mais abrangente do que medir, do que classificar, do que atribuir uma, uma nota ah uma quantificação é envolver o aluno na construção de uma aprendizagem segura. (...) o importante da avaliação é tentar ah ajudar que seja o mecanismo de construção da aprendizagem que regule, que reoriente, isso sim acho que faz sentido em todos os anos, mas nestas faixas etárias, no 1º Ciclo, muito mais (...)</p> |
| <p style="text-align: center;">2.1.Referentes de Avaliação</p> | <p>E1: <i>Hum... as Orientações Curriculares e as Metas de Aprendizagem. (...). Aliás, o plano curricular está elaborado com base neste, nestes dois documentos.</i></p> <p>E2: <i>Pronto, são aqueles de acordo com o Projeto Curricular, não é? Neste momento as Metas de Aprendizagem ah ... as Orientações Curriculares com as suas áreas de conteúdo, áreas de desenvolvimento na educação pré-escolar são os, os principais referentes para, para a avaliação.</i></p> <p>E3: <i>(...) as orientações curriculares para a educação pré-escolar, eu acho que são um bom referente (...) o educador com as orientações pode verificar se trabalhou com as crianças todas as áreas de conteúdo (...)E depois, há a questão das metas (...)portanto é um documento polémico, mas eu acho que, apesar disso, podem ser também para os educadores uma referência interessante na medida em que sugerem muitas competências essenciais que a criança pode desenvolver.</i></p> <p>E4: <i>É assim, nós temos os documentos (...) internos do agrupamento, não é? Os nossos registos. Mas é assim, a avaliação normalmente, os documentos que a gente usa, não é? Do Ministério são poucos, nós o que usamos é internamente (...) As metas, nós temos o tal documento que é onde depois estão aqueles os, os conteúdos que depois nós vamos trabalhando ou seja, o 1º ano tem aqueles conteúdos para trabalhar, o 2º, o 3º e o 4º. Às vezes, o que acontece, por exemplo, à conta das metas há conteúdos, por exemplo, no estudo do meio que aquele documento foi feito, e quando nós vamos depois pegar nas metas, nos tais conteúdos, não é? para colocar no registo de, de avaliação para entregar aos pais, eu digo-lhe uma coisa ...</i></p> <p>E5: <i>(...) as metas curriculares.</i></p> <p>E6: <i>Ora, aqui temos uma situação um bocadinho surreal talvez, não é? Porque estamos aqui a utilizar (...) vários documentos, não é? Se por um lado (...) deixou de estar em vigor os programas que existiam e, nomeadamente ah, ah a definição de competências e se estabeleceram metas</i></p> |

| | |
|---|---|
| | <p>curriculares, primeiro metas de aprendizagem, depois metas curriculares. Há áreas em que isso, realmente, não aconteceu (...) território um bocadinho confuso, porque para algumas coisas existem metas curriculares com descritores de desempenho (...)</p> |
| <p>2.2.Dimensões alvo de avaliação</p> | <p>E1: (...) avaliar o processo de aprendizagem da criança, ah ... as competências e as aprendizagens hm por áreas de conteúdo, avaliar a criança como sujeito da própria aprendizagem, tendo em conta, claro, as suas idades e também as características desenvolvimentais. Hum... avaliar a organização do ambiente educativo e também a prática do, do educador.</p> <p>E2: O objeto é a criança (...) É aquela criança concreta que eu tenho que avaliar e é aquele grupo concreto, com as suas aprendizagens, com o que é, tal e qual (...) (...) a avaliação serve mesmo para isso, o trampolim para eu também tomar consciência de como estou, o que faço, como faço (...)o educador também tem de se autoavaliar, a autoavaliação é extremamente importante (...)</p> <p>E3: (...) basicamente eu diria que são três e que se podem organizar desta maneira, que é: avaliar os contextos, avaliar os processos e avaliar os produtos. (...) Porque dos contextos, da riqueza, da variedade, da diversidade, dos estímulos, que os contextos ah... promovem, no fundo, depende da aprendizagem das crianças. (...) Como é que a criança aprende?; Que progressos é que a criança faz? A avaliação destes aspetos permite ao educador refletir, reformular os processos de aprendizagem e depois decidir sobre as experiências de aprendizagem e oportunidades que deve dar ou proporcionar à criança. (...) a questão dos produtos, que aí já é o que é que a criança aprendeu, numa fase final. (...) o que é que a criança aprendeu é importante porque nos mostra de facto, se as aprendizagens tiveram continuidade, se de facto, tendo por referência as orientações curriculares se respondem a todas as áreas de conteúdo.</p> <p>E4: Para mim o objeto de avaliação é o trabalho deles diário, mas agora, muitas das vezes, não é isso que nós verificamos. (...) Até que saíam tudo era avaliado, desde comportamento lá fora e tudo (...) nós avaliamos comportamento, nós avaliamos atitudes, nós avaliamos os conhecimentos (...)</p> <p>E5: As dimensões hum, é o saber-fazer (...) nas diferentes áreas curriculares e do saber-ser e estar no domínio da formação (...) de um bom cidadão, para a cidadania.</p> |

2. Quadro de Referentes

E6: (...) definimos cinco dimensões. A primeira delas seria: avaliação de desempenho de situações autênticas e realistas, muito ah relacionada com o modelo de Scallon, se bem que aí um bocadinho orientado para a competência, mas nós não deixamos de ter, no 1º ciclo, pronto que é a área que me diz respeito, ah a necessidade de ajustar as aprendizagens em função daquilo que é a vivência quotidiana dos alunos, ah e aproximá-las, o mais possível, de experiências significativas e situações, (...) claro que isto mediante a faixa etária, o ano de escolaridade ah será o nível de complexidade diferente, (...) depois é a questão de, uma segunda dimensão será a questão das aprendizagens multidimensionais, porque nós não pedimos à escola apenas que transmita conhecimento de determinada área científica (...) nós pedimos que também, ao aluno que, que aprenda a ser ah e aprenda a fazer, portanto estamos a integrar aqui aspetos que, com algum grau de subjetividade, mas que também tem de estar contemplado em termos de, em termos de, de avaliação e mesmo o facto de conseguirmos observar o aluno sobre diferentes perspetivas (...) há aqui todo um trabalho muito mais desenvolvido, muito mais abrangente, que não implica só o conhecimento ou a reprodução de conhecimento, mas implica a mobilização na dimensão anterior das suas experiências, das suas vivências e trazer esses conhecimentos para a realidade, da realidade para a sala de aula (...) como terceira função da avaliação é trazer para o interior da avaliação esta perspetiva formativa, não é? Fazer com que a avaliação seja uma componente mais, seja parte integrante da, da própria aprendizagem e que o aluno se sinta envolvido, se sinta participante, se sinta ativo, que possa perceber o que é que está a correr bem, o que é que está a correr menos bem (...) e entrando um bocadinho na dimensão seguinte ah, ah a importância da relação entre o professor e o aluno, o grau de proximidade, (...) encontrar o momento certo ou a hora certa de ah, de dar a informação, de ver o que é que está ali a falar, só é possível se houver uma boa relação, se a relação estiver consolidada, ah se existir uma relação de confiança também. A parte da comunicação tem de ser fluida, o aluno tem de estar à vontade para colocar dúvidas, para interrogar, para questionar, para pedir esclarecimentos: Porque é que isto aconteceu?; Porque é que não consegui fazer?; Porque é que consegui?; O que é que eu posso melhorar a seguir? (...) o assessment, o sentar-se com, o ter tempo, disponibilidade (...) para ouvir, para construir, porque fundamentalmente o professor tem de ser também (...) o orientador de percurso (...) e claro, é preciso ter em conta a sensibilidade do professor ah, se está atento, se percebe porquê ou quando não percebe leva isso como um desafio, vai tentar perceber porque é que as coisas não estão a correr bem (...) é importante que o aluno sinta que o professor tem consideração pela perspetiva que ele dá ah, ele pode dar a sua opinião (...) se sentirem que têm uma voz ativa na construção desse percurso acho que todo o processo de aprendizagem sai muito beneficiado, sem dúvida. E por último, a dimensão da autoavaliação é extremamente importante, quer dizer, eu quase que não

| | |
|---|--|
| | <p>consigo falar de uma dimensão ser ir explicando, ser ir tocando em pequenos pontos das outras (...) acho que não lhe damos a importância que ela efetivamente pode ter. (...) não é que as pessoas não saibam o que é a autoavaliação, eu acho é que utilizam muito pouco e quase que é assim uma ferramenta que, pronto, para cumprir, eu sei que os meus alunos se têm de autoavaliar então vou fazer uma fichinha com uma série de itens (...) o processo de autoavaliação é muito mais do que isso, portanto tem de haver consequência a seguir (...) desencadear uma atividade, um projeto, uma tarefa, uma estratégia para superar (...)</p> |
| <p>2.3.Estratégias Avaliativas</p> | <p>E1: (...) embora no início do ano se faça uma avaliação diagnóstica de cada criança e do grupo, como forma de conhecer as suas características através das observações e registos (...) ah, a estratégia avaliativa mais usada em Educação de Infância é a formativa, esta estratégia permite avaliar de forma contínua os progressos da criança, reajustando a planificação e a ação educativa com vista à construção de novas aprendizagens.</p> <p>E2: (...) acho que pensando no geral acho que sim, que às vezes, à tendência ah, ah valorizar uma que seja formativa (...)</p> <p>E3: Bom, os educadores, em princípio, no início do ano fazem uma avaliação diagnóstica. (...) acho que na educação pré-escolar ah, mais do que um caráter sumativo, acho que não existe muito esse caráter, há um caráter formativo na avaliação. (...) a especificidade da educação pré-escolar ah, aponta muito para uma natureza formativa da avaliação (...)o que se pretende, a finalidade da avaliação é: compreender as aprendizagens das crianças depois, as suas necessidades e interesses, os educadores funcionam muito pela avaliação das necessidades e dos interesses, para depois partirem para as propostas de atividades e projetos, depois porque fornecer, fornece ao educador elementos também para a reflexão da sua própria prática e para adequar a sua prática à, aos contextos, aos ambientes que proporcionam às crianças e depois, porque a avaliação formativa aprecia a criança na atividade do dia a dia. Valoriza-se o processo, mas numa relação com o produto (...)</p> <p>E4: ... a única estratégia definida é as fichas do trimestral e, até partimos uma altura em que as fichas eram todas iguais, o que deve ser. Um agrupamento todas as fichas iguais. Depois, chegou-se a uma conclusão que não, porque uma escola tinha determinados meninos a outra tinha outros, diferentes, população alvo, como se costuma dizer, diferente, logo as fichas deveriam ser feitas diferentes. (...) eu para mim aqui é sumativa que se valoriza mais. (...) a diagnóstica lá está é feita, mais a sumativa, mas a nível formativo eu não acho. A única referência à avaliação formativa é o facto de</p> |

a professora definir autonomamente os instrumentos que utiliza, não se constatando assim trabalho por grupo de ano de escolaridade. Em relação ao como se processa a avaliação diagnóstica: ... *através de teste, é fichas, não é? Vai-se buscar aqui, vai-se buscar ali. Vê-se um exercício daqui, um exercício dali e é feito como, como a sumativa, como a trimestral (...) no início do ano letivo (...)*

E5: (...) *a abrangência da avaliação do 1º ciclo é sempre a mesma: diagnóstica, formativa, sumativa e depois há a aferida, que é a que vai ser, era o exame e este ano no 4º ano (...) a prova de aferição do agrupamento. (...) a que todos os professores fazem é no início do ano (...) mas cada professor pode fazer um teste diagnóstico para ver como é que o aluno está (...), ao longo do ano. (...) Privilegia – se a formativa porque no fundo a sumativa acaba por ser o teste final de, de período. Que é esses que são iguais porque cada professor (...). Mas este ano também foi implementado um intermédio em cada período. (...) Cada professor fazia, mas não estava uniformizada no, no agrupamento. Este ano, a partir deste ano passou a estar.*

E6: (...) *vivemos muito preocupados em distribuir os diferentes conteúdos a lecionar, as diferentes matérias, (...) e se calhar não vejo ah igual preocupação na definição de: como é que eu vou conseguir avaliar?; e quando?. (...) Agora, é preciso, efetivamente, planear as estratégias, planear a avaliação, (...) porque só a partir daí é que eu consigo depois perceber ah se efetivamente estamos no percurso certo, se aquele aluno está a conseguir ou se não está a conseguir atingir determinada ah, ah meta. (...) Obviamente se eu orientar logo o meu trabalho ou planear logo, (...) eu tenho que definir indicadores de desempenho, para já tenho de definir claramente quais é que são os objetivos, apesar de nem sempre se falar de objetivos (...) é importante sabermos para onde caminhamos e o que é que queremos alcançar. Depois é definir critérios de avaliação, níveis de desempenho, descritores de desempenho ah e tudo isso ir ah servir, ajustando, irmos lendo os pequeninos sinais, tendo em conta os dados que vamos recolhendo e reajustando o, o processo (...) Eu acho que qualquer professor gostaria muito de responder ah que privilegia a avaliação formativa (...), mas se efetivamente formos conversar e refletirmos um bocadinho ah a sumativa tem aqui um peso muito grande. (...) mas há aqui, efetivamente, algumas conceções de avaliação formativa ou pretensamente formativa que nos vão ah, contaminando um bocadinho este percurso da avaliação formativa. Há aqui (...) muita associação a uma expressão que se utilizava há bastante tempo atrás já (...) avaliação continua e então ah, ah associa-se muito a avaliação formativa àquela que acontece em qualquer momento, dentro da sala de aula, mas se depois formos perguntar, pronto: tem autoavaliação?; há transmissão de*

| | |
|--|--|
| | <p>feedback, há ... todas essas características, algumas delas depois não estão lá e se calhar são essas mesmo que estão a faltar que fazem a diferença (...)</p> |
| <p>3.1. Agentes Avaliativos</p> | <p>E1: <i>O educador tem o papel de observador e de adequar a sua planificação e intervenção, em função da progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. A criança tem um papel ativo na sua aprendizagem e no processo avaliativo, na medida em que ela vai tomando consciência daquilo que já é capaz de fazer e das suas dificuldades.</i></p> <p><i>(...) eu acho que os pais são, sinceramente, um ... fazem parte, são agentes também do processo avaliativo (...) Eles vão acrescentando, vão dando indicações de alguns tipos de comportamento, algumas atitudes que eles vão tendo e depois ajudam – nos muito a conhecer a criança e a, e a pronto, e também a adequar numa perceção avaliativa.</i></p> <p><i>(...) costumamos mesmo mencionar nas reuniões pedagógicas que temos semanalmente, não é? Expomos, várias vezes, casos de ... pronto, e vão dando as opiniões e de como podemos fazer (...)</i></p> <p>E2: <i>Todos, a equipa toda! (...) educadora, auxiliares e pais.</i></p> <p><i>(...) o diálogo e a abertura com os encarregados de educação permite (...) nós conseguimos, no diálogo diário, naquilo, nas perguntas que nos fazem, na maneira como veem, na maneira como apresentam até outro ... nós conseguimos auscultar uma avaliação do encarregado de educação, ah (...)</i></p> <p><i>(...) cada uma tem o seu papel educativo no Jardim de Infância ... portanto, todas têm de ser ouvidas, todas têm de ser avaliadas e autoavaliar-se diante de parâmetros (...)</i></p> <p>E3: <i>(...) no pré-escolar está muito centrado no educador, de facto, eu reconheço isso. (...) há instrumentos que convidam a criança a participar no processo de avaliação e, também a tomar consciência das suas próprias aprendizagens, dos progressos que faz, estou-me a referir, concretamente aos portefólios de crianças (...) ao projeto “Desenvolvendo a Qualidade em Parceria”, donde vem a escala de empenhamento e de envolvimento (...) instrumentos que promovem, precisamente, a participação da criança no, portanto centram a avaliação na criança e não tanto no educador. (...) quem não usa e usa observações, registos e documentação, acaba por ter a avaliação sempre muito centrada no adulto e não nas crianças, não é? Que é a maior parte dos casos.</i></p> <p>E4: <i>Ah, somos nós e os alunos porque não há mais ninguém ah, ah a intervir (...) são devolvidos os resultados da avaliação à família.</i></p> <p>E5: <i>(...) todos têm papel específico relevante: aluno que deve fazer prova das competências (...) e saberes adquiridos, os professores que devem</i></p> |

| | |
|--|--|
| | <p><i>tirar as devidas ilações dos resultados obtidos pelos seus alunos e devem estar disponíveis a reformular a sua prática e não atribuir a responsabilidade do sucesso ou insucesso dos alunos apenas a estes ou aos encarregados de educação inventando desculpas para que ah, para que tudo seja des, desresponsabilizado e, e às famílias que devem assumir o papel que lhes compete no acompanhamento do percurso escolar dos seus educandos.</i></p> <p>E6: (...) no caso do 1º ciclo a até pela, muito pela monodocência, apesar das áreas coadjuvadas, eu acho que o professor enfrenta ali sempre o, o todas as tarefas avaliativas muito solitariamente (...) <i>o professor e os alunos são parte indispensável da avaliação (...) a equipa pedagógica também, mas é preciso que a equipa pedagógica ou se quisermos o conselho escolar, (...) se envolva mais nestas tarefas de avaliação, de perceber o que é a avaliação, de perceber como é que podemos melhorar a avaliação e o desempenho dos alunos, da escola e que se preocupe um bocadinho menos com tarefas que se calhar para este trabalho são um bocadinho acessórias (...) ou um bocadinho de produção de informação, (...) falo muito concretamente de (...) construção do projeto educativo, da até mesmo do regulamento interno onde a avaliação também tem de ser regulada ah, em termos do, do, da construção do projeto e de trabalho dos grupos ou das turmas, seja de pré-escolar ou seja de 1º Ciclo (...) mas depois eu acho que nos falta a todos (...) o grau de tempo, a dedicação, o espaço para as desenvolver efetivamente (...) Claro que não há modelos perfeitos, todas as escolas terão as suas falhas ah, mas de facto acho que todos são importantes: a família é importante, o professor titular de turma, o aluno e a equipa que ajuda a construir a escola, obviamente, sim.</i></p> |
| | <p>E1: <i>A criança tem um papel ativo na sua aprendizagem e no processo avaliativo, na medida em que ela vai tomando consciência daquilo que já é capaz de fazer e das suas dificuldades.</i></p> <p><i>(...) isto é um exemplo muito prático do que acontece muito (...) eles estão a tentar escrever o nome. Quando eles (...), conseguem, depois de várias tentativas, escrever o nome: “- Olha, já consegui!” (...) Isto é apenas um exemplo, mas existem muitas evidências destas. Elas tomarem consciência (...)</i></p> <p>E2: <i>Não há uma forma formal de dizer à criança, agora ah, eu creio que no, em cada sala de educação Pré – Escolar e com cada educadora o estímulo e a avaliação que é feita no momento, quando uma criança (...) consegue adquirir uma competência diferente, consegue ultrapassar (...) isso é ah, conseguido. E é valorizar de imediato a aprendizagem e estimular para novas aprendizagens.</i></p> |

3.2. Interatividade entre agentes avaliativos

E3: (...) não há nada que assegure isto, este devolver às famílias a avaliação, o que, a não ser, a não ser aspetos como: a profissionalidade do educador, pronto que, que sabe que isso é importante e assegura isso, as políticas das próprias instituições e dos agrupamentos (...), as recomendações das orientações curriculares e se os educadores, realmente, seguissem as orientações curriculares vêm que um dos aspetos focados é esse e depois, há a circular número 17, de 2007, do, do departamento de educação básica do ministério da educação, que ah dá esta indicação muito clara aos educadores.(...) nem tão pouco em relação às crianças. Quem usa portefólios, de facto tem um instrumento privilegiado para por a criança a ver e a avaliar os seus progressos e a consciencializar-se disso, mas quem usa só registos de observação, (...) não asseguram essa comunicação às crianças, nada disto assegura, (...) é uma falha.

E4: Ah, ah Oralmente, não é? Por exemplo quando eu dou as notas e por escrito, quando é o registo, porque o registo vai por exemplo, o somatório (...) diz-se o que é que o aluno fez, o que é que o aluno não fez e hoje em dia até há uma coisa, o agrupamento exige mesmo que os testes sejam entregues aos pais, ou seja, nós ficamos apenas com o registo, os que fazem (...) Eu acho que é importante o miúdo saber que, por exemplo, o muito bom se ele teve 90 ou se ele teve quase 100%. (...) Isso no fundo são as fichas que nós vamos fazendo, eu pelo menos acho que é assim que o aluno tem feedback (...)

E5: Os resultados são partilhados e discutidos com as famílias não apenas trimestralmente, através da elaboração do boletim com as classificações dos alunos e da publicação das pautas, mas também através de reuniões formais e encontros informais em que os professores discutem com os pais sobre a evolução escolar e socio-afetiva dos seus filhos (...) há sempre o atendimento semanal com hora marcada, mas, mas muitas vezes os pais não podem e nós atendemos (...) Ao aluno transmitimos feedback em aula, diariamente, até porque muitas vezes para um incentivo positivo (...)

E6: É importante que ele perceba que através de informação de feedback que o professor lhe vai transmitindo, ele próprio se pode ir ajustando (...) a importância da autoavaliação também, é preciso que o professor também lhe dê margem para isso (...) mas é de facto muito importante essa reorientação, movimentação, o facto de ele conseguir perceber quais são as expectativas que o professor tem (...) aquilo que se espera dele (...) qual é o nível adequado a atingir ah, quando é que está já muito bem, quando é que está bem (...) é importante que os professores também transmitam o nível de exigência, vão estabelecendo quase que fasquias (...) para que depois o aluno também se possa ajustar. (...) Ora, em relação às famílias (...) falamos em termos da realização das fichas de avaliação, obviamente que depois as fichas

3. Processo Avaliativo

| | |
|--|---|
| | <p>são assinadas pelo encarregado de educação, pelos pais ah, nós procuramos que eles se envolvam e que vejam ah o resultado do trabalho do filho, numa perspetiva sempre de ah ajudar a construir algo, porque não é o resultado que ... não é a nota, chamemos assim que será o mais importante, mas perceber como é que está, como é que as coisas estão a correr, como é que é o percurso da criança, ou se o filho está a evoluir nesse percurso. Temos momentos em que, obviamente, partilhamos com os pais qual é a nossa perspetiva, algumas informações ah em termos de resultado de avaliação, depois claro que há as formalidades, há as pautas afixadas no caso do 4ºano. No caso do 1º ao 3º ano e, no 4º ano, também há o preenchimento dos registos trimestrais de avaliação, que tentamos fazer de forma mais completa possível, (...) são esses os mecanismos que se utilizam. (...) não pretendo que os pais sejam professores em casa, aquilo que eu considero importante é que acompanhem o percurso e vão dando palavras de estímulo, (...) às vezes basta o interesse, o facto de valorizarmos algo que o aluno conseguiu, algo que um filho conseguiu (...) é preciso ter tempo para isso (...)Mas preocupamo-nos, pelo menos aqui na escola e as colegas que estão cá também, que em termos de comunicação não seja (...) apenas aquilo que vai escrito no registo de avaliação ou no teste e o que o teste mostra, mas também marcar alguns momentos para se poder conversar, para se poder refletir sobre o percurso. Claro que se calhar são chamados muitas mais vezes ou são marcadas muito mais reuniões (...) com os pais dos meninos que estão a ter um bocadinho mais de dificuldade, porque também nos merecem um bocadinho mais de preocupação, obviamente, nós queremos ajudar a melhorar. (...) Claro que a avaliação é tarefa da escola, é para o professor. Os professores são responsáveis pela tarefa da avaliação, agora temos de integrar no percurso (...) quer os alunos, quer as famílias também.</p> |
| | <p>E1: (...) <i>qualquer momento pode ser alvo de avaliação, seja no acolhimento quando uma criança expõe um relato, nos momentos de atividades livres e orientadas, ah ... nos momentos de reflexão e de planificação, ou até mesmo nos momentos de higiene ou no refeitório, qualquer momento serve de, permite ao educador a recolha de informação sobre, de cada criança ou, e até mesmo do grupo.</i></p> <p>E2: (...) <i>eu acho que há uma permanente avaliação (...) eu acho que a avaliação em pré – escolar é contínua.</i> (...) <i>a avaliação no pré-escolar é desde que nós entramos no Jardim de Infância até que saímos, cada um de nós (...)</i></p> <p>E3: (...) <i>no geral, o que se faz é avaliar ao longo do ano, porque estes processos, este ... por exemplo, quem faz um portefólio de crianças necessita mesmo de ir recolhendo elementos, quem usa a observação tem de ir recolhendo elementos, ao longo do ano. Agora, embora possa haver</i></p> |

3.3.Momentos de Avaliação

momentos trimestrais ou semestrais, depende muito dos educadores e das instituições, em que se faz o ponto da situação e em que se dá a conhecer até aos pais a situação da criança (...) é continuamente realizado o processo de avaliação.

E4: *Não é só chegar ao trimestral e ter boa nota. Tudo é importante. O trabalho todo durante o ano vale para uma nota, não é? (...) desde que eles entram eu acho que estamos sempre a avaliar, porque nós avaliamos comportamento, nós avaliamos atitudes, nós avaliamos os conhecimentos, porque quando nós fazemos uma pergunta eles ou aplicam ou não aplicam esse conhecimento, não é?. Por isso, eu pelo menos estou sempre a avaliar, porque depois também tenho aqueles alunos que oralmente são muito bons, quando sozinhos a fazer uma parte escrita, ou por nervos, ou por ... que alguns têm ou falta de autoconfiança, os testes, às vezes, não correspondem àquilo que eu sei que eles que sabem.*

E5: *Diariamente, estamos sempre a avaliar (...) acaba por ser numa vertente de avaliação formativa (...) é diariamente, é uma avaliação contínua.*

E6: *Ora, em vários momentos hum (...) até tendo em conta as diferentes modalidades de avaliação há, pronto, temos a avaliação diagnóstica que ocorre em momentos diferentes, obviamente, da avaliação formativa ou da avaliação sumativa, claro que seguramente a avaliação diagnóstica é muito contemplada no início do ano letivo, no início de um trimestre, ah antes deee começar a abordar uma temática nova, para perceber quais os conhecimentos que os alunos já têm. Quando pegamos numa turma nova, quando estamos pela primeira vez com, precisamos de conhecer a população escolar que passa a ser da nossa responsabilidade. (...) depois temos ao longo de cada trimestre, até chegar ao final do ano vários momentos que são, para mim avaliação sumativa, não é? (...) quando realizamos as fichas de avaliação (...) aquilo que pretendo é recolher alguns dados que me permitam depois no final do trimestre ou no final do ano ah, fazer uma apreciação descritiva do desempenho do aluno (...) há estes momentos, digamos assim, mais de avaliação formal. Claro que depois há todos os outros que têm de ser planeados para que ocorram, diariamente, dentro da sala de aula, portanto ah há a avaliação informal, (...) aquelas informações que nós vamos recolhendo, algumas intencionalmente, mas há outras que (...) nos chegam quase sem querermos. Agora é preciso: eu vou registar estes dados?; vou fazer algo de concreto com eles? ... porque isso é muito importante, mas é preciso que se construa, que sirvam para algo, não é? (...) aqui a reflexão está sempre muito, muito associada. Enfim, há aquele momento mais de, de avaliação como as provas finais, (...) aquela avaliação que é um bocadinho certificadora. Nós temos de chegar ao final do 1º ciclo e dizer que sim senhora, os meninos (...)*

| | |
|--|---|
| | <p>completaram o 1º ciclo (...) é momento de final de percurso se bem que aqui depois ah à uma grande, enorme carga de subjetividade associada (...)</p> |
| <p>3.4.Espaços de Avaliação</p> | <p>E1: <i>A avaliação ocorre no contexto e em qualquer espaço ...</i></p> <p>E2: <i>(...) ocorre no dia a dia, na rotina normal, do dia a dia da criança.</i></p> <p>E3: <i>(...) não se limita a um espaço físico (...)</i></p> <p>E4: <i>(...) Sim, o espaço acaba por ser sempre a sala de aula (...) no recreio ... aí estamos a avaliar atitudes, não é? Comportamentos, não estamos a avaliar conhecimentos, não é? (...) espaços em que os alunos realizam aprendizagem por exemplo na biblioteca ...</i></p> <p>E5: <i>Em relação às reuniões com os encarregados de educação: (...) ocorre nas salas de aula quando estão disponíveis e nos gabinetes (...) quando é o atendimento aos pais, ou na biblioteca, ou (...) no ensino especial, quando está disponível, há sempre esses espaços. O espaço em que se avalia é onde ocorre a intervenção educativa.</i></p> <p>E6: <i>(...) no 1º Ciclo, maioritariamente, acontece dentro da sala de aula. (...) seja a sala de aula na escola onde está ou no caso das provas finais, tínhamo-nos que nos deslocar, mas efetivamente a avaliação ah limita-se ao espaço. Haverá algumas (...) atividades de avaliação que podem saltar o muro da escola (risos) (...) um trabalho de pesquisa (...) caso contrário não conseguimos entregar a realidade do aluno, as vivências do aluno, as experiências vividas e isso também é muito importante.</i></p> |
| | <p>E1: <i>As observações, os registos de incidente crítico, hum... trabalhos mais relevantes das crianças, também as fotografias, vídeos que possam (...) também fazer e, e também o portefólio. (...) é um instrumento muito rico tanto na recolha de evidências, como também na participação da criança. (...) As razões que justificam estes instrumentos ahh, prendem – se com a importância de se registarem as necessidades, as evoluções, as conquistas, os interesses, que ajudará o educador a planificar, adaptar e a melhorar a sua prática educativa.</i></p> <p>E2: <i>(...) os vários tipos de registos de observação (...) eu considero que o portefólio é muito bom (...)</i></p> <p><i>(...) avaliação por escrito que nós fazemos também, se não semestralmente, pelo menos anualmente há uma avaliação escrita com, com alguns indicadores para os encarregados de educação (...)</i></p> |

3.5. Técnicas Instrumentos

e

E3: *A observação é o principal instrumento, mas depois existem várias técnicas: os incidentes críticos, as descrições diárias, as grelhas de observação (...), muitas podem ser construídas pelo próprio educador até, dependendo daquilo que ele vai avaliar, ou quer avaliar. No entanto, a observação só por si não é completa, é preciso registar e documentar e isto são vias indispensáveis, que no fundo vão complementar aquele procedimento da observação. (...) o portefólio de crianças, que é um instrumento que realmente regista e documento, em simultâneo, as aprendizagens das crianças. (...) o PIP, que é um instrumento de avaliação do modelo High Scoope e, que por exemplo, avalia o espaço físico, a rotina, o tipo de interação que as crianças estabelecem com ao adulto, ah entre crianças, é fundamental também ter uma noção este, sobre o que se passa nas nossas salas, sobre isto. (...) A ECERCS que avalia, por exemplo, o espaço, os materiais, também avalia as rotinas, avalia atividades, avalia as interações das crianças, avalia questões relativas ah, ah aos pais, por exemplo à participação dos pais, avalia situações relativas ao pessoal, portanto, lá está, são questões mais ligadas aos contextos (...) a escala de empenhamento e de envolvimento (...)*

E4: *A nível hum, hum sumativo é os testes, não é? A nível formativo uso fichas, como lhe digo, mas ao fim e ao cabo elas também são sumativas, não é? (...) Porque quando era testes disto, teste das contas isto é sumativo, não é? Mas ao mesmo tempo é formativo, porque também tenho informação. (...) eu chamo-lhes grelhas de autoavaliação porque é assim: cada um deles diz, só que é uma autoavaliação um bocado (risos) um bocado heteroavaliação, não, não ... é uma auto - heteroavaliação, porque ao mesmo tempo que o aluno diz o que fez e a nota, quer dizer a cor, porque aquilo no fundo é um semáforo, tem as carinhas com as cores, os outros colegas questionam e eu própria: verde? Nós dizemos: verde? Mas como é que tu mereces verde? E eles começam ... porque eles têm também de ter um espírito autocrítico, eles têm de saber: eu fiz isto, isto e isto. (...) Em relação a grelhas de observação: Eu tenho as que eu faço, as minhas. E vamos supor. Uma colega manda-me uma, ou eu pego em duas, em três e faço. Há algumas que me foram dadas pelos professores da faculdade, que de vez em quando eu uso, eu uso.*

E5: *Hum, testes escritos, interrogatórios orais, trabalhos individualizados e trabalhos em pequeno grupo (...) tem que ser quantitativa, apesar de os professores fazerem as suas grelhas qualitativas.*

E6: *Bom, há uma panóplia deles ah, muitos deles até muito ligados à avaliação sumativa (...) as fichas de trabalho, os questionários, as fichas de avaliação, as provas finais, que agora já não já não vão ser realizadas (...) listas de verificação, o questionário, preenchimento de grelhas, muito*

| | |
|---|---|
| | <p>também fruto desde logo da existência de descritores nas metas curriculares ah, descritores de desempenho (...) nota-se um movimento um bocadinho maior na construção de alguns instrumentos de avaliação (...) claro que depois há os registos de avaliação, há relatórios de avaliação individuais (...) utilização dos portefólios (...)</p> |
| <p>3.6.Dificuldades e constrangimentos</p> | <p>E1: (...) a principal dificuldade que temos encontrado e é comum, (...) é a falta de tempo e a gestão de tempo na recolha de registos (...) e às vezes perde – se um bocadinho nisso, é o tempo para fazer esta recolha de registos de uma forma mais sistemática.</p> <p>(...) na base de tudo é conhecer pronto, a caraterística de cada criança (...) As aprendizagens que elas vão fazendo (...) Temos noção daquilo que se está a fazer e adequar a nossa intervenção.</p> <p>E2: O tempo é o grande inimigo do processo avaliativo.</p> <p>Quando eu comecei, se pensasse, tínhamos umas grelhas imensas, umas folhas com mil e uma coisas, com os nomes das crianças, bem já passamos por muitos, muitas formas de avaliação e ainda não descobri uma que fosse a melhor e a eficaz ... não há?! (...) O tempo que nós queremos viver com as crianças e parar esse tempo para avaliar, mesmo tendo em conta que essa avaliação vai ser para fazer melhor, eu acho que há educadores que já o fazemos ... na hora (...) Escrever é o grande problema de todos os educadores de infância, todos! (...) temos todas muitas dificuldades em passar para o papel as vivências que nós conseguimos fazer com as crianças e as aprendizagens (...)</p> <p>Eu acho que a avaliação é uma tomada de consciência do realizado, do conseguido, (...) para fazer melhor (...) a avaliação serve mesmo para isso, o trampolim para eu também tomar consciência de como estou, o que faço, como faço(...)</p> <p>E3: (...) na educação pré-escolar avalia-se e atua-se ao mesmo tempo (...) a avaliação não é programada, é muito pouco programada e no jardim de infância precisava de ser mais programada, haver mais momentos: eu agora preciso de avaliar e, eu preciso de passar esta grelha. (...) pelo tempo que demora a aplicar, porque, realmente, os pais não, não valorizam tanto este tipo de avaliação, como ver os portefólios das crianças em que tem ali as aprendizagens do filho, pronto, por muitas razões.</p> <p>E4: Constrangimentos existem, existem porque por vezes, a tal coisa por exemplo, nós achamos que o aluno adquiriu conhecimento, não é? Damos a ficha, constatamos que não, só que às vezes é assim: o aluno está desatento, o aluno às vezes até sabe, mas não responde, hum (...) eu mando os conteúdos para estudar e tudo e uma sensação que eu tenho é que alguns, aquilo anda colado no caderno, os pais andam muito contentes e felizes na</p> |

sua vida e esquecem-se que hoje em dia as crianças ... têm tanta coisa que os pais ainda não perceberam que o miúdos têm de ter tempo para estudar, para estudar, há aqui meninos que têm tantas atividades que é impossível ter tempo para estudar, porque eles também precisam de ter tempo para brincar e para descansar (...)

E5: *Há muitas dificuldades e constrangimentos associados ao processo avaliativo que recorrem desde logo pela constante mudança de modelos, não é? (...) Há exames, já não há exames, há provas de aferição. Havia testes intermédios agora já não há testes intermédios (...) chegamos ao extremo de termos de quantificar, pronto. Eu acho que há constrangimentos nestas mudanças todas.*

E6: (...) ideias um bocadinho pré-concebidas em torno da avaliação, há aqui mal entendidos que se arrastam pelo tempo hum ah e era necessário haver aqui uma reflexão (...) um bocadinho séria (...), porque sempre que falamos em avaliação estamos a ... salta logo a certificação, a classificação e não é essa a perspetiva ... acho que esta associação diminui o poder da avaliação, aquele poder que efetivamente se poderia construir (...) Depois também considero que há uma inadequação de alguns instrumentos de avaliação. Eu sei que um professor tem efetivamente muito trabalho e não é fácil estar a construir esses instrumentos com a reflexão que seria necessário, ah e com o tempo que seria necessário dedicar à turma (...) Porque às vezes vamos fazendo registos, mas a informalidade dos registos, a informalidade das observações que fazemos ah depois também não nos permite uma avaliação um bocadinho mais rigorosa, (...) às vezes as pessoas guardam registos que são mais impressões (...) era preciso esmiuçar, pensar, refletir e apostar um bocadinho mais na, na, na construção. Uma questão que falha bastante é o feedback que eu dou ao aluno, ah eu sei que isto é uma tarefa um bocadinho complicada quando temos (...) vinte ou vinte e cinco alunos e temos que nos preocupar com cada um deles (...) mas se dissermos aquilo que era adequado, certo, no momento certo (...) uma responsabilidade gigante para cada professor (...) reforçar sobretudo a comunicação, porque está a falhar. (...) é preciso tempo, é preciso investir quer na relação, quer no planeamento que das estratégias e de todo o trabalho de sala de aula. Agora, isto aqui exige uma revolução dentro da sala de aula, exige um bocadinho repensar (...) pôr-se em causa (...) há ah, ah falta de planeamento estratégico eficaz. (...) lá está a falta de aposta na formação sobre o que é efetivamente a avaliação formativa ah falta aqui não será aquela formação avulso, mas aqui já implica um trabalho no seio da própria escola. (...) Fazemos todos avaliação formativa, mas é assim um bocadinho, um bocadinho pela rama. A ausência de planeamento, de uma autoavaliação séria isso também é um constrangimento importante (...) acho que é fundamental ah reorientarmos aqui o percurso, o percurso da escola e o percurso da avaliação, sobretudo ah

4. Comparação do processo avaliativa na EPE e no 1ºCEB

| | |
|---|---|
| | <p>perceber qual é, o que é que já fizemos, em que ponto é que estamos e para onde é que queremos caminhar e não estarmos constantemente ah ah a mudar(...) não podemos continuar ah quer em termos de avaliação, quer em termos de educação a continuar sistematicamente a deitar fora sem perceber para que é que aquilo serviu (...)</p> |
| <p>4.1.Principais diferentes entre a avaliação na EPE e no 1ºCEB</p> | <p>E1: (...) avaliação na Educação Pré – Escolar, a avaliação é formativa ah ... na, no 1º ciclo é sumativa ah, ah, ou seja na educação pré – escolar avalia – se o processo da aprendizagem, enquanto que no 1º ciclo é atribuída uma classificação qualitativa e quantitativa avaliando mais o produto daquilo, da aprendizagem.</p> <p>E2: (...) Mas eu volto a dizer, eu penso que enquanto que nós avaliamos muito o social, esta dimensão de, da relação hum... e estamos muito preocupadas com isto, ah ... penso que quando passam para o ciclo seguinte perde-se um pouco isto e passamos a avaliar sobretudo conhecimentos hum, hum ...</p> <p>E3: (...) acho que no pré-escolar a avaliação tem um carater maioritariamente formativo e no 1º ciclo salienta-se muito o carater sumativo (...) a questão do currículo e das aprendizagens até ao final do 1º ano, do 2º ano, por aí fora, tendo em vista a avaliação formal, não é? E externa ah condiciona muita a utilização de alguns instrumentos que são mais demorados. Em relação ao fator tempo: há meninos muito despachados e há meninos muito lentos. Eu geralmente dou mais tempo porque é deles. (...) E, claro que não vai estar um dia inteiro com uma ficha, mas geralmente dou sempre mais tempo a esses alunos.</p> <p>E4: Eu sou-lhe sincera, eu acho que hoje que não há diferenças, porquê? Porque eu continuo a ouvir que o ensino do 1º ciclo é ... qualitativo, a pré também é qualitativa ou seja, nós passamos a ser quantitativos, porque damos uma nota e não me venham cá, quando dizem que é qualitativo é mentira, é quantitativo, o 1º ciclo é quantitativo se eu dou uma nota é quantitativo porque eu estou a dar, eu estou a quantificar o aluno, estou a dizer se ele é muito bom, se ele é bom, se ele é insuficiente, o que seja. (...) nós não temos reuniões com a pré (...) Ou seja, muitas das vezes, nós nem sabemos o que, ohh, a pré, o que, o que ... é obrigatório, não é, o que é que elas trabalham ... eu não sei. (...) Em relação à inexistência de reunião de articulação entre a EPE e o 1ºCEB: Nem no 1º ano. Temos aqui uma colega que veio dos Açores e que perguntou ... disse ela: Então eu não tenho nenhuma grelha de avaliação, eu não tenho o processo dos meus alunos? (...)</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | | <p>E5: Pronto, a educação pré-escolar avalia competências de uma forma contínua (...) e qualitativa e não quantitativa, não é? No 1º Ciclo faz-se uma avaliação através do cumprimento de objetivos, (...) nós temos um currículo mesmo para lecionar e para cumprir e eles é mais (...) não é tão objetivo como o nosso, percebe?</p> <p>E6: (...) as idades são diferentes, a dinâmica de trabalho é obviamente diferente, independentemente de até termos um pré – escolar mais escolarizado ou menos escolarizado (...) obviamente diferente tem que haver muito espaço para desenvolvimento da criatividade da, da toda a parte lúdica, todas as pré-competências para a leitura, escrita, matemática ah, mas o pré-escolar está liberto de uma série de formalismos de avaliação que no fundo, no caso do 1ºciclo (...)</p> |
| | <p>4.2. Práticas avaliativas comuns entre a EPE e o 1ºCEB</p> | <p>E1: (...) seria manter os registos de observação que nós efetuamos (...) no pré – escolar e (...) fazer a construção de um portefólio para cada criança (...) a criança já tem muito mais autonomia, já é capaz de selecionar, se calhar sem a ajuda do professor as evidências de aprendizagem (...)</p> <p>E2: Eu penso que é um bocadinho difícil, porque estamos a falar de um pré-escolar (...)quando temos um trabalho ou uma, um desenvolvimento de competências no pré-escolar que é lúdico (...)</p> <p>Se eu te for falar de um pré-escolar que vive, trabalhando com, trabalha com fichas sistematicamente, fichas para a aprendizagem, se calhar é muito fácil fazer coincidir uma avaliação de uma coisa ou de outra ...</p> <p>E3: (...) mas haveria talvez o equivalente ao portefólio das crianças, que nós fazemos no pré-escolar se fosse feito no 1º ciclo, um portefólio das aprendizagens dos alunos ah, para que o aluno ajustasse o processo de aprendizagem (...) seria possível encontrarmos algo comum nas duas valências.</p> <p>E4: Eu sou-lhe sincera, uma das coisas é importante reunir (...)</p> <p>E5: Eles utilizam grelhas de comportamento, grelhas de observação semelhantes, claro que com os indicadores que querem avaliar.</p> <p>E6: (...) ah se calhar, a utilização dos portefólios será o ou um dos principais instrumentos de avaliação no pré-escolar e que poderá ser comum ao 1º Ciclo (...) acho que o portefólio poderá ser uma ferramenta ou é seguramente uma ferramenta extremamente importante tanto em termos de pré-escolar, como em termos de 1º ciclo e que nos permite (...) uma recolha de dados extremamente rica acerca do percurso que cada criança está a fazer.</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>Agora, lá está, uma vez mais, implica tempo, implica envolvimento, ah a construção do portefólio e a análise do portefólio e o dar feedback, claro que ah adequado à idade, quer ao aluno, quer à criança que temos no grupo de pré-escolar. Posteriormente no 1º Ciclo, eu aqui acho que apesar de tudo há uma maior adesão no pré-escolar aos portefólios, do que no 1º ciclo (...) podíamos tirar daí muito informação útil, se calhar não, seguramente ah, ah pronto, em termos de construção de uma avaliação verdadeiramente formativa, acredito que sim (...) dar maior importância também ao pré-escolar porque, infelizmente, ainda prevalece no horizonte de muitas famílias, que o pré-escolar é assim uma espécie de transição entre o contexto familiar e a escola (...) há tanto para trabalhar, tanto para desenvolver no pré-escolar (...) se as pré-competências não tiverem bem, bem adquiridas, bem consolidadas essa criança vai ter problemas no percurso seguinte (...) Portanto aqui eu defendo muito uma grande articulação entre o trabalho que há no pré-escolar e depois no 1ºCiclo.</p> |
|--|--|

Anexo XIII - Quadros de análise documental

Quadro n.º IX: Conceções de Avaliação

| | O que está referenciado | Documento de referência |
|------------------------------|---|--|
| Ministério da Educação – EPE | <p><i>A avaliação do processo permite reconhecer a pertinência e sentido das oportunidades educativas proporcionadas, saber se estas estimularam o desenvolvimento de todas e cada uma das crianças e alargaram os seus interesses, curiosidade e desejo de aprender. (1997:93)</i></p> <p><i>A avaliação dos efeitos possibilita ao educador saber se e como o processo educativo contribuiu para o desenvolvimento da aprendizagem, ou seja, saber se a frequência da educação pré-escolar teve, de facto, influencia nas crianças. Permite-lhe também ir corrigindo e adequando o processo educativo à evolução das crianças e ir aferindo com os pais os seus progressos. (1997:94)</i></p> <p><i>Qualquer avaliação requer uma selecção dos critérios e a definição dos padrões que as respostas a esses critérios devem atingir para que se satisfaça um nível considerado de qualidade. (1998:35)</i></p> <p><i>Avaliar é um ato pedagógico que requer uma atitude e um saber específico que permitam desenvolver estratégias adequadas, tendo em conta os contextos de cada criança e do grupo no respeito pelos valores de uma pedagogia diferenciada.</i></p> | <p>OCEPE. Ministério da Educação (1997)</p> <p>Qualidade e projecto em Educação de Infância. Ministério da Educação. (1998).</p> <p>Procedimentos e práticas organizativas e pedagógicas na avaliação da Educação Pré-Escolar.</p> |

| | | |
|-----------------------------|--|---|
| | <p><i>A avaliação considerada uma componente integrada do currículo da Educação Pré-Escolar, envolve momentos de reflexão e decisão sobre o projeto pedagógico/curricular.</i></p> <p><i>A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa que implica procedimentos adequados à especificidade da actividade educativa no Jardim de Infância, tendo em conta a eficácia das respostas educativas. Permitindo uma recolha sistemática de informações, a avaliação implica uma tomada de consciência da acção, sendo esta baseada num processo contínuo de análise que sustenta a adequação do processo educativo às necessidades de cada criança e do grupo, tendo em conta a sua evolução. (2007:4)</i></p> <p><i>A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades. (2011:1)</i></p> <p><i>A avaliação na Educação Pré-Escolar assume uma dimensão marcadamente formativa, desenvolvendo-se num processo contínuo e interpretativo que provoca tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando. (2011:1)</i></p> <p><i>A avaliação, enquanto elemento integrante e regulador da prática educativa, permite uma recolha sistemática de informação que, uma vez analisada e interpretada, sustenta a tomada de decisões adequadas e promove a qualidade das aprendizagens. A reflexão, a partir dos efeitos que se vão observando, possibilita estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança, individualmente e em grupo, tendo em conta a sua evolução. (2011:2-3)</i></p> | <p>Circular n.º17/DSDC/DEPEB/2007, de 10 de outubro.</p> <p>Ofício Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011, de 22 de abril.</p> |
| <p>Instituição A</p> | <p><i>As conceções de avaliação estão implícitas:</i></p> <p><i>c) Contribuir ... para o sucesso da aprendizagem;</i></p> <p><i>d) Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas;</i></p> <p><i>h) Proceder à despistagem de inaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança. (Norma V – Objectivos do Jardim de Infância)</i></p> <p><i>(...) desenvolver a criança pessoal e socialmente com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania; fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade; contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso de aprendizagem; estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas</i></p> | <p>Regulamento Interno da Instituição A.</p> <p>Projeto Educativo da Instituição A.</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p><i>características individuais, inculindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas; desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo; proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e de segurança; incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade. (Projeto Educativo, 2006:35)</i></p> | |
| <p>Ministério da Educação – 1ºCEB</p> | <p><i>A avaliação, constituindo-se como um processo regulador do ensino, é orientadora do percurso escolar e tem por objetivo a melhoria da qualidade do ensino através da aferição do grau de cumprimento das metas curriculares fixadas para os níveis de ensino básico. Esta verificação deve ser utilizada por professores e alunos para, em conjunto, suprir as dificuldades de aprendizagem. A avaliação tem ainda por objetivo conhecer o estado geral do ensino, retificar procedimentos e reajustar o ensino das diversas disciplinas em função dos objetivos curriculares fixados.</i></p> <p><i>1.A avaliação constitui um processo regulador do ensino, orientador do percurso escolar e certificador dos conhecimentos e capacidades desenvolvidas pelo alunos.</i></p> <p><i>2.A avaliação tem por objetivo a melhoria do ensino através da verificação dos conhecimentos adquiridos e das capacidades desenvolvidas nos alunos e da aferição do grau de cumprimento das metas curriculares fixadas para os níveis de ensino básico e secundário.</i></p> <p><i>4.A avaliação tem ainda por objetivo conhecer o estado do ensino, retificar procedimentos e reajustar o ensino das diversas disciplinas aos objetivos curriculares fixados. (Capítulo III – Avaliação – Secção I – Princípios gerais – Artigo 23º - Avaliação das aprendizagens)</i></p> | <p>Despacho Normativo n.º24-A/2012, de 6 de dezembro.</p> <p>Decreto – Lei n.º139/2012, de 5 de julho.</p> |
| <p>Instituição B</p> | <p>A avaliação é um elemento integrante e regulador do processo educativo;</p> <p>A avaliação certifica as aprendizagens e os conhecimentos adquiridos pelo aluno; (10.1.1. 1º Ciclo – I Princípios Gerais)</p> | <p>Projeto curricular do Agrupamento a que pertence a Instituição B.</p> |

Quadro n.º X: Dimensões a avaliar (O quê?)

| | O que está referenciado | Documento de referência |
|-------------------------------------|--|--|
| Ministério da Educação – EPE | <p><i>O processo educativo ... (1997:93)</i></p> <p><i>Os efeitos ... (1997:93)</i></p> <p><i>Os progressos das crianças ... (1997:96)</i></p> <p><i>Actividades e projectos curriculares ...</i></p> <p><i>Ambiente educativo ... (2001:3)</i></p> <p><i>Actividades e projectos curriculares ... (2001: 3)</i></p> <p><i>Avaliar, numa perspectiva formativa a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de ca criança e do grupo. (2001:3)</i></p> <p><i>... o seu percurso, evolução e progressos.</i></p> <p><i>... qualquer momento de interação, qualquer tarefa realizada</i></p> <p><i>...</i></p> <p><i>... as áreas de conteúdo (OCEPE)/ os domínios previstos nas Metas de Aprendizagem/ Outras especificidades no projecto educativo e/ou projecto curricular de grupo e no PEI. (2011:5)</i></p> <p><i>Sendo o ambiente educativo promotor das aprendizagens da criança, o educador deve ainda avaliar: a organização do espaço, dos materiais e dos recursos educativos/ a diversidade e qualidade dos materiais e recursos educativos/ a organização do tempo/ as interações do adulto com a criança e entre crianças/ o envolvimento parental/ as condições de segurança, de acompanhamento e bem-estar das crianças. (2011:5)</i></p> <p><i>No final de cada período deve avaliar-se: ... Plano Anual de Actividades .../ Projecto Curricular de Grupo .../ PEI .../ aprendizagens das crianças .../ actividades desenvolvidas na componente de Apoio à Família/ a informação descritiva aos encarregados de educação sobre as aprendizagens e os progressos de cada criança ... (2011:6)</i></p> | <p>OCEPE. Ministério da Educação (1997)</p> <p>Qualidade e projecto em Educação de Infância. Ministério da Educação. (1998).</p> <p>Decreto – Lei n.º241/2001, de 30 de agosto.</p> <p>Procedimentos e práticas organizativas e pedagógicas na avaliação da Educação Pré-Escolar.</p> <p>Ofício Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011, de 22 de abril.</p> |
| Instituição A | | |

| | | |
|--|--|--|
| <p style="text-align: center;">Ministério da Educação – 1ºCEB</p> | <p>... as metas curriculares e outras orientações gerais do Ministério da Educação e Ciência, define os critérios de avaliação para cada ciclo e ano de escolaridade, sob proposta dos departamentos curriculares que devem estar centrados nos conhecimentos e nas capacidades dos alunos, designadamente na avaliação dos progressos dos alunos nas metas curriculares e incluir o peso da avaliação nas suas várias componentes (escrita, oral e prática). (Secção II – Processo de Avaliação – Artigo 4º - Critérios de Avaliação)</p> <p>1.A avaliação dos alunos incide sobre os conteúdos definidos nos programas e obedece às metas curriculares em vigor para as diversas disciplinas nos 1º ... 2. A aprendizagem relacionada com as componentes do currículo de carácter transversal, nomeadamente no âmbito da educação para a cidadania, da compreensão e expressão em língua portuguesa e da utilização das tecnologias de informação e comunicação, constitui objeto de avaliação nas diversas disciplinas, de acordo com os critérios definidos pelo conselho pedagógico.(Secção II – Processo de Avaliação – Artigo 5º - Informação sobre a aprendizagem)</p> <p>... entende-se por currículo o conjunto de conteúdos e objetivos que, devidamente articulados, constituem a base da organização do ensino e da avaliação de desempenho dos alunos ...</p> <p>Os conhecimentos e capacidades a adquirir e a desenvolver pelos alunos de cada nível e de cada ciclo de ensino têm como referência os programas das disciplinas e áreas curriculares disciplinares, bem como as metas curriculares a atingir por ano de escolaridade e ciclo de ensino ... (Capítulo I – Disposições Gerais – Artigo 12º - Currículo)</p> | <p>Despacho Normativo n.º24-A/2012, de 6 de dezembro.</p> <p>Despacho Normativo n.º17-A/2015, de 22 de setembro.</p> <p>Decreto – Lei n.º139/2012, de 5 de julho.</p> |
| <p style="text-align: center;">Instituição B</p> | <p>... a avaliação deixa de dar prioridade a aspetos clínicos para passar a ser feita com base nas competências e potencialidades. A valorização progressiva do papel desempenhado pelo meio ambiente no desenvolvimento da criança influencia não apenas os critérios de avaliação, mas sobretudo as recomendações educacionais ...</p> <p>A avaliação incide sobre as aprendizagens definidas no Currículo Nacional, para as diversas disciplinas e áreas disciplinares, que estão expressas no Projeto Curricular de Escola [(PCE) anexo ao Projeto Educativo Agrupamento (PEA)] e no Plano de Turma (PT) e sobre o cumprimento das metas curriculares globalmente fixadas para o Ensino básico;</p> <p>As aprendizagens e objetivos definidos nas diferentes disciplinas/ áreas curriculares envolvem, de forma integrada, um conjunto de conhecimentos, de capacidades de pensamento e de atitudes favoráveis à aprendizagem;</p> <p>A avaliação em todas as disciplinas/ áreas curriculares disciplinares contempla as aprendizagens ligadas a componentes do currículo de carácter transversal, nomeadamente no âmbito da Educação</p> | <p>Projeto Educativo do Agrupamento a que pertence a Instituição B (2013/2016).</p> <p>Projeto Curricular do Agrupamento a que pertence a Instituição B (2013/2016).</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>para a Cidadania (EPC - oferta complementar) e da utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação; (10.1.1. 1º Ciclo – I Princípios Gerais)</p> <p>A avaliação sumativa interna integrada no processo de ensino-aprendizagem abrange os seguintes domínios:</p> <ul style="list-style-type: none">a) Conceptualb) Atitudinal:<ul style="list-style-type: none">1. Empenho2. Atitude Cívica <p>Os comportamentos e atitudes a observar são definidos de acordo com a especificidade de cada disciplina e deverão estar descritos.</p> <p>A observação dos comportamentos terá de ser continuada e registada.</p> <p>O peso a atribuir a cada um dos domínios na classificação final é definido de acordo com a especificidade de cada disciplina para os diferentes anos. (10.1.2.2 Domínios)</p> | |
|--|--|--|

Quadro n.º XI: Técnicas e instrumentos (Como?)

| | O que está referenciado | Documento de referência |
|-------------------------------------|---|--|
| Ministério da Educação – EPE | <p><i>A observação constitui, deste modo, a base do planeamento e da avaliação servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo. (1997:25)</i></p> <p><i>Observa cada criança, bem como os pequenos grupos e o grande grupo ... (2001:3)</i></p> <p><i>Utilizar técnicas e instrumentos de observação e registo diversificados que possibilitem sistematizar e organizar a informação recolhida (registos de observação, portefólios, questionários, entrevistas, cadernetas informativas ...)</i></p> <p><i>Utilização de técnicas e instrumentos de observação e registo diversificados. (2007:4)</i></p> <p><i>... instrumentos de observação e registo diversificados, tais como: observação/ entrevistas/ abordagens narrativas/ fotografias/ gravações áudio e vídeo/ registo de auto-avaliação/ portefólios construídos com as crianças/ questionários a crianças, pais ou outros parceiros educativos/ outros. (2011:5)</i></p> | <p>OCEPE. Ministério da Educação (1997)</p> <p>Decreto – Lei n.º241/2001, de 30 de agosto.</p> <p>Procedimentos e práticas organizativas e pedagógicas na avaliação da Educação Pré-Escolar.</p> <p>Circular n.º17/DSDC/DEPEB/2007, de 10 de outubro.</p> <p>Ofício Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011, de 22 de abril.</p> |
| Instituição A | <p><i>O Jardim de Infância deve manter organizado o Processo Individual da criança, do qual devem constar os seguintes documentos:</i></p> <p><i>b) Todos os elementos resultantes das informações familiares ...;</i></p> <p><i>d) Ficha de avaliação diagnóstica;</i></p> <p><i>e) Registo de observação sobre a evolução do desenvolvimento da criança. (Norma XIII – Processo Individual da Criança)</i></p> | <p>Regulamento Interno da Instituição A.</p> |

| | | |
|---------------------------------------|--|--|
| Ministério da Educação – 1ºCEB | <p><i>Fichas de registo de avaliação.</i></p> <p><i>1. Em cada escola devem ser adotados instrumentos de análise dos resultados da informação relativa à avaliação da aprendizagem dos alunos, proporcionando o desenvolvimento de uma autoavaliação que vise a melhoria do seu desempenho. (Secção II – Processo de Avaliação – Artigo 6º - Registo, tratamento e análise da informação)</i></p> | <p>Despacho Normativo n.º24-A/2012, de 6 de dezembro.</p> <p>Despacho Normativo n.º17-A/2015, de 22 de setembro.</p> |
| Instituição B | <p><i>13. Fazer uma avaliação objetiva, adequada e justa:</i></p> <p><i>a) Informando os alunos no início do ano letivo, dos objetivos e conteúdos essenciais, dos processos da avaliação e dos critérios de avaliação de conhecimentos, atitudes e comportamentos, numa linguagem adequada às suas idades e nível de ensino frequentado;</i></p> <p><i>b) Registrando a data de realização dos testes de avaliação, em coordenação com os outros professores;</i></p> <p><i>c) Elaborando instrumentos de avaliação com base nos objetivos/conteúdos previamente definidos e com uma extensão adequada ao tempo disponível, evitando provocar o atraso e perturbação da aula seguinte;</i></p> <p><i>d) Entregando os testes corrigidos aos alunos no prazo máximo de quinze dias após a realização dos mesmos e antes da realização do seguinte. Se o Professor tiver mais de cinco turmas a seu cargo, terá este prazo alargado até às três semanas.</i></p> <p><i>17. Promover a autoavaliação dos alunos. (Artigo 74º - Deveres: pp37-38)</i></p> <p><i>A avaliação diagnóstica realiza-se no início de cada ano de escolaridade, ou sempre que seja considerado oportuno, devendo fundamentar estratégias de diferenciação pedagógica, de superação de eventuais dificuldades dos alunos, de facilitação da sua integração escolar e de apoio à orientação escolar e vocacional. (Artigo 108º - Avaliação Diagnóstica: pp 58-59)</i></p> <p><i>A avaliação formativa assume um carácter contínuo e sistemático, recorre a uma variedade de instrumentos de recolha de informação adequados à diversidade da aprendizagem e às circunstâncias em que ocorrem, permitindo ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e a outras pessoas ou entidades legalmente autorizadas obter informação sobre o desenvolvimento da aprendizagem</i></p> | <p>Regulamento Interno do Agrupamento a que pertence a Instituição B (2013).</p> |

com vista ao ajustamento de processos e estratégias. (Artigo 109º - Avaliação Formativa: pp59)

A avaliação sumativa traduz-se na formação de um juízo global sobre a aprendizagem realizada pelos alunos, tendo como objetivos a classificação e a certificação. (Artigo 110º - Avaliação Sumativa: pp59)

1. Os critérios para atribuição de menção de excelência são:

a) Sendo aluno do 4º ano do Ensino Básico, ser avaliado com nível 5 a Português e Matemática na avaliação interna e externa. (Artigo 113º - Menção de Excelência: pp60)

2. Após a visita de estudo, deverá ser preenchido um relatório de avaliação da atividade, de acordo com o definido na planificação e enviado ao Coordenador de Departamento ou de Estabelecimento. (Anexo II – Regulamento das visitas de estudo – Artigo 8º - Documentos: pp2)

A Avaliação Diagnóstica realiza-se no início de cada ano de escolaridade ou sempre que se considere oportuno, visando fundamentar estratégias de diferenciação pedagógica, superar dificuldades dos alunos, facilitando a sua integração escolar.

Na Avaliação Formativa são valorizados os processos de autoavaliação regulada dos alunos, os quais são articulados com os momentos de avaliação sumativa, sendo os alunos informados sobre os processos e os critérios usados na sua avaliação sumativa, no 1º Período;

Na Avaliação Sumativa é formulado um juízo globalizante sobre o desenvolvimento do aluno em relação aos conhecimentos adquiridos e às capacidades desenvolvidas e é feita a aferição do grau de cumprimento das metas curriculares globalmente fixadas para Português e Matemática;

A Avaliação Sumativa no ensino básico geral inclui: a avaliação sumativa interna, da responsabilidade dos professores e dos órgãos de gestão pedagógica da escola, é realizada no final de cada período e em todos os anos de escolaridade; a avaliação sumativa externa é realizada no 4.º Ano, no 3.º período;

A Avaliação Sumativa dá origem a uma tomada de decisão sobre a progressão, retenção ou reorientação do percurso educativo do aluno. Em situações em que o aluno não adquira os conhecimentos nem desenvolva as capacidades definidas para o ano de escolaridade que frequenta, o professor titular de turma, no 1.º Ciclo, ouvido o conselho de docentes, deve propor as medidas necessárias para colmatar as deficiências detetadas no percurso escolar do aluno, incluindo o prolongamento do calendário escolar para os alunos do 4.º Ano, quando aplicável. (10.1.1. 1º Ciclo – I Princípios Gerais)

a) Testes; b) Fichas de trabalho; c) Observação em aula (grelhas); d) Relatórios; e) Portefólios e cadernos diários; f)

Projeto Curricular do Agrupamento a que pertence a Instituição B.

| | | |
|--|---|---|
| | <p>Comunicações orais; g) Trabalhos de pesquisa; h) Trabalhos de grupo; i) Trabalhos experimentais.</p> <p>O peso de cada instrumento de avaliação deverá ser clara e previamente definido.</p> <p>Os instrumentos de avaliação devem ser aplicados de uma maneira equitativa a todos os alunos. (10.1.2.3 – Instrumentos de Avaliação)</p> <p>Fichas de diagnóstico (por disciplina – no início do ano); Fichas formativas (por disciplina); Testes sumativos trimestrais (por disciplina – comuns a todo o agrupamento); grelhas de diagnóstico (no início de uma nova temática); grelhas de leitura; grelhas de comportamentos e atitudes; grelhas de autoavaliação comportamental (semanais); grelha de avaliação do projeto curricular de turma (anual); registo de avaliação para os Encarregados de Educação (trimestral).</p> | <p>Instrumentos de avaliação utilizados pela E4 – Professora do 1ºCEB, na Instituição B</p> |
|--|---|---|

Quadro n.º XII: Momentos de avaliação (Quando?)

| | O que está referenciado | Documento de referência |
|---------------------------------------|---|--|
| Ministério da Educação – EPE | <p><i>Haverá necessariamente na rotina diária tempo de avaliação e reformulação do trabalho desenvolvido</i> (1998:148)</p> <p><i>Processo contínuo de análise.</i> (2007: 4)</p> <p><i>... a avaliação comporta vários momentos: planificação, recolha e interpretação da informação e adaptação das práticas e processos que serão objecto de reformulação sempre que necessário.</i></p> <p><i>... os tempos dedicados à avaliação (3 dias) são obrigatoriamente coincidentes com os períodos de avaliação estipulados para os outros níveis de ensino ...</i></p> <p><i>No final de cada período ...</i> (2011:6)</p> | <p>Qualidade e projecto em Educação de Infância. Ministério da Educação. (1998).</p> <p>Circular n.º17/DSDC/DEPEB/2007, de 10 de outubro.</p> <p>Procedimentos e práticas organizativas e pedagógicas na avaliação da Educação Pré-Escolar.</p> <p>Ofício Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011, de 22 de abril.</p> |
| Instituição A | | |
| Ministério da Educação – 1ºCEB | | |

| | | |
|----------------------|--|--|
| Instituição B | | |
|----------------------|--|--|

Quadro n.º XIII: Espaços de avaliação (Onde?)

| | O que está referenciado | Documento de referência |
|-------------------------------------|--|--|
| Ministério da Educação – EPE | <i>A avaliação é realizada em contexto ...</i> | Procedimentos e práticas organizativas e pedagógicas na avaliação da Educação Pré-Escolar. |
| Instituição A | | |

| | | |
|--|--|--|
| Ministério da Educação – 1º CEB | | |
| Instituição B | | |

Quadro n.º XIV: Agentes Avaliativos (Quem?)

| | O que está referenciado | Documento de referência |
|-------------------------------------|---|---|
| Ministério da Educação – EPE | <p><i>A avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, construindo também uma base de avaliação para o educador. (1997:29)</i></p> <p><i>... e ir aferindo com os pais os seus progressos. (1997:96)</i></p> <p><i>A avaliação e da responsabilidade do educador titular do grupo, no quadro de autonomia e gestão das escolas ...</i></p> <p><i>... são intervenientes no processo de avaliação: o educador/ a(s) crianças(s)/ a equipa/ os encarregados de educação. (2007:5)</i></p> <p><i>... para além do educador, intervêm: a(s) criança(s) .../a equipa .../os Encarregados de Educação .../o Departamento Curricular de Educação Pré-Escolar .../Docentes de Educação Especial .../os Órgãos de Gestão ... (2011:4)</i></p> | <p>OCEPE. Ministério da Educação (1997).</p> <p>Decreto – Lei n.º75/2008, de 22 de abril.</p> <p>Circular n.º17/DSDC/DEPEB/2007, de 10 de outubro.</p> <p>Ofício Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril.</p> |

| | | |
|---------------------------------------|---|--|
| Instituição A | <p><i>Ser uma Comunidade Educativa em que o relacionamento entre a Escola e os Pais se concretize numa busca do essencial e perspectiva de conjunto, que contribuem para o desenvolvimento integral da criança. (Norma IV – Princípios Orientadores da Instituição)</i></p> <p><i>i) Incentivar a participação das famílias no processo educativo estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade. (Norma V – Objectivos do Jardim de Infância)</i></p> <p><i>- Estabelecer contactos com Educadores/Professores e funcionários da Instituição, sempre que se justifique. (Norma XXX – Direitos dos Pais e Encarregados de Educação)</i></p> | <p>Regulamento Interno da Instituição A.</p> |
| Ministério da Educação – 1ºCEB | <p><i>Intervêm no processo de avaliação, designadamente: o professor/ o aluno/ o conselho de docentes, no 1ºCEB .../ o diretor e o conselho pedagógico da escola/ o encarregado de educação/ o docente de educação especial e outros profissionais que acompanhem o desenvolvimento do processo educativo do aluno/ a administração educativa. (Secção II – Processo de Avaliação – Artigo 3º - Intervenientes e Competências)</i></p> | <p>Despacho Normativo n.º24-A/2012, de 6 de dezembro.</p> <p>Despacho Normativo n.º17-A/2015, de 22 de setembro.</p> |
| Instituição B | <p><i>2.O Conselho de Docentes do 1ºCiclo, para além de reunir em plenário, reunirá também em cada estabelecimento do 1ºCiclo ... no final de cada período, tendo em vista os procedimentos formais inerentes ao processo de avaliação sumativa dos alunos. A classificação final a atribuir em cada área disciplinar é da competência do professor titular de turma, ouvido o conselho de turmas.</i></p> <p><i>7.A avaliação das aprendizagens das crianças de cada grupo/turma, efetuada no final do 3ºperíodo letivo previsto para a Educação Pré-Escolar, prevê a articulação entre este nível de educação e ensino e o 1ºCiclo. (Artigo 39º - Definição e Funcionamento: pp22)</i></p> <p><i>Em cada escola, a organização, o acompanhamento e a avaliação das atividades a desenvolver com os alunos e a articulação</i></p> | <p>Regulamento Interno do Agrupamento a que pertence a Instituição B.</p> |

entre a escola e as famílias é assegurada: b) Pelos professores titulares das turmas, no 1º ciclo do ensino básico. (Artigo 49º - Organização: pp25)

O Departamento de Educação Especial deve: f) Participar nas reuniões de Avaliação e em qualquer Conselho de Turma, quando solicitados. (Artigo 64º - Competências: pp32)

O aluno tem direito a: p) ... objetivos essenciais de cada disciplina ou área disciplinar e os processos e critérios de avaliação ...; q) Participar no processo de avaliação, através de mecanismos de auto e heteroavaliação. (Artigo 75º - Direitos: pp40)

O Conselho Pedagógico aprova os critérios gerais de avaliação sumativa de fim de ciclo e de fim de ano letivo, que constituem critérios reguladores (referenciais comuns) a nível de agrupamento, tendo em vista a uniformização de procedimentos na ponderação da situação escolar dos alunos nos Conselhos de Ano/Turma, no que respeita a atingir as metas para prosseguirem com sucesso os seus estudos, no ciclo ou no ano de escolaridade seguintes. (Artigo 111º - Critérios de Progressão e de Retenção dos Alunos: pp59)

Os Encarregados de Educação têm direito de: 2. Serem informados acerca dos contextos relativos à formação do seu educando, nomeadamente:

a) ... dos Critérios de Avaliação ...;

3. Intervir no processo de avaliação, informando-se, junto do Diretor de Turma, da avaliação formativa do seu educando.

5. Reclamar, nos termos da lei, sobre qualquer circunstância da vida escolar do educando que seja da responsabilidade da escola, nomeadamente relativos aos processos de ensino e de avaliação. (Artigo 118º - Direitos: pp64 – 65)

No final do ano letivo, o Coordenador do Departamento Curricular do 1ºCiclo reunirá com o Coordenador do Departamento de Educação Pré-Escolar tendo como objetivo o encaminhamento das crianças da Educação Pré-Escolar para o 1ºCiclo do Ensino Básico. (2.3.Conselho de Docentes – Estrutura de Avaliação Curricular 1ºCiclo: pp6-7)

... Os Docentes das AEC participam, sempre que possível, nas reuniões de Conselho de Docentes de Avaliação ... (6.4.Articulação AEC/1ºCiclo: pp27-28)

(...) De acordo com a legislação vigente, são elaborados Planos Educativos Individuais, através dos quais se estabelecem objetivos específicos para estes alunos, com estratégias de intervenção próprias e condições de avaliação adequadas, através da colaboração com os docentes de cada disciplina na adoção de estratégias de ensino/aprendizagem, que visem otimizar a eficácia da sua prática

Projeto Curricular do Agrupamento a que pertence a Instituição B.

| | | |
|--|---|--|
| | <p><i>educativa e minimizar as dificuldades dos alunos com NEE. (...) (7.4. Alunos com Necessidades Educativas Especiais: pp 31)</i></p> <p>A Avaliação Sumativa Interna é da responsabilidade do professor titular de turma, ouvido o competente Conselho de Docentes, podendo envolver a participação de técnicos dos serviços especializados, quando se justifique, e envolvendo sempre esses técnicos nos casos em que existam alunos com NEE e Apoio Educativo. Esta participação ocorre preferencialmente no fim de cada período escolar, do ano e do ciclo letivos.</p> <p>Compete ao Professor Titular de Turma coordenar, em articulação com o Conselho de Docentes, o processo de tomada de decisões relativas à Avaliação Sumativa Interna, garantir a sua natureza globalizante e o respeito pelos Critérios de Avaliação definidos a nível de Agrupamento de escolas, os quais representam referenciais comuns; (10.1.1. 1º Ciclo – I Princípios Gerais)</p> | |
|--|---|--|

Anexo XIV – Relatório Narrativo (Portefólio da C)

Excerto do Relatório Narrativo, nomeadamente da Área de Formação Pessoal e Social (AFPS)

Data da realização – 07 de junho de 2015

Área de Formação Pessoal e Social (AFPS)

A C é uma criança que demonstra espírito de iniciativa e autonomia para a realização de várias atividades, não necessitando do apoio e da orientação de um adulto (ver registo III – AFPS), bem como nas relações interpessoais que estabelece. Evidencia, recorrentemente, o desejo de fazer novas aprendizagens, manifestando curiosidade e desejo por participar em novas experiências significativas.

Tendo em atenção as relações interpessoais que a criança estabelece com os adultos é de focar que as mesmas se desenvolvem num ambiente tranquilo, numa expressão de apreço por estes, demonstrando que os reconhece como fornecedores de segurança e de tranquilidade bem como, fonte de promoção de novas experiências e aprendizagens (ver registo XXII – AEC – DLOAE). Concretamente a relação com os progenitores é de grande cumplicidade, sendo transparente o pilar que representam na

sua vida (registos I e X – AFPS), não havendo qualquer inibição na expressão de sentimentos que nutre pelos mesmos. Aliás, tanto a mãe como o pai são várias vezes referência para a criança no trabalho nas diferentes áreas de conteúdo, como se verifica, por exemplo, variadas vezes no processo de iniciação à escrita (ver registo VI – AEC – DLOAE).

Na relação interpessoal com os pares, a C relaciona-se facilmente com as outras crianças, com respeito e confiança, convivendo de modo dinâmico, positivo e pleno com estes (ver registo XIX – AFPS). Assim sendo, a criança apresenta ainda a capacidade de colaborar com os seus pares, na medida em que os ajuda a realizar tarefas, garante-lhes a oportunidade de intervirem nas suas brincadeiras (ver registo XXI – AEC – DEM) e ainda, envolve-os nas suas próprias atividades (ver registo XVI – AFPS). Todavia é notória a relação próxima que tem com as suas amigas L e B, comprovada pelo sentimento de pertença que adota ao se identificar como membro ativo daquele núcleo de amigas, mas também pelas referências múltiplas que faz relativamente às últimas.

Quando as situações assim o exigem, a C tem a capacidade de intervir, respondendo assim a situações complexas ou de maior fragilidade, de modo a ajudar todos os que estão envolvidos na mesma e, simultaneamente evitar a ocorrência de um problema (ver registo VIII – AEC – DEM e registo IX – AFPS). Nestas ocorrências é visível a sua solidariedade. Por vezes, e sempre que se verificam situações que assim o exigem, a C tem a capacidade de aceitar e respeitar as ideias e as vontades demonstradas pelos outros em relação às suas próprias realizações (ver registo V – AFPS), não provocando, mas sim controlando e evitando qualquer tipo de perturbação.

Sempre que a C assume uma responsabilidade, seja de que caráter for, compromete-se com a mesma concretizando-a na sua totalidade. (ver registo II – AEC – DM e registo XVIII – AEC-DLOAE). É ainda importante salientar o espírito de liderança que a C apresenta, quando se responsabiliza por uma tarefa (ver registo XVII – AFPS), uma vez que a criança reconhece plenamente a dinâmica da sala de atividades fá-lo plenamente, fornecendo estímulos e segurança a todos os que com ela interagem.

A C expressa sentimentos com facilidade recorrendo para tal a linguagem verbal, mas também a linguagem não-verbal, quando o faz, maioritariamente, através de desenhos (ver registo XXVII – AEC – DEP).

Em atividades que envolvem a participação de várias crianças e, por essa mesma razão, exigem a adoção de regras e de estratégias de organização, a C respeita as que são definidas, aguardando, sempre que necessário, pela sua vez. (ver registo

XXIII –ACM e registo XXIV - AFPS). É neste tipo de acontecimentos que se compreende que a criança já é capaz de conviver democraticamente.

Por curiosidade, é ainda exequível abordar a identidade que a criança assume, sempre que escreve o seu nome em muitos dos registos do portefólio, reconhecendo assim os seus próprios trabalhos e, por essa razão, assinando os mesmos.

Anexo XV – Plano de Ação (Portefólio da C)

Excerto do Plano de Ação, nomeadamente da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (AEC – DLOAE)

Data da realização – 10 de junho de 2015

Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (AEC – DLOAE)

| Categoria de Desenvolvimento | Estratégia |
|-------------------------------------|---|
| Interesse pela Leitura | Desenvolver momentos significativos de Hora do Conto, selecionando obras literárias que abordem temáticas de interesse da criança, mas também que recorram a estratégias diversificadas, como por exemplo: teatro de sombras, recursos tecnológicos, exploração de imagens, flanelógrafo, teatro de fantoches, histórias musicadas, entre outros. |
| Competências de Leitura | Estimular o interesse para a criação de uma história, em pequeno ou grande grupo, e respetivo registo da mesma, com o intuito da criança recorrer a este suporte para narrar a ação, compreendendo assim que as imagens/palavras transmitem informação. |

Anexo XVI – Categorias de análise para o 1º CEB (3º ano)

Português

Oralidade:

- Interação discursiva
- Compreensão e expressão
- Produção de discurso oral

Leitura e Escrita:

- Consciência fonémica
- Fluência de leitura
- Compreensão de texto
- Pesquisa e registo de informação
- Ortografia e pontuação
- Produção de texto

Educação Literária:

- Leitura e audição
- Compreensão de texto
- Apresentação de textos e de livros
- Produção expressiva (oral e escrita)

Gramática:

- Fonologia
- Classes de palavras
- Morfologia e lexicologia
- Sintaxe

Matemática

Números e Operações:

- Números naturais
- Sistema de numeração decimal
- Multiplicação
- Divisão
- Números racionais não negativos

Geometria e Medida:

- Localização e orientação no espaço
- Figuras geométricas
- Medida

Organização e Tratamento de Dados:

- Representação e tratamento de dados

Estudo do Meio

À descoberta de si mesmo:

- Naturalidade e nacionalidade
- O seu corpo
- A saúde do seu corpo
- A segurança do seu corpo

À descoberta dos outros e das instituições:

- Os membros da sua família
- O passado familiar mais longínquo
- O passado do meio local

- Reconhecer símbolos locais
- Conhecer símbolos regionais (bandeiras e hinos regionais)
- Outras culturas da sua comunidade

À descoberta do ambiente natural:

- Os seres vivos do ambiente próximo
- Aspectos físicos do meio local
- Os astros

À descoberta das inter-relações entre espaços:

- Os seus itinerários
- Localizar espaços em relação a um ponto de referência
- Os diferentes espaços do seu bairro ou da sua localidade
- Deslocações dos seres vivos
- O comércio local
- Meios de comunicação

À descoberta dos materiais e objetos:

- Realizar experiências (luz, ímanes, mecânica)
- Manusear objetos em situações concretas

À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade:

- A agricultura do meio local
- A criação de gado do meio local
- A exploração florestal do meio local
- A atividade piscatória no meio local
- A exploração mineral do meio local
- A indústria do meio local

- O turismo no meio local
- As construções do meio local

Educação para a Cidadania

Relação Interpessoal:

- Com o adulto
- Com os pares
- Resolução de conflitos

Autonomia Pessoal e Social:

- Identidade/Autoestima
- Independência/Autonomia
- Cooperação
- Convivência democrática/cidadania
- Solidariedade/Respeito pela diferença
- Adaptação ao meio escolar
- Independência pessoal
- Resolução de problemas
- Iniciativa

Educação para os valores /cidadania:

- Responsabilização
- Compreensão/ Expressão de sentimentos
- Respeito pela diferença

Expressão e Educação Plástica

Descoberta e organização progressiva de volumes:

- Modelagem e escultura
- Construções

Descoberta e organização progressiva de superfícies:

- Desenho (expressão livre; atividade gráficas sugeridas)
- Pintura (expressão livre; atividade de pintura sugeridas)

Exploração de técnicas diversas de expressão:

- Recorte, colagem, dobragem
- Impressão
- Tecelagem e costura
- Fotografia, transparências e meios audiovisuais
- Cartazes

Expressão e Educação Dramática

Jogos de Exploração:

- Corpo
- Voz
- Espaço
- Objetos

Jogos Dramáticos:

- Linguagem não verbal
- Linguagem verbal

- Linguagem verbal e gestual

Expressão e Educação Físico – Motora

Perícia e Manipulação

Deslocamentos e Equilíbrios

Ginástica

Jogos

Patinagem

Atividades Rítmicas Expressivas (dança)

Percursos na Natureza

Natação

Expressão e Educação Musical

Jogos de Exploração:

- Voz

- Corpo

- Instrumentos

Experimentação, Desenvolvimento e Criação Musical

- Desenvolvimento auditivo

- Expressão e criação musical

Anexo XVII – Descrição Diária relativo ao projeto (EPE)

Descrições Diárias

Nome da Criança: S

Faixa Etária: 4 anos

Observadora: Mariana Rocha (estagiária)
2015

Data: 18 de março de

Descrição

Na mesa grande da área de Expressão Plástica várias crianças desenham ossos, através da técnica de giz e leite, em cartolina preta. O principal objetivo passa pela construção do quadro de investigação do projeto “O Corpo Humano”, a partir dos mesmos. O S aproxima-se e interroga-me sobre a possibilidade de também desenhar. Ao responder positivamente ao seu pedido ele vai buscar o material necessário e, senta-se próximo de mim a desenhar um esqueleto.



Comentário

O S é uma criança que raramente seleciona a área da Expressão Plástica, não demonstrando grande interesse nem entusiasmo por atividades que impliquem desenhar e pintar. É, por isso, de valorizar esta iniciativa. Vou estar atenta às deslocações do S para esta área e desafiá-lo, sempre que os materiais e as técnicas sejam distintas, a explorar as mesmas, à semelhança do sucedido.

Anexo XVIII – Registo contínuo relativo ao projeto (EPE)

Registo Contínuo

Faixa Etária: 3/4 anos

Data: 19 de maio de 2015

Observadora: Mariana Rocha (estagiária)

Contexto de Observação: Envolvência da comunidade educativa (criança de outro grupo da instituição)

A certa altura, a Irmã Sofia bate à porta da sala, trazendo consigo o Salvador e a sua mãe. Este comunica que ao saber que estamos a investigar acerca do Corpo Humano lembrou-se de nos trazer um livro para a sala (a criança pertence a outro grupo), de forma a nos ajudar, mas também com o intuito de nos comunicar tudo o que já sabia.

Assim, numa primeira fase o Salvador envolveu-se nas atividades que estavam a ser promovidas, nomeadamente a visualização de sangue a partir e em diferentes recursos como a lupa, o microscópio e o microscópio com televisão. De seguida, auxiliando-se da cadeira de contar histórias da biblioteca, começou por apresentar o seu livro solicitando auxílio à educadora da sala, “Quando eu não souber explicas tu, está bem?”. A apresentação foi interessante, dado que o livro e a informação presente no mesmo veio enriquecer algumas das informações sobre as quais o grupo já tinha conhecimentos.

Após este momento e aquando da seleção da área de trabalho, por parte das crianças do grupo, algumas destas foram com o Salvador para a área da biblioteca, de modo a darem continuidade à exploração do seu livro.

No fim da manhã a criança indicou que uma vez que o grupo precisava mais do livro do que ele, este poderia ficar na nossa sala.





Anexo XIX – Ficha de Resultados do Perfil de Implementação do Programa – PIP

| | |
|----|---------------------|
| T1 | 01 de março de 2015 |
| T2 | 10 de junho de 2015 |

| I – Ambiente Físico | T1 | T2 |
|--|----|----|
| 1. Sala dividida em áreas de trabalho bem definidas | 4 | 5 |
| 2. Espaço de trabalho adequado em cada área | 4 | 5 |
| 3. Sala segura e bem conservada | 5 | 5 |
| 4. Materiais ordenados e etiquetados | 2 | 3 |
| 5. Materiais adequados para várias crianças | 4 | 4 |
| 6. Variedade de materiais reais à disposição | 3 | 5 |
| 7. Materiais acessíveis às crianças | 5 | 5 |
| 8. Equipamento de grandes músculos à disposição | 2 | 3 |
| 9. Materiais que desenvolvem consciência de diferenças | 3 | 4 |
| 10. Materiais promovem o desenvolvimento em todas as áreas | 4 | 5 |

| II – Rotina Diária | T1 | T2 |
|--|----|----|
| 11. Adultos implementam rotina diária consciente | 5 | 5 |
| 12. A rotina inclui tempo adequado para planejar, trabalhar e rever | 4 | 5 |
| 13. Variedade de estratégias de planificação usadas | 4 | 4 |
| 14. Variedade de estratégias de lembrar usadas | 3 | 5 |
| 15. Equilíbrio de Atividades de grande e de pequeno grupo | 3 | 5 |
| 16. As crianças concretizam as suas ideias em atividades organizadas pelos adultos | 5 | 5 |

| III – Interação Adulto – Criança | T1 | T2 |
|---|----|----|
| 17. Os adultos observam, perguntam, repetem e desenvolvem a linguagem | 4 | 5 |
| 18. Os adultos participam nas brincadeiras das crianças | 3 | 4 |
| 19. Conversa adulto – criança equilibrada e natural | 5 | 5 |
| 20. Os adultos encorajam jogos com linguagem falada/escrita | 4 | 5 |
| 21. Os adultos encorajam resolução de problemas e independência | 3 | 5 |
| 22. Os adultos encorajam a cooperação entre crianças | 4 | 5 |

| | | |
|--|---|---|
| 23. Os adultos mantêm limites razoáveis | 5 | 5 |
| 24. Os adultos mantêm – se atentos a toda a sala de aula | 4 | 5 |

| IV – Interação Adulto – Adulto | T1 | T2 |
|---|----|----|
| 25. O <i>staff</i> usa o modelo de ensino em equipa | 4 | 4 |
| 26. O <i>staff</i> usa o processo de planificação em equipa e avaliação em equipa | 4 | 4 |
| 27. O <i>staff</i> usa o Registo de Avaliação da Criança | 3 | 4 |
| 28. O <i>staff</i> completa o Registo de Observação da Criança | 3 | 4 |
| 29. O <i>staff</i> envolve os pais no programa | 5 | 5 |
| 30. <i>Staff</i> envolvido na formação contínua em serviço | 4 | 4 |

| | | |
|--|-----|-----|
| Total do Resultado de Versão Integral | 115 | 137 |
|--|-----|-----|

Anexo XX – Nota de Campo sobre a autoavaliação (1º CEB)

Nota de Campo

Observadora: Mariana Rocha (estagiária)
de 2015

Data: 26 de outubro

Semanalmente, à sexta-feira, em tempo de Educação para a Cidadania os alunos da turma preenchem uma grelha de autoavaliação dos comportamentos e das atitudes. Uma vez que os dias de estágio são de segunda a quarta-feira, nunca me tinha sido possível observar tal dinâmica.

Na manhã da segunda-feira, 26 de outubro, pela realização da Feira das Computas na sexta-feira anterior, o “Chefe de Turma” distribui as grelhas de autoavaliação, que ainda não tinham sido preenchidas pelos colegas. Para cada um dos indicadores da grelha os alunos, individualmente e, por ordem de lugares, vão sugerindo a cor (vermelho, laranja, amarelo ou verde) com que acham que devem pintar a cara correspondente. De acordo com a sugestão, a docente diz se concorda ou, pelo contrário, dá exemplos de algumas situações sobre as quais o aluno deve refletir, de forma a verificar se a cor sugerida é mesmo a verdadeira. Em algumas situações, outros colegas da turma também participavam e exponham situações que pudessem justificar positivamente a escolha sugerida ou o contrário. No final, cada aluno cola a respetiva grelha no caderno de trabalho de casa, para que o encarregado de educação possa assinar a respetiva grelha.

Comentário

Antes de mais, gostaria de referir que me parece pertinente o momento selecionado para a realização desta atividade de avaliação, nomeadamente o tempo de Educação para a Cidadania, no término da semana.

Quanto à dinâmica em si e, tratando-se de uma turma de 3º ano do 1º CEB, se o grande objetivo passa pela promoção de reflexão e consciencialização dos comportamentos e a atitudes, parece-me que a correspondência de uma cor a uma cara (com expressão facial específica) não dará origem a grandes resultados, até porque muitos dos alunos, pela observação que fiz, têm sempre as mesmas cores nos mesmos parâmetros, o que significa que o ideal da situação, isto é, o pensar e implementar estratégias de melhoria fica aquém do esperado.

A postura adotada pela docente cumpriu o propósito de regulação e de orientação do processo de ensino-aprendizagem, para que cada aluno pudesse tomar consciência do saber apropriado, identificando assim sucessos atingidos e obstáculos a ultrapassar. O Despacho Normativo n.º1/2005, de 5 de janeiro, pressupõe isso mesmo, que a avaliação formule um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens e das competências definidas para cada uma das disciplinas. Apresentando, desse modo, uma função reguladora, na medida em que contribui para reformular e planificar a intervenção educativa. De realçar que apesar de a professora ter assegurado feedbacks individualizados, a situação ideal é que os mesmos ocorram de forma sistemática ao longo do processo de aprendizagem e, não apenas, no momento de comunicação dos resultados atingidos.

A estratégia utilizada para comunicar com a família os resultados atingidos por cada educando, apenas permitia dar a conhecer o resultado em si e possíveis comentários presentes na ficha, pelo que importa definir melhor a estratégia de comunicação, para que a família seja presença no processo de aprendizagem, como agente facilitador do mesmo.

Os resultados atingidos, de forma global pela turma, em cada uma das disciplinas exige tempo para refletir e definir estratégias de intervenção, de forma a reorientar o processo de ensino-aprendizagem, particularmente no caso da Matemática.

Anexo XXII – Entrevista da conferência Criança – Família (Portfólio da C)

Questões para os pais preencherem, em momento posterior à realização da conferência, enviada em conjunto com uma carta explicativa de tal momento.

Qual a postura adotada pela C no decorrer da realização da conferência criança-família?

De que forma é que a sua filha evidenciou o sentido e o significado que atribui às situações e experiências de aprendizagem vividas?

Considera que a C identifica as suas conquistas e progressos ao longo da concretização do portfólio?

Como perceciona a evolução da criança ao longo da realização do portfólio, nomeadamente ao nível das suas escolhas e justificações ou ainda, comentários e reflexões apresentadas para cada registo?

Na sua opinião, quais as competências que a realização do portfólio permitiu à C desenvolver com maior eficácia?

Descobriu alguma capacidade que a sua filha já possui e que era ainda desconhecida para si?

Acha pertinente a inclusão de mais algum registo no portfólio? Se sim, em que área de conteúdo seria?

Qual a sua perspetiva sobre o portfólio enquanto instrumento de (auto)avaliação da criança?

Quais as sugestões que daria para melhorar o processo de construção do portfólio de criança?

**Anexo XXIII – Registo selecionado pelo adulto
(Portfólio da C)**

Registo II



Data da situação – 13 de abril de 2015

Data dos comentários – 14 de abril de 2015

Escolha realizada por – Mariana (estagiária)

Áreas de Conteúdo – Área da Expressão e Comunicação - Domínio da Matemática (AEC-DM); Área de Formação Pessoal e Social (AFPS).



Comentário da Mariana (estagiária) – No decorrer da semana a Clara marcou a sua presença diária no quadro de entrada única, em fila horizontal, o que já evidencia a sua capacidade para preenchimento e compreensão de uma tabela de dupla entrada.

Comentário da Clara – *São as presenças. É quando eu fazia em fila!*

Indicadores de desenvolvimento

AEC -DM – Leitura de tabelas – Faz a correspondência da sua fotografia a cada dia da semana.

Sequência e Tempo – Identifica a sequência dos sete dias da semana, assim como o facto de ao sábado e ao domingo não frequentar o Jardim de Infância.

AFPS – Responsabilidade – Assegura-se que a sua presença é marcada sempre que se encontra presente na sala de atividades, do Jardim de Infância.

Independência Pessoal – Assinala, sem auxílio, a sua presença na tabela de entrada única.

Anexo XXIV – Registo selecionado pelo adulto (Portfólio do S)

Registo II



Data da situação – 17 de novembro de 2015

Data dos comentários – 18 de novembro de 2015

Escolha realizada por – Mariana (estagiária)

Disciplinas – Português e Educação para a Cidadania.

**Ficheiro audiovisual gravado em
CD.**

Comentário da Mariana (estagiária) – Em colaboração com o colega de turma Miguel Martins, o Sebastião realizou uma atividade sobre palavras homónimas, na qual descobriu a palavra “fecho” e, os significados distintos que a mesma pode adquirir (fecho das calças e fecho enquanto verbo). Conseguiu ainda, apresentar os resultados obtidos de forma clara e explícita, no programa televisivo “Palavratório”. Ainda, em parceria com o colega Miguel Martins, descobriu uma nova palavra homónima, “penso”, apresentando duas frases, nas quais diferenciou o significado que a mesma pode adquirir (penso enquanto verbo e relativo a objeto).

Comentário do Sebastião – O que mais gostei foi aparecer no programa televisivo do 3ºB, no canal “Palavratório”! Foi muito fácil descobrir a palavra homónima “penso” porque eu próprio estava a pensar para conseguir descobrir uma palavra!

Indicadores de desenvolvimento

Português

Gramática:

- Morfologia e lexicologia: Conhece as principais características das palavras homónimas: grafia e som igual e significado distinto.

Oralidade:

- Compreensão e expressão: Expressa-se de forma clara, transmitindo oralmente mensagens explícitas.

Educação para a Cidadania

Relação Interpessoal:

- Com os pares: Relaciona-se com os colegas de turma, de forma harmonioso, interagindo e trabalhando com estes, de forma a atingir resultados significativos na aprendizagem.

Autonomia Pessoal e Social:

- Cooperação: Colabora com os colegas na realização prática de uma atividade.

Anexo XXV – Registo selecionado pela criança (Portfólio da C)

Registo XXII



Data da situação – 27 de maio de 2015

Data dos comentários – 28 de maio de 2015

Escolha realizada por – Clara

Áreas de Conteúdo –Área da Expressão e Comunicação – Área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (**AEC - ALOAE**); Área do Conhecimento do Mundo (**ACM**); Área de Formação Pessoal e Social (**AFPS**).



Comentário da Clara – *Eu gostei muito deste dia por isso eu, chamo-me Clara, fiz a experiência do vomitado com essa bolinha azul e nesse saquinho branco. Também fizemos a experiência da bolacha que era assim: - Era muito fixe! Nós comemos a bolacha e sentimos o tato, o paladar e os ouvidos que fizeram assim: trach, trach (imita o som) e depois trincamos e sentimos a bolacha a ir pela garganta. A professora Margarida, que é da tua escola, disse que no outro dia de manhã ia-nos dar vontade de fazer xixi e de fazer cocó, que era da bolacha.*

Comentário da Mariana (estagiária) – A manhã experimental há muito que era aguardada pelas crianças, por isso a Clara ao se aperceber da concretização da mesma

demonstrou grande entusiasmo. Importa particularmente focar a atenção em capacidades que a criança já possui, como é caso: a compreensão de um discurso oral com conceitos específicos relacionados com o corpo humano (processo de digestão). É ainda capaz de reproduzir discursos, fazer a correspondência entre palavras e ações concretas, mas também descrever os distintos momentos de uma ação.

Indicadores de desenvolvimento

AEC – ALOAE – Compreensão – Assimila informação exposta oralmente; Traduz a informação em ações concretas; Expõe, sequencialmente, os distintos momentos de uma ação experimental.

Oralidade – Traduz a informação escutada através da resposta fornecida, a partir de um discurso oral claro e completo.

ACM – Biologia – Realiza experiências associadas ao processo de digestão. Identifica os cinco sentidos, identificando os mesmos numa experiência concreta.

AFPS – Relação Interpessoal com adultos – Interage com um adulto, recorrendo para tal a um discurso oral articulado e claro.

Anexo XXVI – Registo selecionado pelo aluno (Portfólio do S)

Registo VI

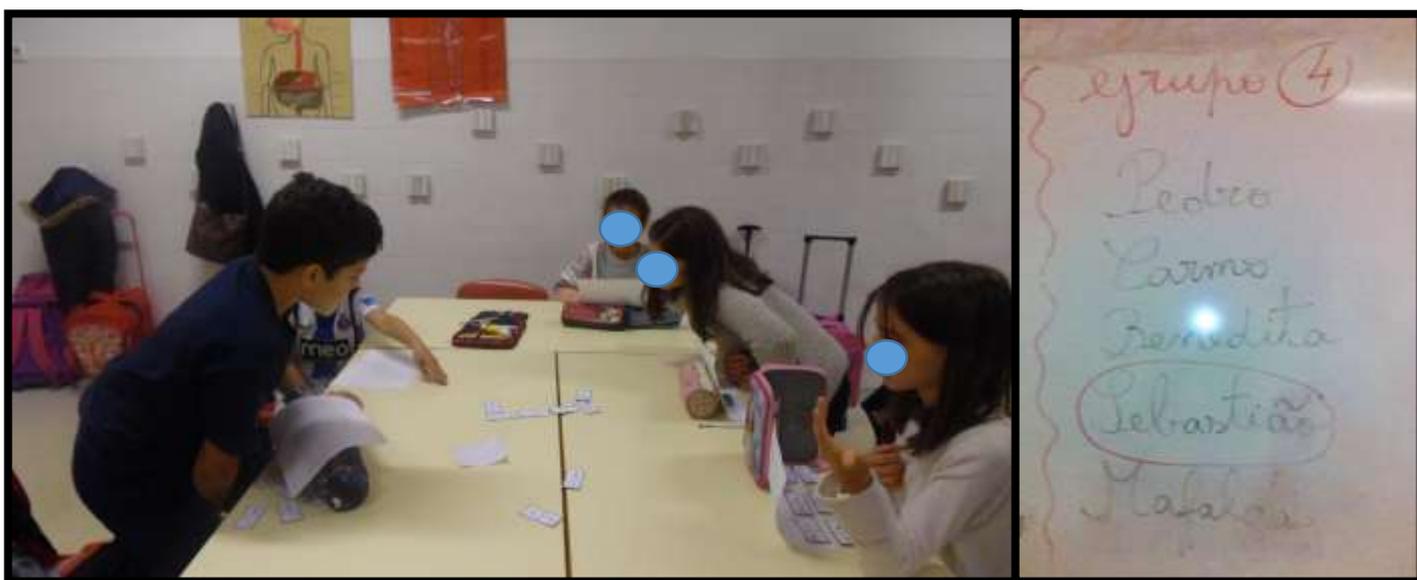


Data da situação – 07 de dezembro de 2015

Data dos comentários – 09 de dezembro de 2015

Escolha realizada por – Sebastião

Disciplinas – Matemática e Educação para a Cidadania.



Comentário do Sebastião – Na atividade do “Dominó da tabuada” o meu grupo era: o Pedro, a Mafalda, a Benedita e a Carmo. Gostei de ganhar! Tive mais dificuldade em fazer as multiplicações e mais facilidade em descobrir o resultado dos números que se multiplicavam, mas a grelhas das tabuadas ajudou-me.

Comentário da Mariana (estagiária): Em grupo, com os colegas Pedro, Carmo, Mafalda e Benedita, o aluno participou no jogo “Dominó da Tabuada”. De salientar que o Sebastião ganhou a partida, o que significa que cumpriu com eficácia os principais propósitos do jogo isto é, responder a operações de multiplicação e descobrir a operação para um resultado apresentado. Importa ainda referir que antes de se iniciar o jogo a turma preencheu uma tabela de dupla entrada com as tabuadas da multiplicação de 1 a 10, tarefa que o Sebastião cumpriu sem dificuldade.

Indicadores de desenvolvimento

Matemática

Números e Operações:

- Multiplicação: Tabuadas do 1 ao 10 – Conhece os produtos das tabuadas de 1 a 10, comprovando tal no preenchimento de uma tabela de dupla entrada e ainda, no jogo do “Dominó da Tabuada”.

Educação para a Cidadania

Relação Interpessoal:

- Com os pares – Relaciona-se com os pares, sobretudo com os colegas de equipa, de forma a conseguir concluir com sucesso o jogo.

Autonomia Pessoal e Social:

- Cooperação – Colabora com os pares sempre que os últimos apresentam dificuldade na resolução de uma multiplicação.

- Convivência democrática/cidadania – Participa no jogo, adotando uma postura de interajuda.

- Resolução de problemas – Apresenta soluções para momentos problemáticos, como a suposta inexistência de cartão com o resultado de uma multiplicação.

Anexo XXVII – Amostragem de Acontecimentos (EPE)

Amostragem de Acontecimentos

Objetivo de Observação: Experiência de diálogo e promoção de aprendizagens significativas, em tempo de acolhimento

Faixa Etária: 4 anos

Data: 11 de maio de 2015

Observadora: Mariana Rocha (estagiária)

Tempo: 09h30min –

10h30min

| Antecedente | Comportamento | Consequente |
|---|---|---|
| No momento de acolhimento, a M, com o apoio da educadora, esteve a apresentar um livro que trouxe acerca do Corpo Humano, nomeadamente informações relativas aos bebés e ao seu nascimento. | O G demonstrou interesse, participando ativamente no diálogo estabelecido, com intervenções como as seguintes: “Os meninos têm “ténis”, não é?”, ou ainda à questão “Que semente deixa o pai na barriga da mãe?”, a resposta: “estetozóides”. A educadora valorizou todas as participações do G, incentivando-o a comunicar tudo o que já sabia e/o queria descobrir. | Após o acolhimento o G selecionou a Área da Plástica para trabalhar, realizando o seguinte desenho:  |

Anexo XXVIII – Grelha de Observação (1ºCEB)

| Indicador de Aprendizagem: Aplicar o algoritmo da multiplicação de dois algarismos. | | | | |
|--|---|---|---|---|
| | 1 | 2 | 3 | Observações |
| R | | | X | A R resolve os exercícios de aplicação, com facilidade, evidenciando compreensão do conteúdo. |
| L | X | | | A L demonstra dificuldade na aplicação do algoritmo da multiplicação por dois algarismos, |

| | | | | |
|---|---|---|---|--|
| | | | | uma vez que inicia o processo pelo algarismo das dezenas. |
| Z | X | | | O Z não consegue ainda fazer o algoritmo, limitando-se à estratégia da decomposição para a resolução dos exercícios. |
| N | | | X | O N não apresenta dificuldades na resolução, inclusive, demonstrou conseguir resolver o algoritmo da multiplicação por dois algarismos também através da estratégia de decomposição. |
| S | | X | | O S já aplica o conteúdo em estudo de forma suficiente, sendo o seu erro o não alinhamento dos produtos parciais com as ordens respetivas. |

Legenda: 1 – Com dificuldade; 2 – De forma suficiente; 3 – Facilmente

Anexo XXIX – Registo de Incidente Crítico (EPE)

Registo de Incidente Crítico

Nomes das Crianças: F e Q

Faixa Etária: 3/4

anos

Observadora: Mariana Rocha (estagiária)

Data: 21 de abril de 2015

Incidente

Na hora de almoço o F, ao reparar que a Q estava distraída, não comendo desse modo os panados com massa, e mesmo sem ter ainda terminado a sua refeição, pegou no garfo da amiga e começou a auxiliá-la na tarefa. A Q reagiu positivamente ao comportamento adotado pelo colega, cooperando com este.



Comentário

A situação anteriormente descrita evidencia a iniciativa e a responsabilidade que o F assumiu ao ajudar a Q a almoçar. A autonomia do primeiro na resolução de um problema deve também ser realçada, uma vez que não recorreu a nenhum adulto para adotar tal postura. É de reforçar a necessidade de estar atenta a pormenores cruciais que retratam claramente a cumplicidade e a relação interpessoal existente entre pares, como o relatado

